

Azul é para Pesadelos



Livro 1

Laurie Faria Stolarz





<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Créditos

Comunidade do Orkut: Traduções e Digitalizações



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Digitalizado Por:



Isadora Iwahashi



♪♪ Lynn ♥♪



Mademoiselle Letícia Machado



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog - <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>



Série: Azul é para Pesadelos - Laurie Faria Stolarz

(Uma das autoras do livro "Love is Hell")

- 1 - Azul é para Pesadelos - Blue is for Nightmares (Já lançado no Brasil)
- 2 - Branco é para Magia - White is for Magic
- 3 - Prateado é para Segredos - Silver is for Secrets
- 4 - Vermelho é para Lembranças - Red is for Remembrance
- 5 - Black is for Beginnings (Título em português ainda não divulgado)

Sinopse: EU CONHEÇO O SEU SEGREDO...

O primeiro ano de Stacey no colégio interno não está sendo fácil. Ela não é a garota mais popular do colégio, nem a mais inteligente, sequer a mais bonita. Ela está apaixonada pelo namorado da sua melhor amiga e tem um segredo ainda mais obscuro que ameaça arruinar de vez suas amizades.

De repente, ela começa a ter pesadelos novamente. Mas não é qualquer tipo de pesadelo, esses sonhos são reais demais para se ignorar, como ela fez há três anos. Da última vez que ela os ignorou, infelizmente uma garotinha morreu. E dessa vez eles são sobre Drea, sua melhor amiga que se tornou o alvo de um psicopata.

Como todos são suspeitos em potencial, Stacey precisa contar com a única arma secreta que ela pode confiar - uma antiga magia ensinada por sua avó. Será a magia de Stacey forte o suficiente para revelar o verdadeiro assassino, ou será o assassino que fará seus mais pesadelos se tornarem realidade?

Abas: “Vovó costumava acender uma vela igual àquela, todas as noites antes de ir para a cama, mas só depois que eu fiz doze anos resolvi perguntar o porquê da vela ser azul. Lembro-me dela olhando para mim, seus olhos pesados, devido ao tempo, aos anos. Ela apagou a vela com um sopro e franziu a testa. Mesmo assim, ela respondeu. Uma afirmação que até hoje me faz pensar:

— Porque o azul é para pesadelos - ela diz. - Para fazê-los irem embora ou para trazê-los de volta, depende de como você a usa.

— Você tem pesadelos?”



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

- *A Autora:*

Laurie Faria Stolarz cresceu em Salem, Massachussets, onde recebeu uma boa dose de inspiração, criatividade e paixão, elementos essenciais para a Literatura Juvenil Adulta, para escrever seus livros.

Autora bestseller premiada pela America Library Association, Laurie já ultrapassou a marca de 500 mil exemplares vendidos em apenas com a sua série Azul é para pesadelos, título também do seu primeiro livro, seguido por Branco é para Magia, Prata é para Segredos e Vermelho é para Lembranças.

Laurie é autora de 11 livros e trabalha atualmente em outros 3 novos projetos.

Agradecimentos

Primeiramente eu gostaria de agradecer aos membros de meu grupo de escritores - Lara Zeises, Steven Goldman e Tea Benduhn que deram-me apoio e incentivo durante os inúmeros rascunhos deste romance. Suas amizades, seus conselhos e suas críticas sinceras foram verdadeiramente valiosos para mim. Ajudaram-me a fazer desta obra um livro melhor e tornaram-me uma escritora melhor.

Ed, acho que você deve ter lido, no mínimo, cerca de noventa e sete rascunhos deste romance. Nunca vou conseguir agradecê-lo o bastante por sua amizade, seu amor, sua paciência e seu apoio.

Tive muita sorte de ter professores tão inspiradores. Obrigada, Lisa Jahn-Clough, por seus conselhos, encorajamento e por ajudar a nutrir meu amor pela literatura para jovens adultos. Também gostaria de agradecer a Jéssica Treadway por seu apoio e entusiasmo por *Azul*, e, finalmente, agradecer à dra. Mary Kay Mahoney, que me estimulou e acreditou em minha, escrita, nos estágios iniciais. Eu acredito de verdade que, se não fosse esse encorajamento, talvez eu nunca tivesse perseguido de maneira tão séria a paixão pela escrita.

Obrigada às editoras da Llewellyn, Megan Atwood e Becky Zins, que me ofereceram tantos conselhos editoriais úteis, comentários sinceros e tanto entusiasmo por *Azul*, que acreditaram o suficiente em Stacey e sua turma para vê-los em uma continuação.

Obrigada aos muitos outros amigos e familiares que leram trechos ou rascunhos deste romance em todos os estágios: mamãe, Lee Ann, Delia, Sara, Haig e todo mundo da sala de aula de Lisa.

Agradeço ao tenente Fran Hart, do Departamento de Polícia de Burlington, Massachussets, por responder todas as minhas perguntas relacionadas à parte policial da história, e também à Dra. Kathryn Rexrode por responder todas as minhas perguntas relacionadas à parte médica.

Finalmente, obrigada à minha mãe, por seu infinito amor e apoio, que me ensinou como ler as cartas e passar adiante alguns dos contos e poções que sua mãe e as gerações de mulheres antes dela lhe ensinaram.



1

Les são sempre iguais. É sempre noite, e estou numa floresta, procurando por Drea. O ruído de seu corpo escondido em algum lugar atrás de mim. Galhos se quebram, folhas estalam. O vento sopra em meus ouvidos, umedecendo meus olhos. E a dor em meu estômago: aguda, crua, implacável. Real.

Meus pesadelos fazem com que eu tenha muito medo de dormir.

Seguro a faca para escrever. Pego a vela intacta e gravo as iniciais D.O.E.S. no lado redondo, enquanto pequenos flocos de cera azul brilhante se soltam da superfície a cada risco da lâmina.

São as iniciais de Drea, mas ela não suspeita de nada e continua escrevendo em seu diário como faz todas as noites, sentada na cama a alguns metros de distância.

Depois da última curva da letra "S", ponho a lâmina de lado e tiro um ramo de sálvia da gaveta. Está bem seco, pronto para ser queimado, suas folhas retorcidas e acinzentadas. Prendo o ramo com um pedaço de barbante para não soltar muita fumaça e diminuir as chances de eu me meter em encrenca. Em seguida, coloco-o no pote de cerâmica laranja ao lado de minha cama.

— Já vai dormir? - Drea pergunta.

— Já, já - respondo enquanto destampo a garrafa de azeite de oliva e pingo algumas gotas em meu dedo.

Ela acena com a cabeça e boceja, enquanto tampa a caneta bico de pena e fecha seu diário.

— Só me faça um favor, não bote fogo no quarto. Tenho uma apresentação de história importante amanhã.

— Bom motivo para um incêndio - respondo brincando.

Drea e eu somos colegas de quarto há pouco mais de dois anos. Ela já está acostumada a esses rituais.

Geralmente se vira para o lado e puxa as cobertas até o queixo.

— É melhor não ficar acordada até tarde. Você não tem uma prova de francês amanhã de manhã?

— Tá bom, mamãe.

Observo enquanto ela fecha os olhos, relaxa os lábios e os músculos do rosto preparando-se para dormir. É de dar raiva. Mesmo depois da meia-noite, sem um pinga de maquiagem, nem um traço de corretivo, com os cabelos presos num rabo de cavalo, ela consegue continuar linda - a maçã do rosto saliente, lábios rosados e carnudos, cachos dourados e olhos amendoados com cílios longos e negros. É por isso que todos os garotos de Hillcrest são a fim dela e que todas as garotas a odeiam - e que Chad continua por perto, mesmo depois de terem terminado três vezes.

Toco a ponta da vela com meus dedos oleosos.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Assim na terra - sussurro. E depois toco a base.

— Como no céu - molho meu dedo no óleo e toco no centro. Deslizo meu dedo para cima, volto ao centro e depois para baixo, comando o cuidado de manter as letras gravadas viradas para mim, para que ela não as veja.

— Não seria mais fácil untar tudo de uma vez só? - pergunta Drea, com os olhos abertos, observando-me.

Vou virando a vela no sentido anti-horário, bloqueando as letras com minha mão, e continuo untando-a do mesmo jeito.

— Talvez, sim, mas isso poderia confundir as energias.

— É claro - ela diz, virando-se para o outro lado. - Quanta ignorância de minha parte.

Quando a vela está totalmente untada, acendo-a com um palito de fósforo longo, e a coloco no porta-velas de prata que minha avó me deu antes de morrer. É o meu preferido, primeiro por ter sido dela, e depois, por parecer um patinho, com a alça curvada na base.

Fecho meus olhos e me concentro na lua pálida lá fora, em como está uma noite apropriada para mandar tudo embora, em como a sálvia e a vela com o nome gravado vão me ajudar. Coloco fogo no ramo de ervas e fico observando enquanto ele queima; as folhas se retorcem e dançam na chama alaranjada até ficarem negras e desaparecerem, e eu rezo para que meus pesadelos desapareçam do mesmo jeito.

Quando a salvia finalmente está reduzida a cinzas, levo o pote de cerâmica até a pia e encho-o de água, observando enquanto a fumaça acinzentada sobe em curvas sinuosas.

Volto para minha cama e coloco a vela na mesa de cabeceira, com as iniciais de Drea voltadas para mim. Em seguida, tiro uma caneta preta da gaveta e traço um "A" maiúsculo na palma de minha mão: A de avó, para que eu sonhe com ela esta noite, e com nada mais.

Enfio-me debaixo das cobertas e observo a vela queimando, as letras derretendo, o "D" de Drea já pela metade.

Finalmente fecho os olhos e me preparo para dormir.



2

Sento na frente de minha avó na mesa da cozinha, devorando um de seus famosos sanduíches de ovo frito e um saco de batatas fritas amanhecidas. Observo suas mãos segurando um bolinho inglês e admiro o anel de ametista em seu dedo indicador - uma grande pedra violeta que ocupa quase o dedo inteiro.

— Pegue - ela diz quando percebe meu olhar fixo no anel e tenta tirá-lo do dedo. Não sai. Ela vai até a pia e ensaboa as mãos para lubrificar a pele.

— Tudo bem, vó. Não precisa.

— Eu quero - ela insiste, tirando o anel e entregando-o para mim. - Experimente.

Experimento. Cabe como uma luva.

— Então o anel é seu. Eu comprei quando você nasceu. Estava esperando o momento apropriado para dá-lo a você. Veja as iniciais na parte de dentro.

Eu o tiro do dedo e dou uma espiada - as letras S. A. B. estão gravadas no ouro. Stacey Ann Brown.

— É lindo - digo, devolvendo o anel.

— Não - ela diz. - Quero que fique com ele. Já está na hora. Além disso, cabe melhor no seu dedo do que no meu.

Coloco-o de volta no dedo e lhe dou um beijo na bochecha.

— Obrigada, vovó - peço licença e saio para tomar um pouco de ar. Já é noite. O céu parece um manto negro salpicado de pequenas luzes brilhantes. Uma longa nuvem de ar condensado sai por entre meus lábios e meus dentes começam a bater.

Ouçõ alguém me chamando, gritando no quintal. Caminho na direção do som, passo pela cerca e chego ao bosque. A cada passo, o som se torna mais alto, mais insistente.

— Drea? É você?

A voz é parecida com a dela. Imagino que ela teve outra briga com Chad e veio procurar-me na casa da vovó.

Com os braços estendidos eu corro na direção do choro que começo a ouvir. Mas preciso parar. Sinto uma dor profunda logo abaixo do estômago. Coloco as mãos sobre minha barriga, inspiro e expiro. Tenho que fazer xixi.

Dou uma olhada na direção da casa, mas não consigo vê-la por causa da vegetação. Tudo está muito escuro. Até mesmo os pequenos pontos de luz que eu vi no céu estão encobertos pelos galhos escuros.

Ouçõ o estalo de um galho se quebrando atrás de mim. E outro.

— Drea?

Aperto meu abdome com a mão, numa tentativa inútil de segurar minha urina dentro da bexiga, e sigo cambaleando em direção da voz distante, afastando



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

os galhos com a outra mão. Sinto a terra transformar-se em lama sob meus pés. O que me faz caminhar cada vez mais devagar até parar por completo para tomar fôlego.

Ouçõ a voz de Drea cada vez mais longe, nas profundezas da floresta. Tento ouvir algum som, algo que me faça saber se ainda estou sendo seguida. Mas só há o som do vento, passando por entre as folhas secas do outono, assobiando em meus ouvidos.

Dou um passo curto e sinto a terra afundar, engolindo meu pé na lama pegajosa. Mais estalidos de galhos atrás de mim.

Tento sair da lama, escapar, mas quando puxo o pé, meu tênis se perde no barro.

A dor invade meu estômago. Luto para escapar, me segurando em um tronco, mas acabo escorregando, caindo sentada, encharcando minhas calças de lama.

Conto até dez bem devagar, e junto bem minhas coxas, mesmo sentindo que não vai demorar muito para eu me molhar toda.

— Stacey - uma voz masculina sussurra na escuridão.

Fecho os olhos e enterro minha cabeça entre as pernas. Os gritos longínquos de Drea transformam-se num gemido. Ela está me chamando novamente; chamando meu nome.

— Você não vai se esconder, Stacey - ele sussurra.

Não posso desistir. Vasculho o chão em busca de uma pedra ou um galho para me defender. Acho uma pedra. Não é muito grande, mas tem uma bela ponta afiada.

Olho para o céu, procurando a estrela do norte para me dar direção. Aperto os olhos e pisco com força para encontrá-la, mas o esforço é em vão. As luzes estão escondidas atrás das copas das árvores.

Engatinho para fora da lama, luto para me levantar com a pedra na mão e sigo cambaleando por vários minutos entre os galhos que arranham meu rosto como garras, até chegar a uma pequena clareira circular. Olho para cima e entre as copas das árvores, vislumbro a lua em seu quarto crescente.

Um movimento nos arbustos chama minha atenção. Olho para aquela direção, pisco algumas vezes e vejo a figura de um homem em pé entre duas árvores a alguns passos de distância. Ele não se mexe, nem eu. Ele apenas estende o braço, como se para mostrar o que está segurando. É algum tipo de buquê.

Aperto meus olhos para enxergar, aproveitando a luz da lua. E então começo a ver com mais clareza - o tamanho, a cor, o formato das pétalas abrindo-se como sinos. São lírios.

Eu sei o que lírios significam.

Corro o mais rápido que posso, meus pés patinam desengonçados sobre folhas e galhos.

Então eu paro, comprimo meus olhos e ouço um grito escapar de minha própria garganta. E meu pé descalço. Coloco as mãos e sinto um graveto fino profundamente fincado na sola do pé. Cravo os dentes no polegar por alguns segundos até que consigo engolir um pouco da dor aguda. Não posso ficar aqui.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Preciso fugir. E tem que ser rápido. Tenho que arrancar o graveto, mas a dor no estômago não me deixa abaixar.

Cerro os dentes, contraio os músculos da coxa e rezo para que tudo acabe. Umedeço os lábios e aperto as pernas com mais força. Mais forte.

Não é o suficiente. O líquido quente escorre por minhas coxas. Minhas calças ficam ensopadas. Contraio as pernas tentando conter o fluxo para que ele não me ouça, mas meus músculos doem de tanto esforço. Sinto meu rosto tenso, meus olhos cheios de lágrimas. Não consigo mais segurar. O xixi escorre por minhas coxas e ouço os pingos sobre as folhas.

— Stacey - ele murmura. - Eu conheço o seu segredo.

A voz é lenta e grossa, seu hálito está tão próximo de minha nuca que me viro com tudo, tentando golpeá-lo.

Abro a boca para gritar, mas minha garganta está tapada, cheia de lama. Lama por toda parte. Nas narinas. Nos olhos. Agarro meu pescoço tentando não sufocar e percebo que ainda tenho a pedra na mão. Enfio minhas unhas em suas ranhuras e a atiro. Com força.

Crash. O som do vidro quebrado preenche meus sentidos. Quando as luzes se acendem, estou sentada.



- **S**tacey! - Drea grita, após ter pulado da cama e acendido a luz.
— Você está bem?

Coloco as mãos no pescoço e me permito respirar, minha garganta já não está mais cheia de lama. A janela na frente de nossas camas está quebrada e grandes cacos de vidro estão espalhados pelo chão.

Olho para Drea. Ela está sentada ao meu lado na cama, olhando-me, esperando por uma resposta, uma explicação.

Mas como posso dar alguma explicação se não tenho a menor ideia do que aconteceu?

— Sim, estou bem - respondi, puxando as cobertas até a cintura e encolhendo as pernas.

— Eles continuam, não é?

Não é segredo para ninguém que tenho tido esses pesadelos recorrentes desde o início das aulas, só não entendo por que continuo molhando a cama por causa deles.

— Tomara que a madame Descarga não tenha acordado.

Madame Descarga é o apelido da sra. LaCharge, a diretora residente do dormitório. Ela tem esse apelido porque toda vez que ela passa, ouve-se um ruído estranho vindo de suas calças, e ela está sempre com cheiro de cachorro molhado. Mas quem sou eu para caçoar de alguém? Gasto todo meu dinheiro extra com incensos e essências florais para encobrir meu pequeno problema.

— O que foi que você jogou? - Drea pergunta. Olho para o outro lado da cama. A vela azul com suas iniciais gravadas está pela metade, até a letra O. Não é à toa que o feitiço não funcionou como deveria.

— Deve ter sido meu cristal de rocha - digo, notando o espaço vazio ao lado da luminária.

— Tomara que não tenha quebrado.

— Os cristais são mais fortes que os vidros. Amanhã de manhã eu o procuro lá fora.

Fico aliviada quando Drea se levanta de minha cama para verificar o estrago. Puxo a manta de lã dos pés da cama e a estico até a cintura, me perguntando se o cheiro dos incensos e das velas é o suficiente para disfarçar o cheiro produzido debaixo das cobertas durante os pesadelos.

— Acho que isso vai quebrar o galho - Drea tira de dentro do guarda-roupa uma velha blusa de *hockey* de Chad. Fico me perguntando por que ela ainda guarda isso; eles não estão mais juntos desde o ano passado. Mas já que ela a está usando para reparos domésticos, creio que não preciso ter ciúmes.

— O que você está fazendo? - pergunto.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Você vai ver - ela pega um punhado de grampos de sua penteadeira e calça os tamancos com estampa de oncinha, aqueles com salto plataforma de dez centímetros.

— E você dizia que eu nunca teria a oportunidade perfeita para usar isso - ela caminha até a janela e fecha as cortinas alaranjadas. Ainda sobra um espaço de uns quinze centímetros entre elas.

— Pagamos uma fortuna por essa escola e olha só o que recebemos: vidro barato, cortinas cafonas e curtas. Sabia que alguns alojamentos da Escola Fryer têm até *jacuzzi*? Se não estivesse no penúltimo ano, talvez até pensasse em mudar de escola.

Uma lufada de vento invade o quarto causando um balé aéreo de anotações de literatura que estão em cima da penteadeira.

— Você poderia pegar para mim? - ela pede.

Finjo que não escuto e enterro o nariz na letra A desenhada na palma de minha mão, pensando no porquê de meu feitiço não ter funcionado. Amo Drea como uma irmã, mas não quero mais sonhar com ela. Não quero saber o futuro antes que ele aconteça.

Não quero reviver o episódio de três anos atrás.

Dou uma espiada no desenho em aquarela pregado na parede. Maura, a garotinha de quem eu tomava conta, e eu, estávamos sentadas juntas em um balanço de madeira.

— Que tal? - Drea pergunta, referindo-se ao *patchwork* que ela criou na janela. O espaço entre as cortinas foi totalmente coberto pela blusa de *hockey* de Chad, com o número zero estampado, virado para mim, como se fosse uma mensagem subliminar.

Eu aprovo, fazendo um *OK* com os dedos.

— Espero que isso não deixe o frio entrar, mas para esta noite resolve. Quem sabe, talvez eu ligue para Chad. Ele pode vir me esquentar - ela levanta as sobrancelhas e sorri.

Pergunto-me se ela sabe o que sinto por ele, se joga essas pequenas bombas só para me enlouquecer.

— Vamos fazer o seguinte - diz ela -, você limpa os vidros e eu chamo o conserto amanhã. Tenho certeza que vamos conseguir alguém para trocá-lo. Especialmente se reclamarmos para a segurança.

Ela pega sua bolsa e começa a revirá-la. É um modelo de grife, comprado em Florença nas férias de verão - dois tons de marrom com pequenas letras F maiúsculas estampadas. Ela puxa uma carteira também estampada com o F, combinando perfeitamente com a bolsa e tira dela algumas notas.

— Vou descer e pegar duas *Cocas Light* na portaria. Quer vir comigo?

— Não, obrigada. Vou ficar e limpar o vidro.

Ela dá de ombros e vira-se sobre seu salto plataforma. Observo-a sair antes de pular da cama. O tecido de algodão de minha calça de moletom está encharcado na parte de trás e pingando no meio. Os lençóis também estão ensopados e um odor agridoce exala da poça no centro do colchão. Por mais nojenta que seja toda essa cena, estou ficando cada vez mais acostumada com isso, do mesmo jeito que as mães se acostumam a trocar



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

fraldas sujas. No entanto, jamais tive esse problema antes, nem mesmo quando criança. E o pior de tudo é que não posso contar a ninguém, nem para Drea.

Reviro as gavetas de minha cômoda em busca de outra calça de moletom azul. Puxo um par de jeans escuros, um casaco preto, duas calças de veludo e uma malha de lã antes de finalmente encontrar o que procuro. Só que este moletom é cinza. Espero que Drea não perceba.

Arranco a calça encharcada e chuto-a para debaixo da cama. Minha imagem refletida no espelho de trás da porta me assusta; olhos, nariz e boca cercados por uma pele pálida, um pouco mais manchada do que de costume. Olhos castanhos com veias finas e vermelhas.

Os cabelos escuros caindo pesados sobre os ombros, cabelos que um dia tiveram volume e brilho, que foram motivo de inveja de todas as minhas amigas.

Viro-me de lado e examino meu corpo. Noto minha cintura fina e o traseiro começando a ficar saliente. As pernas, tão diferentes daquelas bem torneadas que se mostravam nos *shorts* azuis do verão passado. Fico imaginando quando foi a última vez que me olhei no espelho, quando foi que aconteceram todas essas mudanças.

Mas já conheço a resposta. Tinha a aparência muito melhor antes de eu voltar para a escola, antes de começarem os pesadelos.

Limpo as pernas como posso, com uma toalha de rosto úmida, enfio as calças de moletom cinza e dou uma espiada na sapateira no canto do quarto. Ali está o par de tênis amarelo, aquele que eu estava usando no pesadelo. Cada cadarço tem uma conta de madeira na ponta. Em cada conta, está gravado o símbolo da neutralidade, duas meias-luas unidas por uma linha. Este é meu tênis favorito, mas não o uso desde o início do ano por causa dos pesadelos.

Abro a gaveta da mesa de cabeceira e tiro um incenso cônico com aroma de almíscar e um frasco de lavanda. O cone é do tamanho de meu polegar e exala um odor masculino ao ser queimado. Derramo algumas gotas de óleo na ponta dos dedos antes de umedecer a superfície do cone. A combinação de aromas é suficiente para disfarçar a eau *de toilette* que venho produzindo desde o início das aulas, e da qual, felizmente, madame Descarga não tem reclamado.

Sei que tenho que me apressar. Drea pode chegar a qualquer minuto. Enfio as mãos ao lado da cama e apanho alguns sacos plásticos. Toda vez que vou ao supermercado trago alguns de reserva; agora tenho um verdadeiro estoque.

Arranco os lençóis encharcados da cama, descobrindo os sacos plásticos que coloquei para proteger o colchão. Eles também estão ensopados. Enrolo-os como posso, os enfio debaixo do criado-mudo e rapidamente arrumo os lençóis limpos sobre a cama. O lençol de baixo é um pouco mais difícil. Arrumo um dos cantos, o outro, e quando tento arrumar o terceiro, o primeiro sai do lugar.

— Outro acidente? - pergunta Drea, parada na porta, com os braços carregados de latas de *Coca Light* e barras de chocolate das máquinas do *hall*.

— Odeio quando isso acontece - ela aponta para os lençóis enquanto sinto meu rosto congelando.

— A pior parte é limpar o sangue - ela continua. - Geralmente mando para a lavanderia. Foi por isso que você se trocou?

Afirmo com a cabeça.

— Um viva à alegria de ser mulher.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Alívio. Ela não sabe.

Enquanto Drea arruma as guloseimas recém-adquiridas no frigobar lotado, chuto os lençóis encharcados para debaixo da cama e enfio os quatro cantos do lençol limpo sob o colchão.

— Estou sentindo que você resolveu acender um incenso - ela diz. - Você anda usando bastante esse negócio ultimamente.

Ignoro o comentário e ando descalça até o vidro quebrado. Começo a varrer usando uma escova de cabelo que não uso há dias e faço meu caderno de matemática como pá, orgulhosa por fazer bom uso de ambos.

Vou em direção ao cesto de lixo, levar os cacos, mas paro subitamente no meio do caminho. Comprimo meus olhos. Cerro meus dentes. Ouço um grito semelhante ao miado de um gato saindo de minha garganta. A dor sobe pelas pernas, pela espinha e se espalha pelos ombros e pescoço.

Deixei passar um caco de vidro. Levanto meu pé e viro-o para examinar. O caco em forma de diamante ainda está ali enfiado.

— Vou ligar para a enfermaria. - Drea exclama. - Você precisa de uma ambulância?

— Não. Acho que consigo tirar - manco até a cama para dar uma olhada. Vejo por onde o vidro penetrou. Um corte seco, lateral. Respiro fundo, agarro a ponta saliente e arranco o caco de meu pé num só movimento. Um grande caco vermelho pingando sangue.

— Eeeeeca! - Drea se atira na cama, afogando o rosto no mar de florzinhas cor-de-rosa estampadas no acolchoado.

— Preciso que você vá até minha gaveta de feitiços - digo para ela. - Quero que você pegue uma batata.

— Uma batata?

— Por favor.

Ela vira os olhos para cima enquanto se dirige à última gaveta de minha cômoda e escolhe uma batata graúda.

— Corte-a ao meio. Deve ter uma faca de plástico na bandeja de prata.

— Devo me preocupar? - ela pergunta.

— Só se você não se apressar.

Drea corta a batata crua ao meio e a entrega para mim. Pressiono a superfície branca e úmida contra a pele por um tempo para estancar o sangue, um remédio caseiro que todas as mães usam. Pingo algumas gotas de limão no corte e enfaixo-o com a gaze do kit de primeiros socorros.

— Tem certeza que está tudo bem? - ela pergunta.

— Estou bem. Você está bem?

— Na verdade estou um pouco tonta. Vou ligar para a enfermaria,

— Para mim ou para você? - brinco. - São duas da manhã. Daqui a pouco vai estar melhor.

Subo na cama e puxo as cobertas que estão no chão.

— Sabe o que é estranho?

— Mais estranho do que você e sua batata?

— Ha-ha - pego a vela derretida com as iniciais de Drea e a enfio na gaveta da mesinha. - Eu também cortei o pé em meu pesadelo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Hummm, isso é estranho mesmo. Mas às vezes os pesadelos se tornam realidade.

Hesito, querendo dizer algo, mas não digo. Mesmo sabendo que mais cedo ou mais tarde terei de lhe contar. Terei de contar para alguém.



São quatro e trinta da madrugada quando o telefone de nosso quarto toca. Estou acordada, folheando exemplares antigos de umas revistas adolescentes de milhões de anos atrás, tentando não pensar nos lírios de meu pesadelo.

Interrompo com satisfação a leitura do horóscopo de dezembro passado, que me recordou o fracasso da vida amorosa dos taurinos. Atendo ao telefone.

— Alô?

— Drea está? - a voz desconhecida é de um garoto. Parece lenta, abafada, distante.

Dou uma olhada nela e respondo:

— Ela está dormindo.

— Acorde-a.

— Hum... Acho que não. Mas peço para ela te ligar em alguma hora mais apropriada, quando as pessoas costumam estar acordadas. Posso saber quem está falando?

— Um amigo.

— Você poderia ser mais específico?

Mas em vez de responder, ele desliga. E eu também.

— Quem era? - pergunta Drea, sonolenta.

— Um cara querendo falar com você. Mas não disse quem era.

Drea sorri.

— Você sabe quem é? — pergunto.

— Talvez.

— Quem?

— É só um cara com quem ando conversando.

O telefone toca de novo.

— Alô?

Dessa vez não há resposta.

— Alô? - repito.

— Me dê aqui - diz Drea.

Passo o telefone para ela, que vira para o lado, encolhida como uma bolinha, cochichando para que eu não consiga escutar. Talvez Chad finalmente esteja disponível.

Olho para sua camisa pendurada sobre a janela fechada e fico imaginando ele nela: as mangas arregaçadas até os cotovelos, apertada nos ombros largos. De repente, sinto ímpetos de me levantar e afundar o nariz na camisa e me perder numa orgia hormonal. Mas sei que Drea ficaria furiosa comigo se eu ousasse pisar num raio de um metro de distância da relíquia.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Após uma longa conversa cheia de cochichos, Drea desliga e eu continuo hipnotizada pela camisa.

- Quem é ele? - pergunto.
- Ninguém - ela responde, sorrindo com malícia.
- Como assim ninguém?
- Não quero falar sobre isso agora - diz ela.
- Por quê? Qual é o grande mistério?
- Vamos mudar de assunto, tá? Não tem nenhum mistério.
- Tá bom - respondo virando a página de um anúncio de xampu na revista.

Não sei por que tanto segredo.

- A camisa do Chad veio a calhar - diz ela, mudando de assunto.
- Por que você ainda a guarda?
- Não sei - responde, enrolando uma mecha de cabelo no dedo e levando-a até os lábios, fazendo um bigode. - Ela é macia e ainda tem o cheirinho dele, a colônia que ele usa, o cheiro de sua pele depois do banho.
- Você acha que ainda vão voltar a namorar? - pergunto.
- Sem dúvida. Somos parecidos em tudo. É só uma questão de tempo.

Encolho-me debaixo das cobertas e tento imaginar seu cheiro. Lembro do dia em que devoramos muitos pedaços de torta de cereja no concurso de comer tortas de boas-vindas aos alunos de Hillcrest; a tarde que passamos juntos procurando pinhas - um projeto da aula de ciências ambientais - e quando limpamos o campus da escola no dia da Terra; quando quase nos beijamos e... depois, quando nos beijamos. Mas por algum motivo, embora meu sangue se agite só de pensar em tudo isso, não consigo me lembrar de seu cheiro, do perfume sexy e morno de que Drea está falando.

Batidas na porta.

- Alguém pediu serviço de quarto?

É Amber, nossa amiga do andar de cima. Vou mancando até a porta, ainda sentindo a dor do corte, e a deixo entrar.

- Não conseguia dormir de jeito nenhum - diz ela passando por mim. - Depois resolvi dar uma volta, ouvi vocês duas batendo papo e achei que podia participar.

- Que sorte a nossa - comenta Drea.
- Ah, meu Deus - Amber encolhe os braços. - Está totalmente gelado aqui dentro.
- Tivemos um acidente - Drea aponta para a janela.
- Que saco - Amber checa a cortina-camisa em menos de um segundo.
- Amber, são quatro e quarenta da madrugada, por que você está acordada?

— Fome. Vocês têm alguma coisa para comer? Estou faminta - ela dança animada até o frigobar de Drea, rebolando com seu pijama de flanela estampado de sapatinhos verdes e cor-de-rosa. Faz cara de "eeecaa" diante do conteúdo da geladeira - a língua ligeiramente curvada para o lado, um olho fechado e outro virado para cima - mesmo assim pega uma barra de granola.

- E vocês, por que estão acordadas?
- Estamos acordadas porque um cara estranho ligou para Drea, mas ela não quer falar sobre isso.
- Quem era? - Amber pergunta.
- Um cara aí - responde Drea.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Vamos lá, Deia, abra o jogo - diz Amber. - Informações, por favor.

— Não tem informação nenhuma. É só um cara com quem tenho conversado. Só isso.

— Quer dizer que Chad já era? - Amber pergunta, esticando um elástico laranja em seus dedos com as unhas pintadas de lilás.

— Nunca.

Alcanço minha mochila jogada no chão ao lado da cama e tiro um baralho do bolso lateral.

— Ah, Stacey - Amber começa. - Não me diga que você vai fazer uma poção do amor. Estou dentro, hein? Faz tanto tempo, não é?

— Ah, pelo amor de Deus - diz Drea.

— Você precisa se divertir um pouco, garota. Você tem dezesseis anos, está no auge da vida, num colégio interno antiquado que tem um menino para cada quatro meninas. Uma forcinha não faz mal a ninguém, se é que você me entende.

— Para sua informação, eu me divirto e muito - responde Drea.

— Eu sei. Já li na parede do banheiro masculino.

— E o que você estava fazendo no banheiro masculino? - pergunto.

— Estava escrevendo sobre mim mesma. Os garotos precisam saber que estou em circulação.

— Talvez você consiga alguma coisa se colocar um *outdoor* no meio da estrada - diz Drea. - Há quanto tempo você não sai com alguém, um ano?

Amber mostra a língua para Drea revelando uma boca cheia de granola.

— Para sua informação, faz seis meses. Quase o mesmo tempo desde que você e Chad terminaram. Deus do céu! - Faz séculos que vocês terminaram.

— Come aí a granola - Drea replica.

— É preciso mais do que granola para manter esses lábios fechados - diz Amber. - Olha, já que você não pretende fazer nenhuma poção do amor, eu vou vazar. Tenho que pintar as unhas dos pés.

Reparo nas carinhas sorridentes, azuis e cor-de-rosa, com alguns olhos faltando ou sorrisos pela metade, que estão pintadas nas unhas de seus pés. Ela acaba pegando emprestado um vidro de acetona em minha escrivaninha, uma barra de chocolate e duas latas de *Coca Light* do frigobar de Drea, antes de sair.

Enquanto isso, como tenho certeza de que não vou mais conseguir dormir, e já que as cartas estão devidamente embaralhadas, quando Drea me pede para ler seu futuro, eu não recuso, embora devesse.

Sentamos com as pernas cruzadas sobre a cama, as cartas entre nós e grossas velas roxas acesas sobre os criados-mudos. De acordo com as normas, não podemos acender velas ou incensos nos quartos, mas ninguém dá bola para as normas, mesmo. Além disso, madame Descarga está tão ocupada com a vida dos participantes do *Big Brother* em sua TV portátil, que nem percebe.

— Corte o baralho em três - peço. - E faça um pedido antes da terceira vez.

— Por que velas roxas? - ela pergunta.

— Para nos ajudar a ter revelações - olho para meu anel de ametista, lembrando-me que sonhei com o dia em que o ganhei de minha avó, quando tinha doze anos, logo antes de sua morte.

Drea corta o baralho e retira sete cartas de cada monte para formar outro.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Para você - digo posicionando a primeira carta para baixo.
— Para sua família - posiciono a segunda carta ao lado da primeira. Coloco mais quatro cartas viradas para baixo citando suas categorias:
— Para o pedido. Para o que você espera. Para o que você não espera. Para o que certamente vai acontecer.
— Por que você não usa cartas do tarô? - Drea pergunta.
— Porque elas não são tão verdadeiras. Minha avó me ensinou a ler cartas comuns, do mesmo modo que ela aprendeu com sua tia-avó. Do jeito verdadeiro. Coloco as cartas restantes sobre as outras, formando montes de três e quatro. Sobram duas cartas que deixo de lado.
— Essas são as cartas-surpresas.
Viro o monte do desejo revelando um nove de espadas, um valete de copas, um dois de ouros e um três de espadas, e sinto minha expressão murchar.
— Qual o problema?
— Você fez um pedido relacionado ao Chad.
— Como você sabe?
Aponto para o valete de copas,
— Um jovem de cabelos claros ao lado de um nove de espadas.
— O que quer dizer o nove de espadas?
— Desapontamento. O dois de ouros me diz que ele vai lhe convidar para sair. Mas vai cancelar no último minuto.
— E o três de espadas?
— O três de espadas representa lágrimas.
— Isso é surpreendente.
Coloco o monte do desejo de lado voltado para baixo.
— Quer que eu continue?
Ela faz que sim com a cabeça.
Pego o monte "o que você não espera" e espalho as três cartas que são: ás de ouros, cinco de ouros e ás de espadas.
Sinto meu rosto duro como pedra.
— O que foi?
— Nada - digo, virando as cartas para baixo.
— Se não é nada, então me diga.
— Tenha cuidado, está bem?
— Cuidado com o quê?
Não posso responder. Não posso pronunciar as palavras. Isso pode torná-las verdadeiras.
Drea olha para o lado para evitar meu olhar; como ela sempre faz quando não consegue o que quer.
— Tudo bem, esqueça - ela diz. - Não precisa me dizer. Não tenho tempo para brincadeiras.
Por um momento me concentro na chama da vela, observando uma gota de cera que escorrega pela lateral. Não sei o que dizer, como dizer ou mesmo se devo dizer.
Pego as cartas de volta e espalho-as com os dedos. Engulo seco, tento pensar rapidamente em algo convincente para dizer. Mas em vez disso, digo:



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Cuidado para não dizer algo de que possa se arrepender.

A expressão em seu rosto é a de um ponto de interrogação.

— O quê?

— Você entendeu, cuidado com o que diz - minha voz falha.

— Cuidado com o que diz? Fala sério!

— Você pode brigar com alguém por causa disso. Alguém muito próximo.

— Estou sempre fazendo isso - ela diz. Uau, Stacey! Você é uma vidente de verdade. Deveria abrir uma barraca e começar a cobrar.

Ela vira as pernas para o lado da cama.

— Tenho que checar meus *e-mails*.

Detesto ter que mentir, mas é melhor do que lhe contar a verdade. Nem mesmo quero encará-la. Recolho as cartas, mas deixo o monte "o que você não espera" de lado.

— Por que Chad me enviou isso? - Drea aponta para seu computador.

— O que é isso?

— Um *link* estranho sobre rimas infantis. É "A Casa que Jack Construiu."

Aproximo-me para olhar. Numa animação de computador, um homem usando macacão e um cinto de ferramentas caminha enquanto empilha longas tábuas de madeira para construir uma casa. Em segundos, a construção está pronta e o homem começa a pintá-la de bege.

— Isso é meio diferente - Drea comenta.

Quando a pintura fica pronta, um gato branco pula do parapeito de uma janela e persegue um rato na varanda da casa. O homem limpa o suor da testa e dá o toque final: uma placa de boas-vindas em letras douradas na porta da frente.

Drea clica na porta. Uma mulher com cara de vovó usando um longo vestido cor de pêssego e um avental de babados aparece na varanda. De dentro do avental ela tira um pequeno livro vermelho intitulado "Rimas Infantis".

"*Essa é a casa que Jack construiu*", diz a mulher com cara de vovó. "*Esse é o rato que comeu do prato que estava na casa que Jack construiu.*"

— Seja lá quem for, tem um senso de humor bem estranho - comento.

A voz fina continua.

"*Esse é o gato que caçou o rato, que comeu do prato que fica na casa que Jack construiu.*"

— Chad é tão estranho - Drea ri. - Outro dia eu lhe disse que estava tendo dificuldades para dormir. Acho que é isso que ele entende por cantiga de ninar. Para me embalar antes de dormir, sabe? Ele é tão gentil.

Ela fecha a página e checa outra mensagem.

— Tem algo de Donovan - diz ela, enquanto lê no monitor.

— Ele não vai à aula de saúde e quer minhas anotações emprestadas - Drea responde rapidamente e envia a mensagem.

— Você sabe que isso é só um pretexto - digo voltando para a cama. - Provavelmente ele vai faltar na aula só para pedir seu caderno emprestado. Como se a aula de saúde tivesse alguma importância.

Drea sorri, ela sabe que é verdade.

— Mais nada do Chad - ela suspira.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Você não acha que "A Casa que Jack Construiu" é o suficiente para uma noite?

— Acho. E acho que sinto falta dos *e-mails* de boa noite que ele me mandava - diz, enquanto volta para cama e se enfia sob as cobertas. - Boa noite.

— Você quer dizer bom dia - coloco as cartas de Drea na gaveta da mesa de cabeceira e puxo o cobertor até os ombros. - Ainda temos uma hora e meia antes do despertador tocar. - Uma hora e meia olhando para o teto, pensando nas cartas de Drea e naquilo que eu não pude dizer.

Sem chance de eu cair no sono agora.



5

Prova final de francês. Escorrego na cadeira, cravo os dentes no lápis e folheio as quatro páginas do teste. O subjuntivo de *pouvoir*? O pretérito imperfeito de *aller*? Por acaso madame La Soneca está de brincadeira? Ela disse que a prova seria fácil.

A classe está imersa num silêncio sepulcral enquanto a traidora vai e vem entre as fileiras, tentando pegar alguma cola, provavelmente rindo por dentro por causa de minha cara suada e retorcida, cheia de dúvida. Enquanto ela se dirige ao outro lado da sala, PJ, que senta ao meu lado, e Amber, duas cadeiras à frente, apontam silenciosamente para a tintura azul cintilante que madame exibe hoje em seus cabelos. Sem dúvida um caso de emergência para a *Loreal* de Paris. Mas não entendo porque PJ acha isso tão engraçado. Afinal, ele mesmo tingiu seus cabelos com mais frequência do que um camaleão muda de cor. Hoje ele optou por mechas verde-exército para combinar com a cor do esmalte da unha.

— Mais dez minutos - anuncia madame Lenore. - Stacey, acorde!

Desvio o olhar do feio vaso de cerâmica sobre sua mesa - presente de um ex-aluno que, segundo a madame, apreciava os valores da disciplina e do trabalho duro. Traduzindo: um autêntico puxa-saco.

PJ desliza sua prova até o canto de sua carteira e depois em minha direção. Mas tudo que consigo enxergar são as miniaturas de personagens de histórias em quadrinhos jogando cartas e comendo *cheese-burgers* que ele desenhou nos cantos.

— Faça sua prova, por favor - dispara madame. Arranco a borracha da ponta traseira do lápis com os dentes e sinto-a entalada em minha garganta. Ato reflexo: a borracha vermelha babada é lançada de dentro de minha boca diretamente para o cabelo à prova de balas de Verônica Leeman. Ensaio um pedido de desculpas, mas com todo aquele gel e *spray* de cabelos, ela nem mesmo percebe o incidente.

PJ se retorce para frente e para trás em gargalhadas silenciosas, segurando a barriga com as mãos.

— Mandou bem - ele murmura. Acho que Verônica percebe a gozação, pois se vira para ele e mostra o dedo do meio.

Eu, de minha parte, estou muito cansada para rir. Preciso mais de sono do que dessa prova. Além disso, qualquer tentativa de preencher os espaços em branco seria um desperdício de grafite. De qualquer forma, vou implorar à madame por uma segunda chamada. Para que desperdiçar energia e material escolar?

De repente, sinto meus olhos se fecharem e, literalmente, luto para manter minha cabeça em pé. Escorrego um pouco na cadeira, com esperança de que o encosto me mantenha ereta, parecendo acordada.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

PJ ainda está rindo, não mais silenciosamente. Sua boca está totalmente aberta e sua língua verde por causa do chiclete de menta que está saindo da boca como uma serpente furiosa. Ele bate os punhos contra a mesa histericamente, mas ninguém parece prestar atenção. Ninguém sequer olha.

Não tenho tempo para divagar sobre o tema injustiça na sala de aula, porque, de repente, tenho que fazer xixi. Já! Coloco as mãos no abdômen, cruzo as pernas e sinto uma gota de suor escorrendo pela testa. Levanto a mão para pedir licença, mas madame simplesmente ri de mim. Ela se senta na frente da classe e começa a corrigir meu teste, embora eu ainda não o tenha entregue e ele ainda esteja sobre minha carteira, bem ali em minha frente. Mas esse pequeno detalhe não a impede de corrigir minha prova, pois, logo em seguida, lá está ela exibindo-a para todos: um 0 vermelho e gigante no alto da folha.

Ao ver a prova, PJ gargalha ainda mais, e sua língua serpenteia dentro da boca, querendo escapar. Madame faz um aviãozinho de papel com a folha da prova e o atira em minha direção. O aviãozinho circula pela sala algumas vezes e aterrissa bem no meio de minha carteira. Desdobro a folha e vislumbro o aglomerado de palavras escritas em letras vermelhas garrafais: VOCÊ MATOU MAURA E DREA SERÁ A PRÓXIMA.

— Não, não fui eu! - grito. - Não matei ninguém!

Acordo com meu próprio grito e vejo que todos estão encarando-me. Levo alguns segundos para compreender que peguei no sono bem no meio da classe.

Olho para meu teste. Ainda está em branco, pedindo o subjuntivo e o pretérito imperfeito. PJ toca meu braço com sua mão pesada de pulseiras e até isso me assusta.

— Stacey? - diz madame. Ela levanta de sua cadeira e me examina de cima a baixo, como se esperasse encontrar algum defeito físico.

Não tenho ideia do que dizer. Risadinhas abafadas se espalham pela classe.

— Por favor, continuem trabalhando - diz madame. - Stacey, você está bem?

Faço que sim com a cabeça.

Mais risadas, agora vindas de Verônica Leeman e de suas amigas sebosas.

— Espero que isso não seja alguma brincadeira - madame olha para elas e depois para mim.

Balanço a cabeça negativamente.

— Acho melhor você entregar seu teste e ir para a diretoria. Já.

Os pés da cadeira riscam o piso de linóleo enquanto me afasto da carteira. Quero deslizar para fora como a língua de PJ, mas não posso. Tenho que correr, caso contrário, não chegarei a tempo ao banheiro. Todos na classe, exceto Amber e PJ, voltam relutantes para os inúteis tempos verbais do francês. Caminho para a frente da classe e entrego minha prova em branco para madame. Ela não diz mais nada e nem eu. Saio da classe decidida a impedir que algo aconteça. Tenho que salvar Drea e tirar Maura de minha cabeça para sempre.



 jantar de hoje está péssimo. Mas já que fiquei sem almoçar depois da aula de francês, morta de vergonha pelo que aconteceu, estou pronta para comer qualquer coisa. Pego uma das bandejas verde-limão, jogo os talheres em cima e dou uma espiada por sobre a fila de cabeças para tentar decifrar o que vem a ser a gororoba cinza depositada nos pratos. Torta de carne: pedaços de carne moída gordurosa no meio de um purê de batatas ralo e milho verde aguado. Tão nojento.

Verônica Leeman está em minha frente na fila. Procuro o pedaço de borracha em meio à sua massa de cabelo, mas não consigo encontrá-lo. Droga. Ela percebeu. Estou atrás dela, e ela me olha como se eu fosse um inseto morto.

Verônica Leeman é uma das poucas pessoas no mundo que eu adoro odiar. No primeiro ano do ensino médio ela organizou um protesto no meio da aula de álgebra. Às doze horas e um minuto em ponto, todos os alunos, menos ela e suas três amigas clones, jogaram seus livros. Ela e suas amigas permaneceram sentadas em suas carteiras, com os braços cruzados, fingindo não entender o que acontecia. Resultado: o resto da classe, inclusive eu, pegou uma semana de castigo infernal com o senhor Milano, o professor de biologia, que resolveu dissertar por horas a fio sobre sua tese - os hábitos de acasalamento dos répteis.

A fila anda e eu e Verônica somos as próximas. Observo sua careta para as opções de almoço.

— Torta de carne? - pergunta a funcionária da cantina com uma colher de sorvete cheia de gororoba apontada para o prato de Verônica.

— Que horror - ela diz mexendo as unhas vermelhas num sinal de “pare”.

— Quem consegue comer isso?

— Você, agora - responde a senhora.

— Eu, não. Sou vegetariana.

A funcionária joga um pouco no prato de Verônica.

— Experimente.

— Você não me escutou? Sou vegetariana. Ve-ge-ta-ri-a-na. Não como a-ni-mais. Qual palavra você não entendeu?

A funcionária da cantina pega o prato de cerâmica de volta batendo-o no balcão, e entrega a ela um sanduíche embrulhado em papel celofane com a etiqueta ATUM.

— Desde quando peixe deixou de ser animal? Você não tem salada?

— Só milho e purê de batatas.

— Tudo bem. Eu quero.

A água do milho respinga no rosto de Verônica enquanto a funcionária da cantina lança o punhado amarelo em seu prato com a colher de sorvete. Perfeito.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Muito obrigada - Verônica joga o prato na bandeja e sai. Pego o sanduíche deatum rejeitado e sento numa mesa no canto da cantina, onde o pessoal do grupo de teatro se reúne.

Não costumo me sentar ali, mas quero um pouco de paz e sossego e sei que eles estão sempre muito envolvidos em discussões sobre a dura infância de Hamlet para se importarem com o episódio da aula de francês. Além disso, sentada aqui tenho a oportunidade de rever os acontecimentos,

Primeiro penso nas cartas. Elas dizem que Chad vai convidar Drea para sair e depois cancelar o programa no último minuto, mas isso não é nenhuma novidade. Desde que os conheço, ambos estão sempre dando canos um no outro.

Também saiu um ás de paus, o que significa que vai receber uma carta; o cinco de paus significa um pacote. Mas a carta que mais me assustou foi o ás de espadas, a carta da morte, que apareceu bem no meio das outras duas.

A carta da morte, exatamente como os lírios.

Corto meu sanduíche em pedacinhos, me lembrando de uma Páscoa em que minha avó ficou completamente alucinada quando um vizinho trouxe um buquê de lírios de presente. Ela picou todas as flores, inclusive os caules, e jogou tudo na lata de lixo. No dia seguinte, me levou a uma floricultura e passou horas me ensinando o significado das flores - e como os lírios representam a morte.

O homem em meu sonho segurava um punhado deles.

E quanto ao cheiro de lama? Era tão forte em meu pesadelo; só de pensar, consigo senti-lo agora.

— Oi, Stacey - Chad coloca sua bandeja na frente da minha. Está lotada com a quantidade habitual de comida: três sanduíches de presunto, dois sacos de batata frita, dois bolinhos com glacê, três caixinhas de leite, uma maçã e uma banana.

Ele não costuma sentar conosco na cantina. Sendo o supergoleiro do time de hockey de Hillcrest, Chad passa a maior parte do tempo com seus parceiros de time. Desconfio que ele queira alguma coisa.

— Oi, Stacey - Drea senta-se ao lado dele.

Amber e PJ se juntam a nós, cada um de um lado meu. Silêncio sepulcral, mas sinto o riso crescendo dentre deles, como uma garrafa de água com gás prestes a explodir.

— Tudo bem - digo. Mandem ver.

— O quê? - pergunta PJ. O que está acontecendo, Stacey? Você está com uma cara cansada. Não conseguiu recuperar o sono na aula de francês? Estava muito ocupada matando gente?

Gargalhada geral - a explosão de água gasosa. PJ pede "bate aqui" para Amber por cima de minha cabeça.

— Histéricos - digo. - Não tenho dormido bem ultimamente e cochilei na aula de francês. Qual o problema?

— Acho que você deveria falar com alguém sobre isso, Stacey - diz Drea. - Talvez um terapeuta especializado em problemas do sono, algo assim.

— E como se isso não fosse o suficiente... - acrescenta PJ - alguns segundos antes de cochilar, ela dá uma de exorcista e vomita no cabelo da boneca de cera.

— Um pedaço de borracha - corrijo. - E eu cuspi, não vomitei.

Como se fizesse alguma diferença.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Falando do diabo... - Amber aponta para a mesa à nossa direita. Verônica está sentada com suas amigas, apontando para PJ e para mim e emitindo o cacarejo estridente que ela chama de risada. Ela encara PJ, faz o L de *loser*¹ com os dedos e o exibe na testa. Suas amigas "maria vai com as outras" a imitam.

PJ se concentra em seu jantar, fingindo que não se importa.

— Fala sério! - exclama Amber. - Não abaixe a cabeça. Mande essa vadia passear. Stacey, jogue um feitiço nela. Faça-a ficar gorda.

— Todo feitiço que eu jogar volta para mim três vezes. Acho que já engordei o suficiente esse trimestre.

— Você tem toda razão - diz Amber dando uma olhada em minha cintura.

Amber sabe ser bem cruel.

— Não vale a pena - PJ despeja um pouco de refrigerante de laranja no leite, um ritual diário que ele considera delicioso, e sorve em ruidosos goles.

— Como eu detesto essa menina. Queria que ela morresse.

— Você não está falando sério.

— Como você sabe?

Acho que não sei mesmo. Mas é estranho ouvir PJ falar assim sobre alguém. Justo PJ, que se recusa a matar mosquitos por causa do castigo do carma e que foi pego no ano passado tentando soltar o coelho da senhora Pinkerton no laboratório de química.

— Por falar em morte - Amber começa -, sonhar que matou alguém no meio da aula de francês é meio assustador, você não acha, Stacey?

Ela abre seu sanduíche de manteiga de amendoim e acrescenta uma camada de batatas fritas sabor molho de churrasco.

— Você acha que tem alguma coisa a ver com os pesadelos que você anda tendo? - Drea aproxima sua cadeira da de Chad.

— Pesadelos? - PJ vira-se para mim. - Não sabia que você andava tendo pesadelos. Que loucura. Conte aí.

— Será que eu não devia ter contado? - pergunta Drea.

— Por que não? - diz Amber - Todo mundo sabe que às vezes Stacey consegue prever uns troços sobre as pessoas nos sonhos. Estou esperando ela fazer umas previsões para mim. Tipo, quando o Brantley Witherall vai me ligar.

— Acho que você já ligou o suficiente este ano - comenta Drea.

Amber mostra a língua para Drea, exibindo um *piercing* gigantesco.

— Talvez ele já tenha me ligado - ela pega o celular dentro de sua bolsa da *Hello Kitty*. Aperta algumas teclas esperando que ele funcione.

— Adivinhe - diz Drea. - Bateria descarregada.

— Por que eu sempre me esqueço?

— Porque você se chama Amber - Drea dá uma garfada num pedaço de tomate. - Guarde o celular antes que a gente se meta em encrenca.

Hoje, a senhorita Amsler, nossa professora de ginástica, está tomando conta do jantar, mas felizmente está muito interessada no que a funcionária desleixada está servindo para se preocupar com celulares ou *piercings*.

Olho minhas batatas fritas e percebo que as arrumei em forma de coração. Totalmente aflita com as intermináveis manobras que meu subconsciente faz

¹ Loser: em inglês, significa "perdedor", "fracassado". (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

para me envergonhar, cubro as batatas com os restos do sanduíche e checo se Chad não reparou.

Ele está me encarando com um sorrisinho curvado para a esquerda.

— E então, o que acontece nesses pesadelos? - pergunta, enquanto afasta a mais perfeita mecha loiro-areia da frente de dois, igualmente perfeitos, olhos azuis-esverdeados.

— Bem, ainda não está muito claro - engulo em seco, e minha voz desafina na palavra muito. - Tem um cara, e ele está me seguindo.

— Você consegue ver seu rosto?

Faço que não com a cabeça.

— Consigo ouvir sua voz; é familiar, mas não consigo identificá-la. Ele se aproxima.

— Talvez signifique apenas que você está fugindo de algo ou de alguém, próximo... e que não deveria.

Concentro-me no sanduíche de atum, sentindo meu rosto enrubescer e um sorrisinho querendo despontar em meus lábios. Será que ele está mesmo dizendo o que eu acho que ele está dizendo ou estou viajando totalmente? Levanto os olhos e o vejo sorrindo, como se estivéssemos numa estranha cena de comédia romântica. Felizmente, Drea está ali para nos trazer de volta à realidade da cantina.

— Sabe, Chad - ela começa. - O *e-mail* que você me mandou foi tão fofo.

— Qual *e-mail*? - ele dá uma risadinha.

— O das rimas infantis, “A Casa que Jack Construiu”. Muito fofo.

— Não sei do que você está falando.

— Não precisa ficar com vergonha - diz Drea. - Stacey já viu e eu enviei o *link* para Amber. Não consegui resistir. Fofo demais.

Acho que ele já nem está mais ouvindo o que ela diz. Abre o zíper de sua mochila, tira seu livro de inglês e pega algumas anotações sobre *Beowulf*.

— Guarde isso - Drea arranca as anotações da mão dele. - Isso aqui não é a biblioteca. Além do mais, é muita falta de educação. Está na hora do jantar e estamos tentando ter uma conversa culta aqui.

— Parece que você escolheu a mesa errada - diz Amber.

Chad me olha e sorri, prestes a dizer alguma coisa.

— Oi, Donovan - grita Drea para o colega de quarto de Chad e verdadeiro colecionador de prêmios do time de *hockey* ‘Hillcrest Hornets’. Ela se empina toda sobre a cadeira.

Enquanto isso, continuo concentrada em Chad, esperando que ele prossiga nossa conversa, em vão, pois ele nem sequer está olhando para mim. Sua atenção agora está em Drea flertando com Donovan.

— Eu sei que você tem um chiclete para mim - ela olha para Chad com o canto dos olhos para ver se ele está prestando atenção.

Ele está.

Donovan tira um pacote de *Juicy Fruit* do bolso interno do *blazer* azul-marinho do uniforme e lhe dá um chiclete.

— Mais um para depois - ela sussurra. Ele lhe dá outro.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Amber enfia o dedo na boca, no estilo “acho que vou vomitar”. Eu aceno, concordando.

Drea enfia os dois chicletes na boca, amassa as embalagens prateadas e as coloca na mão de Donovan.

— Será que você faria a gentileza de jogar isso no lixo para mim? - sem pensar duas vezes, ele se vira e passa por seis ou sete mesas até chegar à lata de lixo, escorregando numa uva esmagada que está no caminho.

— Que partidão - diz Amber agitando os cílios na direção de Drea.

Drea franze o cenho.

— Está com inveja porque os garotos literalmente caem por mim.

Quando Donovan volta para a mesa, Drea dá espaço para ele se sentar ao seu lado.

— Senti sua falta na aula de saúde pública, esta manhã. Onde você estava?

Não é segredo para ninguém que Donovan adora Drea. Ela sabe disso. Ele sabe que ela sabe disso. Todo mundo em Hillcrest sabe disso. Dizem que Donovan é apaixonado por Drea desde a terceira série, quando os dois estavam na mesma escola, mas ela nunca lhe deu bola.

— Estava trabalhando em um de meus desenhos - diz ele. - O senhor Sears me deixou faltar à aula.

— Tem algum desenho para mostrar? - pergunta Amber. - Adoro ver seus trabalhos.

Ela apoia o queixo no ombro de Donovan e sorri para Drea.

Donovan tira um pequeno caderno do bolso de trás e exhibe um desenho em giz de cera de uma sala com uma cadeira e uma almofada, uma mesa de cabeceira e uma porta sem trinco.

— Isso é que é estar sem saída - diz Amber. - *C'est très existentialiste*² de sua parte.

— Como se você soubesse o que isso significa - ironiza Drea.

— Está brincando? Camus é meu chapa. Tão profundo. Tão arte.

— Isso é Sartre, idiota - Drea empurra Amber para ver melhor o caderno de desenho. Ela o puxa das mãos de Donovan e começa a folhear os desenhos.

— Espere... - Donovan tenta pegar o caderno de volta, mas Drea se vira para impedi-lo.

— Quero ver - ela resmunga. Vira a página passando por esboços de flores, pratos cheios de frutas, um par de óculos e de repente para no retrato de uma garota idêntica a ela.

— Esta sou eu? - Drea pergunta.

O esboço foi feito em giz de cera violeta. Nele, a garota está encolhida debaixo de um guarda-chuva, usando uma capa curta e ostentando um borrão sob os olhos, como se estivesse chorando.

— É só um rabisco - Donovan pega o caderno de volta.

— É da semana passada, não é? Estou reconhecendo a capa.

— Por que você estava chorando? - pergunto.

— Problemas familiares, o que mais poderia ser? - Drea desvia o olhar, mas em seguida sorri para Donovan para aliviar a tensão. - Você poderia ter-me

² Em francês: "É muito existencialista". (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

desenhado mais alegre. E olha só meu cabelo. Você sabe o que a umidade faz com o cabelo, mesmo debaixo de um guarda-chuva?

— Prefiro desenhar as pessoas exatamente como as vejo. Elas são perfeitas como são. Verdadeiras, sabia?

— Você não tem nada a ver com os outros jogadores de *hockey* - diz Amber, tirando um par de *hashis*³ florais de dentro da bolsa.

— Não, ele é o tipo perfeito. Criativo, esperto e atlético - Drea agarra o braço de Donovan. - Talvez você queira me desenhar quando eu estiver um pouco mais... alegre.

— Tenho tempo agora - diz Donovan.

Drea sorri na direção de Chad, recolhe sua salada de tomates e faz sua saída triunfal com Donovan.

— Por que isso sempre acontece? - Amber joga seus *hashis* na mesa.

— O quê?

— Ela sempre ganha todos os meninos.

— Estou bem aqui - PJ se inclina esperando um beijo, mas Amber enfia uma uva em sua boca.

— Você sempre disse que Donovan era um cara estranho - digo.

— Ele é.

— Então por que você está interessada nele?

Amber encolhe os ombros, catando todas as uvas verdes de sua salada de frutas com os *hashis*. Olho para Chad que está mudo, com os olhos fixos em Drea e Donovan afastando-se.

³ HASHIS: palitinhos japoneses. (N.R.)



á é tarde quando volto para o quarto. Acabo passando boa parte da noite estudando para o teste de francês que, espero, madame La Soneca me deixe refazer. Já tinha decidido pedir desculpas logo pela manhã, dizendo que estou com problemas familiares. O que não chega a ser mentira. Minha mãe ficou radiante quando chegou setembro e eu tive que voltar para a escola.

Não é que eu e minha mãe não nos damos bem. Não nos damos. Às vezes, acho que tem a ver com meu pai. Ele morreu quando eu tinha apenas sete anos. Isso poderia ter aproximado minha mãe de mim - nós duas juntas e sozinhas enfrentando o mundo, lutando para manter viva sua memória. Mas não nos aproximou. Às vezes, acho que até nos afastou - como se minha mãe tivesse sido mais feliz se tivesse me criado com um companheiro, um parceiro. Não que ela seja uma versão moderna de alguma madrasta. Algumas amigas minhas já disseram que dariam tudo para ter uma mãe legal como a minha - uma mãe que ainda lê revistinhas para adolescentes, que gosta de se bronzear e ir à manicure. Que sabe os nomes de todos os meninos da escola porque minhas amigas contam tudo para ela - mais até do que contam para mim. A verdade é que somos apenas diferentes. Sou mais parecida com minha avó. É por isso que sinto tanto a falta dela. E é isso que irrita tanto minha mãe.

— Drea? - joga minha mochila no chão e dou uma olhada em sua cama que ainda está arrumada, seu pijama dobrado ao pé da cama. Parece que ela ainda não voltou. Gostaria de saber se ela ainda está com Donovan.

Agacho-me e recolho a roupa suja escondida debaixo da cama. Já aprendi que, quanto mais rápido limpar a bagunça, menos cheiro permanece. Mas esta já está aqui há muito tempo. Um dos lençóis ostenta uma marca marrom-escura em forma de nuvem e cheira a fraldas sujas.

Espremo tudo dentro de uma fronha já cheia de uniformes sujos, pego os sacos plásticos que estão debaixo de minha mesa de cabeceira e percorro o trajeto de cinco minutos entre o estacionamento do dormitório e a lavanderia. Abro a porta, joga os sacos no lixo e coloco a roupa suja dentro de uma das máquinas de lavar. Começo separando as roupas brancas das coloridas, do mesmo jeito que faz a mulher com cara de mãe dos comerciais de sabão em pó. Numa dobra do lençol, noto um sutiã rosa preso ao lenço branco de rendas de Drea. Sei que o sutiã não é meu, mas mesmo assim o seguro contra meu peito. Sem dúvida não é meu. Os bojos parecem tão firmes e seguros, quase como se eles sozinhos pudessem arrumar um namorado.

Estou prestes a colocar o sutiã na máquina quando, de repente, começo a sentir suas vibrações. Elas chegam a mim como pequenas pontadas elétricas, percorrendo meus braços até meus dedos. Toco o tecido sedoso com as mãos e a



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

sensação aumenta, como se alguém tivesse possuído minha pele, fincado suas garras em minha carne.

Levo o sutiã até o nariz e inspiro. O cheiro é de ar fresco misturado à lama. O cheiro de meu pesadelo.

Não tenho dúvidas. Drea está em apuros.

Arremesso longe o sutiã e volto o mais rápido possível para o quarto, sentindo a sola do pé latejar, alertando-me que está na hora de trocar o curativo.

— Drea! - grito, irrompendo no quarto.

Ela está de pé em frente à janela segurando uma barra de chocolate com a mão direita e com uma expressão zangada no rosto.

— Você tirou daqui? - pergunta.

— O quê?

— Está totalmente gelado aqui dentro. Por que você tirou?

— Tirei o quê?

— A blusa de *hockey* do Chad!

Levo alguns segundos para entender o que está acontecendo. Sua raiva. A janela aberta. A camisa sumida.

— Não fui eu - digo, finalmente.

— Então o que aconteceu com ela? As coisas não desaparecem simplesmente.

— O que você quer dizer? Que eu a peguei? Por que eu faria isso?

— Você é que deve me dizer. Eu vi muito bem o jeito como você olhou para ele na cantina, hoje. Não adianta negar.

— Ah, e por acaso não foi você quem foi embora com Donovan? Não desconte em mim o fato de Chad não ter ido atrás de você. Eu e ele somos apenas amigos, Drea. Só isso.

Drea examina meus olhos para resolver se acredita ou não em mim.

— Sou uma idiota, não é?

— É. Mas te adoro assim mesmo.

Trocamos um sorriso, e Drea desembulha seu chocolate e me dá um pedaço - o que, para ela, representa uma oferta rara e generosa e significa que ela realmente está se sentindo uma idiota. E isso faz eu me sentir pior ainda, pois sei que na verdade estava mesmo olhando para Chad daquele jeito.

— Talvez a camisa tenha caído lá fora - digo mudando de assunto. Puxo a cortina com força, abrindo-a totalmente. No beiral da janela há um pacote. É do tamanho de uma caixa de anel e está embrulhado em papel turquesa com um pequeno laço vermelho.

Meu coração dispara. Está mesmo acontecendo, como disseram as cartas.

— Um presente! - exclama Drea, a expressão de raiva evapora do rosto.

— Será que é de Chad?

Um lado meu quer deixar o pacote lá fora e fingir que nunca o viu. Mas é tarde demais. Preciso saber se as cartas estão dizendo a verdade.

Estico o braço e pego a caixinha.

— Precisamos consertar essa janela. Não me sinto confortável com as pessoas passando tão próximas. Estamos no térreo, qualquer um pode entrar em nosso quarto.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Não é qualquer um - corrige Drea. - É Chad, tenho certeza.

Ela arranca a caixa de minha mão e brinca com a fita.

— Onde você foi esta noite? - pergunto.

— Você não me viu saindo da cantina com Donovan?

— Você estava com ele até agora?

— Não, mas eu queria que Chad achasse que eu estava. E acho que deu certo - ela sorri, examinando o presente.

Mantenho os olhos firmes em suas mãos, com medo do que pode vir a acontecer. Vejo que ela está prestes a desamarrar o laço de fita.

— Não! - grito. - Não abra!

— Por quê?

— Não abra - se algo mortal está prestes a acontecer com ela é mais seguro que eu abra o pacote. Quero abrir. Nunca ganho presentes - arranco a caixinha de volta e balanço com cuidado. Alguma coisa se mexe lá dentro.

Sentamos na beirada da cama para procurar uma etiqueta com algum nome. Não encontramos nada.

— Não entendo - diz Drea. - Chad sempre coloca um cartão.

— Talvez ele tenha se esquecido - digo. - Ou talvez esteja dentro.

Drea continua acariciando o pequeno pacote; o laço, as dobras, o fundo.

— Talvez ele não queira que você saiba que é dele - sugiro. Mas sei que isso não é verdade. O pacote não é de Chad. Este é o pacote que as cartas anunciaram e que, de alguma forma, está relacionado com meus pesadelos.

— Tudo bem - ela diz, desistindo. - Vá em frente.

Olho fixamente o pacote por alguns segundos, considerando se esta seria a hora de contar a verdade sobre as cartas.

— Ande logo! - ela grita. - Isto é ridículo. Já esperei muito.

Ela arranca o pacote de minha mão e começa a rasgar o papel.

— Espere! - digo, finalmente. - Eu menti!

Mas é tarde demais. Drea já arrancou o papel e a fita.

— Não! - grito, tirando a caixa de suas mãos. - Não abra!

Jogo o pacote no chão e o pisoteio. Nada acontece. Chuto-o contra a parede. Nada. Não sei se devo rir ou chorar, só sei que fico totalmente aliviada.

— O que está acontecendo com você? - pergunta Drea. - Enlouqueceu de vez?

— Você acabou com ele - ela diz.

Pego a caixa esmagada, respiro fundo e, com as mãos ligeiramente trêmulas, abro a tampa. Examinamos o conteúdo. Pequenas migalhas marrons. Drea coloca o dedo na caixa e prova um pedaço.

— Biscoito de chocolate. Ou pelo menos era um biscoito de chocolate - por baixo dos pedaços de biscoito ela encontra um pequeno bilhete.

— Não perca tempo - ela lê. - Participe das aulas de culinária.

Ela estica a cabeça pela janela e olha para a esquerda.

— Tem uma caixinha no parapeito de cada janela. Boa ideia, não é?

Talvez eu realmente esteja enlouquecendo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Você tem que relaxar - diz ela. - Será que alguém do grupo de culinária roubou a camisa de *hockey* de Chad? Se foram elas, vou dar gueixa à polícia do campus amanhã pela manhã.

Ela come mais um pedaço de seu chocolate.

— Ei, o que foi que você disse antes, sobre ter mentido?

— Nada. Só estou um pouco cansada - coloco o anúncio do biscoito no bolso e olho a noite aveludada pela janela quebrada. Ali, no calmo zumbido do vento, quase consigo ouvir minha avó dizendo para eu confiar em meus instintos, pois quando não confiamos é que as tragédias acontecem.

Sei muito bem que essa é a verdade.

Deito na cama, fecho os olhos e resgato minhas melhores lembranças de Maura. Aquele dia estava quente e agradável, embora a qualquer momento a tempestade pudesse desabar. Maura e eu estávamos sentadas no balanço de madeira da varanda de sua casa, enquanto eu lhe mostrava um truque de mágica. Embaralhei as cartas e as segurei em leque.

— Escolha uma carta. Qualquer uma - Maura deu uma risadinha e escolheu uma do meio. - Agora grave qual é a carta, mas não me conte.

Ela fez que sim e sorriu, sua língua aparecendo no vão entre os dentes de cima e os de baixo, e entre as marcas vermelhas de suco em volta de sua boca.

— Agora devolva a carta onde você quiser.

Maura colocou a carta no lado esquerdo do leque. Embaralhei novamente.

— Mágica, mágica, venha logo me dizer - recitei para que ela se divertisse. - Diga-me qual dessas cartas devo escolher.

Abri as cartas, uma por uma, e tentei adivinhar qual era a escolhida. Fiz uma pausa na dama de ouros, olhei para ela e Maura deu uma risadinha.

— Não - eu disse.

Afastei a franja suja de suco instantâneo de seus olhos e abri mais algumas cartas. Parei no ás de copas.

— É esta?

Maura bateu palmas e me abraçou. O cheiro de suas roupas - pipoca e pirulito - lembrou-me que eu estava sendo bastante tolerante quanto aos lanches da tarde.

— Você me ensina? - pediu ela.

— Claro que sim. Mas primeiro você tem que tomar banho para o jantar.

— Posso te contar um segredo primeiro?

— Claro.

— Gostaria que você fosse minha irmã.

— Eu também - respondi, dando-lhe um abraço bastante apertado.

Abro os olhos e vejo Drea escovando os cabelos em frente ao espelho, as costureiras cem escovadas. E só consigo pensar que nunca tive a oportunidade de ensinar o truque a Maura.

— Drea, menti quando li as cartas. Está na hora de te contar a verdade.



8

- **T**omo assim você mentiu? - Drea joga sua escova na penteadeira e se vira em minha direção.

— Não fui completamente honesta sobre a leitura das cartas. Desculpe-me. Eu não sabia como te contar a verdade.

— E qual é a verdade?

— Tudo que eu disse sobre Chad lhe convidar para sair e cancelar é verdade, mas o resto...

O telefone toca interrompendo-me. Drea se levanta e atende.

— Alô? - diz ela. - Sim. Obrigada por retornar. Esta é a segunda vez que ligo a respeito de uma janela quebrada. Quando é que alguém virá consertar?

Quando a escuto mencionar o desaparecimento da camisa de Chad, viro para o lado imaginando que ela está falando com a segurança do campus. Não posso culpá-la por ficar toda ofendida comigo por ter mentido, eu também ficaria. Só espero que isso não comprometa sua confiança em mim.

Recosto em minha cama e respiro fundo. É então que me lembro. Minha roupa suja. Na lavanderia. Os lençóis manchados de xixi. Penso em voltar lá, mas depois das cartas e da mentira sobre o maldito biscoito, considero que já tive emoções suficientes por uma noite. Vou colocar o despertador para as cinco horas da manhã, enfiá-lo debaixo do travesseiro e correr para a lavanderia antes mesmo que alguém acorde.

Drea desliga o telefone, mas começa a discar novamente. Presumo que seja para Chad.

Em vez de me deter nisso, resolvo fazer algo útil. Levanto e tiro do fundo do armário meu álbum de recortes da família. Pesado e desajeitado, ele tem páginas amareladas e desparelhadas, além de estar queimado nos cantos. Está cheio das mais variadas anotações: remédios caseiros, feitiços, trechos de poemas e até mesmo receitas secretas, como a rosca de café de minha prima de quinto grau.

Minha avó me deu esse livro duas semanas antes de morrer, e toda vez que o leio, imagino mulheres de outras épocas, usando longos vestidos e aventais, fazendo feitiços ou lendo poemas mágicos à luz de velas. Quando perguntei à vovó de quem ela ganhara o livro, ela me contou que havia sido de sua tia-avó Ena, e que eu também deveria passá-lo para alguém um dia, alguém que, como eu, tivesse o dom.

Abro o livro numa página dobrada ao meio e assinada por minha tia-tataravó Ena. É um remédio caseiro para curar cegueira noturna: fígado de peixe cru no jantar. Nojento, mas não deve ser pior que a comida da cantina. Dou mais uma folheada. Nesta noite quero fazer um feitiço para sonhos, um que ilumine meus pesadelos em vez de mandá-los embora.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Não uso o livro com muita frequência, principalmente porque vovó costumava dizer que não devemos depender dele, que feitiços e remédios vêm de dentro e somos nós que lhe atribuímos significados. Mas sempre que o consulto, adoro observar as letras manuscritas: trechos onde a caneta escorregou formando uma mancha ou onde a tinta borrou. As letras mais inclinadas ou as bem redondinhas. Imagino a personalidade dessas mulheres só por seus nomes, pelo modo que o escreviam e pelo material com que haviam contribuído. Fica sempre uma sensação mágica de conexão com minha família, mesmo com aqueles que nunca conheci.

Nunca realizei esse tipo de feitiço antes, mas se quero modificar o futuro e salvar Drea, preciso de mais pistas.

Acendo um incenso de capim-limão. Junto o material necessário em cima da cama: um ramo de alecrim, um estojo vazio, um frasco de óleo de lavanda e um lápis de cera amarelo. O estojo parece uma pequena bolsa, forrado por dentro, com um zíper em cima. Assim como minha avó, sempre tenho à mão material para feitiços. Mesmo que eu jamais encontre utilidade para essas coisas, mesmo que ela sempre tenha dito que os mais importantes ingredientes para um feitiço estão no coração, esse é mais um meio de me sentir conectada a ela.

Abro a gaveta em busca de uma vela, observo a azul que usei na noite anterior. As iniciais de Drea - o "O" meio derretido, o "E" e o "S" - me encaram. São as iniciais de Drea Olívia Eleanor Sutton, e têm sido motivo de piada desde que a conheço. Os garotos dizem coisas do tipo "Drea *DOES*⁴ melhor" e "Drea *DOES* qualquer coisa em qualquer lugar". Assim são os meninos, adoram fazer piadas e cada uma menos engraçada que a outra. No começo achei que ela praticamente pedia para ser alvo de brincadeiras já que essas iniciais estavam estampadas em praticamente tudo que ela tinha: toalhas, cadernos, casacos, até a mochila da escola. Mas depois me dei conta. Quem somos nós para querer mudá-la? O jeito desafiador de Drea é justamente uma das qualidades que mais aprecio nela.

— Merda - diz ela, batendo o telefone no gancho. - Chad não está no quarto. O que isso quer dizer?

Ela se senta em minha cama e examina as unhas francesinhas descascadas.

— Me desculpe por mentir quando tirei as cartas - digo. - Mas é porque fiquei com medo.

— Tudo bem. Estou muito deprimida para me importar com isso agora - ela observa os ingredientes do feitiço sobre a cama, espalhados entre nós duas.

— Bem, é melhor você se importar porque esse feitiço tem a ver com você - seguro a beirada do pote de cerâmica e passo-o três vezes pela fumaça do incenso. Acendo a vela e coloco-a na mesa de cabeceira. Ela é roxa e branca, mistura de duas velas derretidas juntas, numa espécie de comunhão de cera.

— Que legal.

— É simbólico - explico. - Roxo é para clareza; branco é para magia. A união das duas cores simboliza a união das visões que tenho tido em meus sonhos. Você pode me dar uma página em branco de seu diário?

⁴ Does, em inglês, conjugação do verbo *to do* (fazer) na terceira pessoa do singular. Nas frases utilizadas no texto, o verbo tem conotação sexual. (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Por quê?

— Porque as páginas contêm sua energia, mesmo as que estão em branco. E esse feitiço é para você.

Ela pega o diário de dentro da gaveta da mesa de cabeceira, abre no final e arranca uma página.

— O que quer dizer tudo isso?

— Eu te disse que precisávamos conversar.

O telefone toca de novo. Drea corre para atender.

— Alô? Ah, oi - ela vira-se para o lado e continua sua conversa cochichando.

Imagino que ela esteja conversando com ele de novo, o cara que ligou hoje cedo. Sei que deveria pular de alegria, já que não é com Chad que ela está falando, mas não consigo. Não tenho ideia de quem seja esse cara e não é típico de Drea manter suas paixões em segredo.

Quando ela finalmente desliga, parece preocupada. Ela se enterra na cama com os joelhos dobrados e agarra a milagrosa barra de chocolate. Estou prestes a perguntar a respeito, mas o telefone toca de novo. Dessa vez eu atendo.

— Alô?

Silêncio.

— Dê-me aqui - diz Drea.

Sacudo a cabeça.

— Quem é?

O silêncio continua e eu desligo.

— Provavelmente era para mim - diz Drea.

— Se ele quer falar com você, por que não pede? Quem é esse cara? E por que ele está sempre passando esse trotes?

Alguém bate na porta. Levanto vagarosamente da cama, pego o taco de *baseball* de trás da porta e levo minha mão até o trinco.

— Quem é? - pergunto.

— Quem mais poderia ser a esta hora? - responde a voz do outro lado.

Amber. Respiro aliviada.

— Qual é seu problema? - pergunta Drea.

Abro a porta.

Amber examina o taco de *baseball* sobre meu ombro.

— Querendo entrar no time? Eu pensaria duas vezes. *Leggings* e tênis com travas não são um visual legal para você.

— Amber, você recebeu algum trote? Drea e eu temos recebido vários ultimamente.

— Não são trotes - diz Drea.

— Provavelmente é PJ - diz Amber. - Ele adora passar trotes nas pessoas. Ele vivia passando-me quando estávamos namorando.

Ela se esparrama na cama de Drea e estica os joelhos.

— Sua cama é tão incrivelmente confortável comparada com a minha. Quer trocar por uma noite?

— Então quer dizer que você não recebeu nenhum trote? - pergunto.

Amber balança a cabeça.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Você não discou "estrela seis e sete" em seguida para saber quem era?

Boa ideia. Agarro o telefone e disco.

— Bloqueado.

— Já imaginava - diz Amber. - PJ sempre disca "estrelas seis e sete" antes de ligar. É o truque mais velho do mundo. Ele me ensinou. Talvez seja PJ. Vou perguntar amanhã na aula de francês. Vamos fazer um feitiço para o amor?

Enfio a mão na lata de lixo e resgato a caixa de biscoito destruída.

— Você ganhou um desses biscoitos de presente?

— Isso é um biscoito? — pergunta Amber.

— Digamos que ele sofreu um acidente. Deixaram no beiral na janela.

— Que meigo - diz Amber. - Adoro admiradores secretos. Para quem foi?

Tiro o bilhete do bolso e mostro para ela.

— Acho que o clube de culinária não me quer como membro - diz ela. - Quem não gostaria de provar esses biscoitos?

— Devo começar a listar os nomes? - boceja Drea.

O telefone toca de novo. Drea corre para atender, mas eu pego o fone primeiro.

— Alô. Alô? Eu sei que você está aí.

— Dá isso aqui - pede Drea, impacientemente.

Nego com a cabeça e ouço. Escuto a respiração de alguém no outro lado da linha; pesada, pausada. Então, ele finalmente desliga.

— Drea - pergunto batendo o telefone. - Quem é esse cara?

— Já disse. É só um cara com quem tenho conversado.

— Qual é o nome dele? - pergunto,

— Não sei - ela responde. - Não faz diferença, mesmo.

— O nome não faz diferença?

— Nomes são apenas etiquetas que usamos para nos rotular - ela diz. - Não querem dizer nada.

— Do que você está falando?

— Esquece, eu sabia que você não entenderia.

— Ele estuda aqui? - pergunta Amber.

Ela nega com a cabeça.

— Então como é que você o conheceu?

— Bem, não que seja da conta de vocês, mas ele ligou aqui por engano uma noite e nós começamos a conversar.

— Você já ligou para ele? - pergunto.

— Não. Ele disse que não pode dar seu número de telefone.

— Por quê?

— Ei, isso aqui não é um interrogatório. Chega de perguntas - Drea tira o diário de dentro da gaveta para escrever.

— Muito esperto de sua parte - Amber tira um maço de cigarros do bolso do pijama, pega um deles e o acende com a chama da vela. Ela traga o cigarro como se fosse um inalador para asma.

— Desde quando você fuma? - pergunto.

— Desde que achei esse maço pela metade ali no hall.

— Bem, se a madame Descarga descobrir, estamos fritas.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Acho que este quarto está bem ventilado, você não acha? - Amber faz bico enquanto sopra baforadas em forma de O na direção da janela quebrada. Além do mais, com todos esses negócios que você vive queimando, esse quarto está cheirando a mijo de gambá.

Afasto a fumaça de meu rosto antes de me dirigir até a janela do canto, a que não está quebrada. Lá fora está escuro, apenas algumas poucas estrelas ao longe. Faço um pedido a uma delas: paz e segurança. O vidro está gelado como o quarto, e o calor de minha respiração forma uma nuvem embaçada. Com o dedo, desenho o símbolo da paz e dou uma espiada através da figura.

Do outro lado do gramado tem um homem me olhando. É difícil enxergar no escuro, mas dá para perceber que ele é mais velho, talvez entre quarenta e cinquenta anos, e tem cabelos escuros e ralos. Está usando calças jeans, acho, e segurando uma grande sacola de compras. Quando ele percebe que o notei, olha para outra direção.

— Meninas, tem alguém lá fora nos espionando.

— O quê? - Drea vem até a janela para olhar. - Talvez seja um zelador.

— Talvez devêssemos chamar a segurança.

— E dizer o quê, Stacey? - diz Amber. - Que um dos zeladores está trabalhando lá fora? Grande coisa. Vão nos internar.

— Já ligamos para eles uma vez hoje - Drea nos lembra.

— Vocês duas são piores que uma dupla de velhas - Amber se intromete no meio de nós duas para olhar. Ela abre bem os olhos.

— Ooolá, garotão! - ela diz. - Nada mal. Nada mal, mesmo. Talvez ainda reste uma esperança para mim.

— Você só pode estar brincando.

— Bem, a coisa está preta - Amber desliza as mãos sobre o pijama, fazendo uma pose sexy, depois o levanta um pouco, revelando o sutiã meia-taça de renda vermelha.

— Amber! - Drea grita, puxando-a para longe da janela. - O que você acha que está fazendo?

— Relaxe - diz Amber. - Está vendo isso? Serve para mostrar que mamãe estava certa quando nos mandava sempre usar roupas íntimas lindas.

— Roupas íntimas limpas - corrige Drea.

Permaneço na janela, encarando o homem por detrás das cortinas. Dá para perceber que ele é alto e, pelo movimento de seu corpo percorrendo as outras janelas, que também é muito forte. Ele dá uma espiada em minha direção e sorri, conseguindo me enxergar. Entro em pânico e abaixo a persiana.

— Vocês duas são totalmente paranóicas - diz Amber, mordendo a barra de chocolate de Drea. - Por aqui tem segurança o suficiente para manter até Deus longe.

— Para você é fácil falar - diz Drea. - Você não mora no térreo.

— Tudo bem, vocês querem que eu chame a segurança do campus?

Antes de termos a chance de responder, ela começa a discar.

— Olá, policial - diz ela. - Estou no quarto 102 do Macomber Center. É, e tem um cara super sexy e musculoso do lado de fora da janela. Acho que é um zelador, mas não temos certeza, o que você acha que devemos fazer?

Amber afasta o fone da orelha.

— Imaginem só! Ele desligou na minha cara. Que coisa grosseira.

— Não posso acreditar que você fez isso. Eles nunca mais vão acreditar na gente.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Acreditar no quê? - pergunta ela para mim.

— Olha aqui, Amber, Drea e eu precisamos conversar e eu preciso fazer esse feitiço enquanto a lua ainda está na posição certa.

— Fique à vontade.

— Por mim tudo bem se ela ficar - diz Drea.

Mesmo sem ter tanta certeza, desisto. Ela sempre acaba ficando de qualquer jeito.

Sentamos no chão formando um triângulo e demos as mãos, concentrando-nos na vela no centro.

— Fechem os olhos, mas não se desviem da chama. Abracem-na... sua luz, sua energia. Imaginem que ela está por toda parte. Inspirem e expirem a energia da luz, conscientes de sua ação, gratas por ela.

Praticamos a respiração por vários minutos até que a energia do quarto caísse sobre nós como neve. Até estarmos prontas para começar.

— Drea - digo, abrindo os olhos. - Sei que vai ser difícil você confiar em mim depois de eu ter mentido, mas você vai ter que acreditar.

Interrompo nossa corrente para buscar em minha mesa de cabeceira as três cartas da leitura do baralho. Espalho-as na frente de Drea.

— Você as guardou?

Afirmo com a cabeça.

— Antes de eu revelar o significado das cartas, você tem que lembrar a razão pela qual estamos prevendo o futuro. Nosso destino é mudá-lo.

— Tu...do bem - diz ela. - Nada bem.

— O ás e o cinco de paus significam uma carta e um pacote que você receberá. O ás de espadas é a carta da morte. Existem grandes chances de essa carta, esse pacote ou de ambos estarem ligados a uma morte. Sua morte.

— O quê?! - exclama Drea. - Do que você está falando?

— Tome cuidado - aconselho. - Tome cuidado com qualquer presente ou pacote que você receber.

— O que isso quer dizer? Vou receber um presente e dentro dele vai ter uma bomba?

— Drea... - reluto em dizer, mas é preciso... então digo. - Acho que alguém está tentando te matar.

— O quê?! - ela grita tão alto que quase apaga a chama da vela.

— O pesadelo recorrente que ando tendo... é uma premonição. Sobre você.

— Sobre mim?

— Já aconteceu isso antes. Há três anos. Com Maura, a garotinha de quem eu tomava conta - desvio o olhar. Não quero continuar, não quero admitir o que aconteceu, mesmo que isso me persiga todos os dias.

Na verdade, isso me persegue todos os dias.

— Nos pesadelos, ela estava presa num quarto. Um quarto escuro, entulhado de coisas, com as paredes de cimento rachado. Eu podia vê-la, de costas para mim, deitada num banco, meio encolhida, como se estivesse dormindo. Mas ela estava com medo. Eu percebia que ela estava com medo, como se eu estivesse vivendo aquilo de alguma maneira. E durante várias semanas tive dores de cabeça terríveis.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Drea agarra seu travesseiro com força. Percebo que ela acredita em mim. Ela pega uma lata de refrigerante de dentro do frigobar e oferece a mim.

— Obrigada. Estava precisando disso - o adoçante artificial pinica o interior de minha boca como pequenas agulhas.

— Conforme os sonhos continuaram - prossigo -, pensei em contar à polícia, mas parecia bobagem. Bobagem, porque quando olhava para Maura, lá estava ela, brincando no balanço, andando de bicicleta, imitando o barulho do motor. Então achei que era apenas um sonho idiota, que logo passaria.

— O que aconteceu depois? - pergunta Drea.

Mordo os lábios para fazê-los pararem de tremer, e digo.

— Alguém a levou. Ela sumiu.

— Como assim, sumiu?

— Sumiu. Desapareceu - enxugo as lágrimas nos cantos dos olhos.

— Onde?

Aquilo tudo estava represado dentro de mim havia dois anos e eu sabia que tinha que contar a elas. Eu li os livros. Ouvi os especialistas no programa de Oprah. Se quiser que esse acontecimento horroroso se torne menos horroroso, menos poderoso e determinante em minha vida, tenho que encará-lo e contá-lo aos outros. Por mais terrível que leja essa lembrança, sei que é muito pior mantê-la presa, apodrecendo dentro de mim. Respiro fundo três vezes, e finalmente digo:

— Maura foi assassinada.

— O quê? Como? - pergunta Amber assustada.

Sinto as lágrimas escorrendo por meu rosto.

— Acharam seu corpo num barracão de ferramentas a duas quadras de nosso bairro. Foi um cara louco. Foi preso logo. Algumas pessoas o viram por perto. Parece que ele costumava observá-la todas as manhãs quando sua mãe a levava para a escola.

— É, mas não foi sua culpa - opina Amber. - Você não podia adivinhar. Quantas pessoas levam seus sonhos tão a sério? Além do mais, você disse que a via num quarto. Você não viu quem a pegou. Nem onde exatamente era esse quarto. Provavelmente não adiantaria nada.

Quando tudo aconteceu, inventei desculpas desse tipo, mas as desculpas não conseguem acabar com nada, muito menos com a culpa. Não poderia afirmar esse tipo de coisa, dizer que meus sonhos provavelmente não teriam ajudado em nada.

Talvez eles tivessem salvo a vida de Maura.

— De qualquer forma - respiro fundo -, tenho tido pesadelos com Drea.

— Então, Chad ainda vai me convidar para sair e cancelar na última hora?

Respondi que sim e enxuguei meu rosto.

— Provavelmente na próxima vez que você falar com ele.

Amber acaricia as costas de Drea para confortá-la. Sei que Drea está com medo. Também estou. Com medo por Drea. Com medo que a história se repita. Sei que minha mãe estava lá para me consolar depois da morte de Maura, estava lá para me abraçar e tentar parar minha tremedeira, mas ela simplesmente não me



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

compreendeu do jeito que vovó teria compreendido. Ela não compreendeu nem os pesadelos, nem a culpa.

Nem porque, sendo sua filha, eu era tão parecida com sua mãe. Respiro fundo, abro o vidro de óleo de lavanda e pingo duas gotas no pote.

— Para purificar e clarear. Este feitiço é para ajudar a tornar meus sonhos mais claros, para que eu possa prever o futuro antes que ele aconteça.

Abro a corrente de prata de meu pescoço e mergulho-a no óleo. Com um dedo, giro-a em espiral no fundo do pote três vezes, tomando cuidado para que fique totalmente submersa.

— Para que serve isso? - pergunta Amber.

— A cor prata vai me ajudar a ter discernimento enquanto viajo pelo astral.

— Que estranho.

— O astral são nossos sonhos - fecho meus olhos e me concentro. - Corrente de prata, do mesmo modo que seus elos se unem formando um só fio em volta de meu pescoço, que meus sonhos se juntem e unam as visões de meu subconsciente.

Abro os olhos e, com o lápis de cera amarelo, escrevo na página do diário de Drea, a pergunta: O QUE OS PESADELOS ESTÃO TENTANDO ME REVELAR?

— Amarelo é para a clareza de pensamento - digo, dobrando a folha num quadrado do tamanho da palma de minha mão e colocando-a dentro do estojo que uso como um saquinho de sonhos. Olho para Drea, para a aura escura e acinzentada que cobre seus cabelos e ombros.

— O que é isso? - Amber pergunta, apontando para o galho de alecrim.

Pego o ramo, suas folhinhas frescas e pontudas como um galho de árvore de natal.

— Isso vai ajudar a purificar a energia ao meu redor para que eu consiga me lembrar - arranco vinte e oito folhinhas do ramo, o número de dias de um ciclo completo da lua, e coloco-as no pote.

— Alecrim, clareie meus sonhos cheios de mistério, enquanto mergulho no descanso do sono.

Concentro-me na mistura e em seguida tiro o colar de prata do pote.

— Você me ajuda? - dou o colar para Drea pedindo que ela o feche. A corrente envolve meu pescoço na altura da clavícula, o óleo de lavanda escorre por minha pele e algumas folhinhas de alecrim espetam minha garganta.

— Pronto? - pergunta Amber.

— Ainda não - digo, apagando a vela com um utensílio próprio, em forma de sino.

— Por que você simplesmente não sopra a chama? - pergunta Amber.

— Porque isso confundiria as energias causando um retrocesso negativo.

— Ah, certo - diz Amber revirando os olhos.

Misturo o óleo e o alecrim no pote com os dedos e derramo a mistura no saquinho de sonhos. Espero alguns segundos para a vela esfriar um pouco até que a cera derretida se solidifique. Então, recolho a massa meio derretida do centro da vela e a coloco dentro do saquinho de sonhos.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— E você ainda diz que eu tenho hábitos estranhos - diz Amber. Fecho o zíper do saquinho e coloco-o dentro de minha fronha.

— Repitam comigo - digo, segurando suas mãos: - Com a força da lua, das estrelas e do sol, que seja feito o que tiver que ser feito. Abençoado seja o caminho!

Drea e Amber repetem o encanto e soltamos as mãos. Deito em minha cama e toco a corrente de prata em volta de meu pescoço, o doce perfume florido do alecrim envolvendo minha pele e os nós de meus dedos.

— Boa noite - digo.

Puxo as cobertas até o queixo e concentro-me no saquinho de sonhos dentro de meu travesseiro e na pergunta que depus lá, confiante que logo a verdade por trás de meus pesadelos será revelada.

Ela precisa ser.



Antes de eu conseguir pegar no sono, Amber anuncia que vai dormir em nosso quarto, alegando que toda aquela conversa sobre pesadelos a deixou apavorada. No começo fico nervosa. Já é difícil esconder de Drea que faço xixi na cama, quem dirá de Amber que dormirá num colchão entre nossas camas. Mas dormir está fora de questão, pois assim que deita a cabeça no travesseiro, Amber começa a roncar a plenos pulmões, de boca aberta, esvoaçando os pelinhos do nariz.

Quando o despertador toca debaixo de meu travesseiro avisando que são cinco horas da manhã, sento-me, pesco um moletom e uma camiseta da crescente pilha de roupas espalhadas do chão, me visto rapidamente e me dirijo à lavanderia para buscar minhas coisas.

O campus ainda dorme, mas não o bosque. Ouço o canto dos pássaros no topo das árvores e nos arbustos, enquanto o orvalho da manhã se ergue dos troncos e galhos e se mistura ao ar matinal. É quase tranquilo, quase que vale a pena levantar tão cedo num dia de escola mesmo sem dormir a noite toda. Quase.

Quando chego à lavanderia, estou repleta dessa deliciosa sensação de paz, de integração com a natureza. Mas ao abrir a porta, tudo muda. Minha roupa não está mais ali.

Corro pelo piso de linóleo pintado até a máquina de lavar que usei na noite anterior. Prendo a respiração e abro a tampa.

Vazia.

Começo a abrir e a fechar todas as tampas das outras máquinas de lavar e secar, na esperança de que alguém simplesmente tenha mudado minha roupa de lugar. Mas não está ali.

Alguém deve ter levado.

Pego o telefone do campus na parede e ligo para a segurança, imaginando que talvez alguém tenha deixado minhas roupas no departamento de achados e perdidos. Nada feito. Perguntam-me se quero fazer uma queixa, mas considerando que aquilo seria bem estranho, desisto. Ainda tenho a esperança de que alguém tenha cometido um erro inocente e pegado minha roupa por engano. E seja quem for, que não tenha identificado a roupa como minha.

Quando volto para o quarto são cinco e trinta, e Drea e Amber ainda estão dormindo. Enfio-me na cama e cubro a cabeça com um travesseiro. Mas não é o suficiente para bloquear os roncos de Amber nem para amortecer o ruído do telefone.

— Alô? - digo, trazendo o fone ao meu ouvido. Silêncio.

— Alô-oooo? - repito.

Nada, desligo.

— Quem era? - pergunta Drea rolando na cama.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Provavelmente esse doido com quem você tem conversado. Quem é esse cara, Drea? E por que ele é tão louco?

Drea solta um bocejo gemido, vira-se de bruços revelando duas tranças iguais às de Píppi Meialonga⁵. Por que tanto drama?

O telefone toca de novo. Drea vai atender, mas Amber a impede.

— Alô? Cabana do amor de Drea e Stacey.

Nunca vi alguém acordar tão rápido. Ela já exhibe o sorriso largo e desafiador no rosto sardento.

— *Quelle coincidence, monsieur*⁶ - diz ela ao telefone. - Estávamos falando de você ontem à noite.

Ela pisca e olha para nós duas.

— Engraçado você ligar tão cedo. Não conseguiu dormir esta noite? Alguma coisa não te deixou dormir?

— Quem é? - pergunto.

— É Chad - ela levanta e abaixa as sobrancelhas e manda beijos para Drea.

— O que eu estou fazendo aqui? - diz ela, ao telefone. - Nem sei dizer. Dizem que sou sonâmbula.

Drea estica as mãos até o telefone, mas Amber a evita.

— Nunca sei onde vou acordar - continua. - É melhor deixar sua porta trancada.

— Dá o telefone para mim. Já! - Drea tenta arrancá-lo, mas Amber é mais rápida. Ela dá um salto e corre para o outro lado do quarto.

— Hã? - Amber cobre o bocal do telefone para bloquear nosso barulho. Ela se vira para Drea. - Ele quer saber se você recebeu seu *e-mail*.

Drea pula da cama para checar.

— Ele quer saber se você fez a lição de psicologia - diz Amber.

Drea faz que sim.

— Bem, então será que ele pode, tipo, pegar emprestada? É para a primeira aula.

Drea dá um risinho sem graça, mas consente assim mesmo. Ela vira-se para checar seu *e-mail*.

— Dá um tempo! - Amber. dá uma gargalhada no telefone. - Vocês são umas figuras.

Drea vira-se, apertando a cintura com força.

— Dá esse telefone, já!

— Café da manhã, hein? - Amber repete ao telefone. - É isso que está rolando ultimamente? Drea, ele quer te encontrar na hora do café para estudar. Como está sua agenda, querida? - Amber atira uma piscadela exagerada na direção de Drea.

Drea bate palmas em silêncio. Ela mergulha em seu armário em busca do uniforme mais bem passado. Escolhe um e o exhibe pedindo aprovação. Dou um sinal de OK com os dedos. Avental xadrez azul-marinho e verde, camisa branca de colarinho por baixo e meias três quartos azul-marinho. Não dá para ficar melhor.

⁵ Personagem infantil criada pela autora sueca Astrid Lindgren, em 1945. Píppi é uma menina muito forte e usa duas tranças nos cabelos viradas para cima. (N.R.)

⁶ Em francês: “Mas que coincidência, senhor”. (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Ela já está escolhendo a roupa - diz Amber a Chad. Ela enrola o fio do telefone em volta dos pés; uma meia estampada com vaquinhas e a outra com vários tipos de queijo desenhados.

— Ela mal pode esperar pelo último ano para poder usar meias verdes. Apenas um dos vários privilégios dos veteranos.

Drea bate com um chinelo do *Scooby Doo* na cabeça de Amber.

— Tenho que ir, Chaddy Patty. Você sabe como é, pessoas para ver, coisas para fazer. *Ciao*, querido - Amber desliga, levanta e puxa a blusa do pijama para frente. - Estou morrendo de fome. Alguém me acompanha?

— As cartas estavam certas - digo. Chad acabou de convidar Drea para tomar café da manhã.

— Ele não vai cancelar - diz Drea.

— É - diz Amber. - Ele precisa da lição de casa.

— Ótimo - Drea desembulha sua barra de chocolate e dá uma mordidinha, frustrada. - A maioria dos caras me procura por causa de minha aparência. Chad me procura por causa de meu cérebro.

— Que droga - comenta Amber.

Ignoro o resto das provocações e me sento peno da janela do canto. Acabo fixando o olhar numa árvore alta, a distância, um bordo⁷; aquele que eu e Chad batizamos no fim do ano passado, logo depois das provas finais, quando ele e Drea tinham terminado.

Sentamos debaixo da árvore comendo sanduíches de pasta de amendoim e banana e conversamos sobre nossos planos para o verão.

— Você está com frio? - ele pergunta, referindo-se ao meu braço arrepiado e passando o dedo sobre minha pele.

Fiz que não e notei que ele estava encarando minha boca.

— Tem um pouco de manteiga de amendoim aqui - disse ele.

Que elegância. Lambi o canto da boca e senti um pedaço de amendoim na língua.

— Melhorou?

Ele assentiu.

— Sou tão delicada na hora de comer - olhei para o lado para esconder o rosto, vermelho de vergonha.

— Você é tão bonita.

Olhei para ele, esperando ouvir o fim da brincadeira. Mas, em vez disso, ele escorregou a mão por meu braço e envolveu meus dedos.

— Drea é bonita. Eu sou...

— Bonita - ele completou. Virou meu queixo com os dedos para que o olhasse e sorriu parecendo dizer a verdade. - Sempre te achei muito bonita.

Ele afastou as mechas de cabelo escuro que caíam sobre meus olhos e olhou novamente para meus lábios.

— Tudo bem?

Fiz que sim e o senti aproximando-se. Fechei os olhos antecipando o beijo, e então senti seus lábios quentes e adocicados contra os meus.

⁷ Acerácea; árvore cujas folhas lembram a bandeira do Canadá. (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Durante nossa longa caminhada de volta à realidade naquele dia, eu lhe disse que queria manter aquele beijo em segredo, pois não queria magoar Drea. Queria que aquela lembrança permanecesse perfeita em minha memória, onde ninguém pudesse estragá-la.

Ele me disse que esperou um ano inteiro para me beijar.

Mas agora sou eu quem espera.

— Planeta Terra chamando Stacey - grita Amber, arrancando-me de minhas deliciosas lembranças. - Se essa história de cartas estiver certa, então Chad tem menos de duas horas para cancelar o encontro com Drea, certo?

Concordo.

— E o que acontece se as previsões estiverem erradas? - pergunta Drea, segurando montes de uniformes escolares.

— Então quer dizer que me enganei.

Mas sei que não me enganei. Viro-me para a janela novamente. E é aí que o vejo. De novo. O homem de ontem à noite.

— Ele voltou! - grito.

— Quem? - pergunta Drea. Então ela o vê e deixa cair seus uniformes no chão.

Ele está em pé sobre a grama, a poucos metros de distância. Ele olha diretamente para nos e sorri.

— Que doido! - comenta Amber.

— Será que deveríamos fazer alguma coisa? - pergunta Drea.

— Tipo o quê?

— Chamar a segurança.

— les não iam acreditar - diz Amber. - Acham que somos piradas.

— Graças a você.

Ele se aproxima e aponta em nossa direção. Olho para Amber e Drea, mas não consigo saber para quem, para quem ele está olhando, nem se é para mim. Esforço-me para enxergar melhor. Mas antes que eu descubra, ele tira seu boné para nos saudar e simplesmente vai embora.



10

— Você está pronta? - Drea pergunta, esperando na porta de nosso quarto, dando uma última checada em sua imagem no espelho. Ela coloca a toalha com seu monograma em volta do pescoço e tira o cabelo para fora, sobre os ombros.

— Lembre-me de marcar uma hora para tirar as sobrancelhas - ela passa os dedos sobre uma penugem invisível entre os olhos.

— Vamos lá. Todos os chuveiros já devem estar ocupados.

Aproveito que Amber saiu, e me preparo para conversar.

— Parece que meu encontro com Chad ainda está de pé - ela enrola uma longa mecha de cabelos loiros cacheados em volta dos dedos, com as unhas recém-pintadas de amarelo.

— Parece que sim - digo, praticamente mordendo minha língua. Chad ainda tem uma hora para cancelar o encontro. E eu sei que ele vai cancelar. Pego a toalha nos pés de minha cama e coloco-a envolta dos ombros.

— Drea, antes de irmos, preciso lhe perguntar uma coisa.

— O quê?

— Esse cara que fica ligando para você. Por que você ficou tão perturbada da última vez que ele ligou?

— Quem disse que eu fiquei perturbada?

— Eu te conheço, Drea. Quem é ele e por que você ficou perturbada?

Ela suspira.

— Ele é um amigo, tá? Tivemos um desentendimento, e só.

— A respeito de quê?

— Ele achou que eu estava saindo com alguém, mas não estou, então não tem nenhum problema.

— Mas, como assim? Vocês dois estão juntos?

— Não tenho tempo para isso. Você vem ou não vem? - ela sacode sua cesta cheia de produtos para cabelo e sabonetes líquidos.

— Não. Não enquanto não conversarmos sobre isso.

— Tudo bem, então nos vemos mais tarde.

Ela sai e fecha a porta.

Jogo-me na cama com uma dor de cabeça forte latejando as têmporas. As vezes gostaria que meus problemas pudessem ser resolvidos de modo tão simples como naquela cena do filme *Grease*. Aquela em que a lanchonete se transforma num pedaço do céu. Onde Frankie Avalon desce de um céu brilhante e cheio de luz e banca o anjo da guarda de Frenchy, que está precisando de conselhos sobre a escola de cabeleireiros que quer cursar.

Estou precisando de conselhos também.

Viro e olho a janela quebrada. Ouço um estalido vindo de fora.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Drea? - sento-me na cama. Talvez ela tenha esquecido alguma coisa. O barulho continua.

Saio da cama e pego o taco de *baseball* atrás da porta. Apoio-o no ombro, no estilo rebatedor, e espero. Um assobio agora, lento e contínuo, intercalado com a respiração de alguém. Dou alguns passos na direção do som, mas então ele parece se deslocar para a janela do canto, a que não está quebrada. Sigo o som e noto que a janela está ligeiramente aberta.

— Stacey - diz a voz. - Estou vendo você. Estou vendo seu lindo pijama xadrez.

Dou outro passo, meu coração disparado no peito, obrigando-me a parar e respirar fundo. Posiciono-me, seguro o bastão de *baseball* e me preparo mentalmente para o próximo passo.

E lá está ela. Uma mão bate com tudo no vidro e os dedos tentam se enfiar na fresta para abrir a janela.

Curvo-me para ver quem está ali embaixo. Ele me olha, quase surpreso, com o rosto coberto por uma máscara de *hockey* branca e, de repente, me sinto levada para uma cena do filme “Sexta-feira 13”, sentindo que a qualquer minuto uma faca de quinze centímetros vai surgir da janela.

A mão se dobra e bate contra o vidro. Ele começa a rir. E se entrega. Reconheceria essa risada em qualquer lugar - a cabeça balançando, a boca escancarada e nenhum som.

Chad.

Ele levanta a máscara e respira pesado, fazendo barulho, no estilo Jason de “Sexta-feira 13”.

— Estou te vendo, Stacey - ele repete, às gargalhadas.

— Odeio você, Chad.

Ele encosta a boca contra o vidro e ainda assim fica bonito. Bonito recém-saído da cama - com os cabelos cor de areia amassados atrás, a marca da fronha na bochecha, pequenos pontinhos de pelos dourados brotando do queixo. Deliciosamente *sexy*.

— Cadê seu senso de humor?

Fecho as cortinas para evitá-lo. Não quero conversar com ele agora. Estou péssima. Sinto-me péssima. E detesto esse tipo de brincadeiras.

— Espere aí - diz ele. - Me desculpe, tá?

É difícil resistir já que ele está ali tão delicioso, na ponta dos pés, com um ponto branco de pasta de dente no canto da boca. Uma nuvem imaginária surge de minha cabeça. Nela, nós dois acordamos juntos; ele esta saindo de fininho, e esse é o nosso segredo.

Apago o pensamento da cabeça com uma pontada de realidade e abro a janela.

— O que você está fazendo aqui?

— Na verdade, estou procurando Drea.

— Ela está no chuveiro. Por quê?

— Nós íamos tomar café da manhã juntos. Eu ia ajudá-la na lição de psicologia.

— É mesmo? Achei que era o contrário.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Eu a ajudo e ela me ajuda - ele pisca o olho. - Que diferença faz?

Ele apoia os cotovelos no beiral da janela para espiar o quarto.

— Vocês, garotas, são umas desleixadas. Pior que nós, rapazes.

Aliso meus cabelos com as mãos e tento beliscar sutilmente minhas bochechas para ficar mais corada.

— Eu digo a ela que você passou por aqui.

— Qual é o problema? Você quer que eu vá embora já? - Chad apoia as mãos no peitoral, dentro do quarto, permitindo que eu veja os pelos nos nós de seus dedos.

— Posso entrar? - ele pergunta.

— Por quê?

— Como assim por quê? Para ficar um pouco com você. Para conversar. Não conversamos tanto quanto conversávamos no ano passado.

É verdade. Mas as coisas nunca mais foram as mesmas entre nós desde o dia em que nos beijamos. Examino seu rosto, desde seus longos cílios até a curva de sua boca, e sinto um milhão de fogos de artifício explodindo em meu coração só de lembrar daquele beijo.

— Por favor - diz de. - Com sanduíche de manteiga de amendoim e banana por cima?

Sinto meu rosto quente, como dois caldeirões de sopa. Ele também está pensando no beijo. Isso não me surpreende. O que me surpreende é ele admitir que esteja pensando no beijo, o que é algo totalmente diferente.

Ele quer que eu saiba que ele está pensando sobre isso.

Uma parte minha quer deixá-lo entrar. Mas a outra quer fechar a janela e a cortina na cara dele, de uma vez por todas. Engulo os dois lados sentindo um sabor agri-doce e digo.

— Acho que não é uma boa ideia. A madame Descarga costuma fazer sua ronda neste horário.

Ele concorda, cheio de desapontamento naqueles sedutores olhos verde-azulados.

Mordo os lábios e tento pensar em alguma coisa para dizer. Qualquer coisa.

— Quem te disse que gostamos de filme de terror?

— Um passarinho - diz ele colocando o tronco para dentro. Levo alguns momentos para perceber que ele está usando sua velha camisa de hockey, a mesma que estava cobrindo a janela quebrada.

— Ei, você está usando sua camisa de *hockey*. Quando você a pegou de volta? Alguém a tirou de nosso quarto.

— Com certeza alguém pegou.

— Pegaram. Quando chegamos ontem à noite, ela não estava mais aqui.

Olho para a janela quebrada, para a figura do *Scooby Doo* na toalha de praia tapando o buraco - o toque de Amber.

Chad coloca a máscara de *hockey* de volta no rosto e respira como Darth Vader.

— Esse foi meu jeito de pegar vocês depois da tentativa frustrada de me assustar. Boa sorte da próxima vez.

— Do que você está falando? Não tentamos te assustar.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Ele tira a máscara do rosto.

— Não tentaram?

Faço que não com a cabeça.

— Então quem colocou a camisa de *hockey* em minha caixa de correio? - ele pega uma folha de caderno do bolso de trás. - Isso aqui estava junto.

Pego o bilhete. Letras de forma maiúsculas escritas em vermelho dizem: FIQUE LONGE DELA. ESTOU DE OLHO EM VOCÊ.

— Sei lá - diz ele. - Provavelmente é só um dos caras pregando-me uma peça. Bem, tenho que ir antes que a segurança me pegue. Talvez eu possa voltar outra hora.

— Talvez - concordo, segurando o bilhete nas mãos.

— Você pode avisar Drea que não vou poder tomar o café da manhã com ela? Treino de *hockey*.

Engulo em seco a previsão cumprida, alojada em minha garganta, e faço que sim com a cabeça.

— Diga a ela que Donovan está no quarto e que ela pode mandar a lição por *e-mail*. Ele irá imprimi-la para mim antes da aula.

Minha cabeça se enche de perguntas, mas em vez de fazê-las, apenas digo:

— Tudo bem.

— Obrigado, Stacey. Agradeça a Drea, também. Estou devendo uma para ela. Ah, e diga a ela para mudar um pouco as respostas. Não queremos que a professora pense que estamos trapaceando - ele dá uma piscada.

Dou tchau antes de fechar e trancar a janela.

Aconteceu. Ele cancelou o encontro. As cartas estavam certas.



11

Largo a porta do banheiro aberta e atravesso o piso de cerâmica vermelho procurando por Drea. Algumas garotas ainda estão esperando na fila para tomar uma ducha, com seus braços cheios de xampus de frutas e sabonetes, mas nada de Drea. Eu percorro com os olhos os pares de pés, que escapam por debaixo de todas as cortinas, procurando pelos sapatos cor-de-rosa jujuba de Drea. Noto um par de chinelos de dedos do Gugu da Vila Sésamo, parados no último boxe.

— Amber? É você? - eu balanço a cortina.

— Cai fora - diz uma voz grossa que, definitivamente, não é a de Amber.

Dou a volta nas pias e lá está Drea, na frente do espelho, secando furiosamente seu cabelo com um secador. Ela desliga o secador.

— O que foi?

— Você está bem? - estou totalmente sem fôlego. Olho por sobre seu ombro para Verônica Leeman, que finge escovar os dentes a algumas pias dali, mesmo estando óbvio que ela está quase caindo para trás para ouvir o que estamos falando.

— E você? Está bem? - Drea pergunta.

— Pegue suas coisas e venha - digo. - Precisamos conversar.

— Você é quem sabe - Drea olha fixamente para o espelho e puxa um batom salmão de sua bolsinha de maquiagem. Ela se pinta e assopra beijinhos falsos na direção de Verônica.

— Chad adora quando uso batom dessa cor.

Todo mundo sabe que Verônica desistiria de usar seu *spray* de cabelo por um ano inteiro só para ter um encontro com Chad. Drea sorri para mim, muito orgulhosa de sua peruagem.

— E você sabe que Chad não consegue fazer muita coisa pela manhã - digo, saboreando cada sílaba. Eu também consigo agir como uma peruazinha.

Verônica cospe toda a pasta de dente que está em sua boca na pia de Drea e uma particulazinha de espuma de hortelã aterrissa na bochecha de Drea.

— Cuidado aí! - berra Drea, limpando as gotinhas com uma bolinha de algodão.

Verônica aponta o dedo para a cara de Drea.

— Se eu vir vocês e suas amigas perdedoras olhando para meu pai de novo, vocês se verão comigo.

— Do que você está falando? - Drea pergunta.

— Que meu pai estava na frente de seu quarto na noite passada - Verônica continuou -, ele estava procurando meu quarto, e por azar encontrou o de vocês. Seu quarto é aquele no andar térreo, do lado direito, em frente ao gramado, não é? Vocês estão assim tão desesperadas para começarem a dar em cima de homens de meia-idade?

— E seu pai está assim tão desesperado para ter que ficar espiando pelas janelas de garotas adolescentes?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Vá se ferrar - diz Verônica -, para sua informação, meu pai trabalha no turno da noite e teve que dar uma passadinha em meu quarto para pegar algumas chaves. Não tinha mais ninguém na recepção.

Drea esguicha um pouco de perfume na direção de Verônica para que ela se afaste.

— Bem, ele deve ter gostado do que viu, porque até voltou para ver mais hoje de manhã.

— Ele voltou para me devolver as chaves... não que isso seja da conta de vocês - Verônica se vira e vai embora, dois segundos depois de Drea e eu nos olharmos e explodirmos em gargalhadas.

— Isso significa que ela deve ter uma perversão maluca por papais - diz Drea.

— Não acredito que era ele.

— Espere - Drea revida. - O que você quis dizer com Chad não gostar de fazer muita coisa de manhã?

— Ele disse algo sobre ter um treino de *hockey* agora de manhã. Ele quer que você mande um *e-mail* com o trabalho para Donovan, que vai imprimi-lo e entregar para ele antes da aula.

— E por que Donovan não vai ao treino de *hockey*? Ele é o centro do universo - Drea derruba o batom na pia. - Estou de saco cheio das mentiras dele e de ele ficar me dando ~~esses~~ "perdidos". Aconteceu a mesma coisa semana passada. Ele veio com uma história patética sobre ter que visitar a avó doente.

— Mas ele carregava mesmo aquela máscara de *hockey* com ele. Você sabe o que isso significa, não sabe? As cartas estavam certas. Ele cancelou.

— Eu tenho coisas mais importantes para pensar do que em cartas.

— Coisas mais importantes do que sua vida?

Drea tenta me empurrar para abrir caminho, mas eu seguro seu braço e a viro de frente para mim.

— Seu *showzinho* de menina mimada não vai dar certo desta vez. Eu vou te ajudar, quer você queira ou não.

Ela me encara por alguns segundos, como se não quisesse ouvir, mas está assustada demais para fugir.

— Não posso lidar com isso agora.

— Bem, desculpe-me, mas você não tem escolha. Você é minha melhor amiga e não quero que nada aconteça com você.

Puxo Drea para um dos boxes, para ter um pouco mais de privacidade e tiro o bilhete, agora todo destruído, do centro de minha mão e o coloco na dela.

— O que é isso?

Apenas abra-o. Estava junto com a blusa de *hockey* de Chad. Ele a pegou de volta. Estava enfiada na caixa de correio dele com este bilhete.

— “FIQUE LONGE DELA. ESTOU DE OLHO EM VOCE”? - Drea lê. - Espere, não estou entendendo; pensei que era para eu pegar o bilhete.

— Mas você vai. Vai pegar outro. Endereçado a você. Tenho certeza que vai.

— Quem é "ela", a quem o bilhete se refere? - ela pergunta.

— Quem você acha que é?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Drea sorri.

— Sou eu, não é?

— Isso não é um elogio, Drea. Isso é sério. Quem mandou este bilhete para Chad está fazendo de tudo para ter certeza de que ele vai parar de andar com você. Talvez até Chad esteja correndo perigo.

O sorriso de Drea murcha.

— Isso não faz sentido. Por que alguém iria querer machucar Chad?

— Porque, seja lá quem for, quer você só para ele.

— Então, você tem certeza de que é um cara?

— Quem sabe? Você já irritou tantas garotas por aqui - eu estico o papel na parede e o toco suavemente para sentir seus riscos. Há uma leve vibração vindo da palavra “dela”. Sigo os riscos de cada letra com meus dedos, concentrando-me em cada uma. E então, fecho meus olhos e aproximo o papel do nariz.

— O quê? - Drea pergunta. - O que é isso?

— Lírios. Como em meus sonhos. Havia lírios.

— E o que os lírios têm a ver com tudo? - ela pergunta. - São apenas flores.

— Lírios são as flores da morte.

— Você está me assustando.

— Estamos juntas nisso - digo, pegando sua mão e segurando-a. Se eu posso prever o futuro, nós podemos mudá-lo.

— Não se for o destino.

— Nós fazemos nosso próprio destino. Não vou deixar nada acontecer a você.

— Promete?

Confirmo com a cabeça e penso em Maura.

— Você é minha melhor amiga - ela diz.

Inclino-me para ela e lhe dou algo que nós duas precisamos: o maior abraço.

— Posso te fazer apenas um pequeno pedido? - Drea pergunta.

— Qualquer coisa.

— Podemos sair deste boxe agora?

— Com certeza - digo, querendo rir. - Ainda temos meia hora antes das aulas - vamos pular o café da manhã, é isso.

— Acho que não vou conseguir comer.

— Vamos voltar ao nosso quarto e montar um plano.

Quando saímos do boxe, o banheiro já estava totalmente vazio. Com exceção de algo que estava esperando por nós.

Algo que foi colocado além das pias. Uma enorme caixa retangular, embrulhada com papel vermelho-cereja, com um laço prateado. Há um cartão em cima dela, com o nome de Drea escrito com o mesmo tipo de letra do bilhete de Chad.

Tento segurar a mão de Drea, mas ela treme. Um chiado surge de sua garganta, como se ela não conseguisse respirar.

— Drea, você está bem?

Mas seus olhos sequer chegaram até o pacote. Eles estão fixos nas palavras em rosa salmão riscadas ao longo dos espelhos. Alguém escreveu aquilo usando



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

o batom que ela tinha usado há apenas alguns minutos: “ESTOU DE OLHO EM VOCÊ, DREA”.



12

- **D**rea? - toco em seu ombro. - Você está bem?
Ela consegue assentir com a cabeça, mas continua ofegante. Pego sua mão e a levo para longe do espelho, do maldoso ataque feito com batom salmão.

Isso parece acalmá-la um pouco. Depois de alguns segundos, sua respiração se torna menos violenta, menos desesperada.

— Vou te ajudar a sair desta - eu prometi a ela, mas não tinha certeza se ela me ouvia. Seus olhos estavam fechados, como se estivesse fortemente concentrada em retomar seu fôlego. - Estou aqui.

Mas ali também devia estar a pessoa que deixou o presente. Tento olhar pela porta. Eu odeio com todas as minhas forças o fato do vestiário ser no andar térreo do prédio. Se a porta que vai para o corredor está aberta, o que quase sempre acontece quando o pessoal da manutenção está limpando, é como se qualquer um que passasse lá fora pudesse simplesmente entrar.

Fico imaginando se alguém viu quem fez isso. E se tem a ver com aquele cara com quem Drea anda conversando. Mas talvez nem tenha sido um “cara”. Talvez alguma garota que tivesse uma quedinha por Chad, mas que não tivesse nenhuma chance por causa de Drea.

Talvez alguém como eu.

Tento rapidamente montar uma lista mental de todas as garotas que já estiveram a fim do Chad ao longo do ano passado. Mas, além de mim mesma e de Drea, a única em quem eu consigo pensar é em Verônica Leeman. Verônica, que estava aqui há apenas alguns minutos, que cuspiu pasta de dente em Drea e deu um piti por causa de seu pai.

— Drea, você está bem? - aperto seus dedinhos de boneca de porcelana.

Ela responde que sim com a cabeça.

— Ataque de pânico. Eu não tenho um desses desde o colégio.

— Você quer ir até a enfermaria?

— Não, só quero saber quem fez isso. Vamos abrir isso logo - diz ela, referindo-se ao pacote.

— Tem certeza?

Ela balança a cabeça e seca as lágrimas que escorrem por suas bochechas.

— Eu preciso saber - ela se aproxima lentamente do pacote embrulhado para presente e então se vira, olhando para mim. - Você me ajuda?

— Você quer que eu abra?

Concorda com a cabeça e diz:

— Eu abro o cartão, você abre o presente. Fechado?

— Fechado!



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Sento no banco com o pacote em meu colo - o pequeno e branco envelope, com o nome de Drea escrito, virado para mim. Coloco o envelope na mão de Drea e assisto enquanto ela o rasga e tira de dentro um pedaço dobrado de papel pautado, as bordas furadas estão rasgadas, a folha foi recentemente arrancada do caderno espiral de alguém. Ela desdobra a folha, estica o papel e lê a mensagem.

— Isso não faz sentido - ela balança a cabeça e passa a mão no rosto.

— O que está dizendo? Posso ler?

Mas ela não se mexe nem responde.

— Drea? - consigo arrancar a folha de suas mãos. É igual à carta que Chad recebeu - escrita com canetão vermelho, em letra de forma - MAIS QUATRO DIAS.

Olho para ela, para as lágrimas que escorrem por seu rosto. Coloco meus braços em seus ombros e deslizo minha mão por seus cabelos longos, do mesmo jeito que minha mãe costumava fazer quando me abraçava.

— Não precisamos abrir essa caixa agora - eu sussurro. - Podemos esperar até depois da aula, quando estivermos nos sentindo melhor. Ou eu posso abrir sozinha mais tarde.

— Não - ela diz, secando o rosto. - Abra agora. Eu tenho que saber o que tem nela agora.

Concordo, eu entendo completamente como ela se sente. Eu também tenho que saber.

Puxo o laço, solto a fita do pacote e, então, lentamente começo a desembulhá-lo, tirando as fitas adesivas e desdobrando o papel com muito cuidado, tentando pressentir qualquer vibração que pudesse vir dele. Quando o pacote finalmente está todo desembulhado, há em meu colo apenas uma caixa branca de papelão. Dou um sorriso, um pouco aliviada, mas não sei por que faço isso. Olho para Drea - ela tem a mesma expressão. Tiro a tampa e olho para dentro: há quatro lírios recém-apanhados.

— Lírios - diz Drea, engolindo seco. - As flores da morte. Não foi isso que você disse?

Concordo. Não adianta mais mentir. A força surge da honestidade.

— Então, quatro lírios. Quatro dias até minha morte, certo? - os lábios de Drea tremem, mas em vez de chorar, ela começa a rir, a gargalhar histericamente. Ela pega um dos lírios da caixa e começa a batê-lo em seu nariz - Acho que ele é pão duro demais para me mandar uma dúzia. Ou talvez doze dias seja tempo demais para ele esperar. Ei, se ele me matar antes de sexta-feira, não vou precisar fazer aquela prova de matemática. Você acha que posso pedir para ele se adiantar?

Toco a mão de Drea, afago suas costas e vejo que esses gestos simples são capazes de transformar risadas em lágrimas. Ela coloca o rosto entre as mãos e desaba em meus braços. Eu fico sem saber o que fazer. Não sei o que fazer para que ela se sinta melhor. Eu posso apenas tentar impedir que algo aconteça. Eu a sacudo em cima do banco e sinto um nervo de minhas costas tensionando-se.

Um barulho de passos se aproxima de nós, vindo da sala dos chuveiros. Fico em pé e, sem querer, piso no papel de embrulho causando um leve ruído.

Os passos param.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Drea agarra meu braço, tentando me segurar. Encosto o dedo esticado na boca, pedindo para que ela faça silêncio, dou um passo na direção das pias e me preparo para olhar do outro lado do muro.

Talvez seja a mesma pessoa que deixou o presente. Talvez ela ainda esteja esperando.

— Stacey - Drea sussurra. - O que você está fazendo?

Rapidamente coloco minha cabeça no limite da parede e espio, mas não vejo ninguém, apenas uma fileira de boxes com chuveiros, todos com as cortinas abertas. Solto meu braço das mãos de Drea e começo a percorrer a fileira de boxes. É quando eu noto: os dois últimos estão com as cortinas fechadas.

Ouve-se um tinido, como se fosse metal, vindo do último box. Pego meu chaveiro no bolso e escolho a chave mais afiada, caso eu precise me proteger.

— Eu sei que você está aí! - grito. - Saia daí que eu quero ver quem é você.

Um par de pés calçando sapatos de couro preto aproxima-se da cortina.

— Saia já daí!

— Stacey! - grita Drea.

Um cachecol branco surge de dentro da cortina e balança para frente e para trás. Aproximo-me para ver de perto. Há patinhos amarelos estampados nas bordas do cachecol. E um cachecol assim só pode ser de uma pessoa.

— Eu me rendo - grita Amber, saltando para fora do box. - Só não me machuque.

Solto um longo suspiro de alívio... e a chave.

— Amber, o que você está fazendo aqui?

Drea surge de trás da parede e se junta a nós.

— Você quase nos matou de susto - diz Drea.

— Desculpem-me - diz ela, enquanto bate sua bolsa do *Patolino* contra a parede do box. - Eu só queria dar um sustinho em vocês. Não pensei que vocês iam levar tão a sério.

— De que jeito você achou que íamos levar? - pergunto.

Ela coloca o cachecol de patinhos ao redor de seu pescoço de um jeito que ele fica por cima do colarinho do uniforme, bem do jeito que irrita a sra. Gunther, a professora de álgebra da primeira aula. E isso lhe rendeu uma bela e gorda detenção.

— Eu estava procurando por vocês, amigas - ela diz. - Vamos tomar um café da manhã?

— Há quanto tempo você está aqui? - Drea pergunta.

— Não sei. Acho que uns dois minutos.

— Você viu alguém vindo para cá com um pacote de presente nas mãos?

— Você ganhou um?

Drea confirma com a cabeça.

— Caramba - os olhos de Amber se fecham para acentuar sua expressão e mais dois patinhos aparecem, eles estão desenhados em suas pálpebras com lápis de olho das cores marrom e amarelo - e o que tem nele?

— A gente explica depois. Não quero conversar aqui.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Isso é tão legal - diz Amber. - Parece um filme de terror ou algo do tipo. Sinto-me como a... qual é o nome daquela mulher que fez o filme Halloween? O antigo, o original?

— Jamie Lee Curtis - digo.

— Sim. Estou me sentindo como ela.

— Amber, isso é sério. Não é para fazer piada.

Ela olha para Drea, que está quase chorando de novo.

— Ah, sim. Desculpe-me, Drea. Às vezes eu ajo como um grande besouro sem coração.

— Como uma barata - Drea corrige.

— Isso! - o celular de Amber começa a tocar dentro de sua bolsa. Ela o ignora, por cortesia. Digam-me o que eu posso fazer para ajudar vocês, e eu farei.

— Precisamos fazer um pacto - digo- - Aqui e agora.

Estendo minha mão no ar, com a palma virada para baixo. Drea coloca as suas sobre a minha. Amber faz a mesma coisa, até que nossas seis mãos formam uma pilha.

— Fechem seus olhos e repitam depois de mim - sinto o calor de suas mãos protegendo as minhas - ao mais absoluto segredo.

— Ao mais absoluto segredo - diz Drea.

— Ao mais absoluto segredo - repete Amber.

— E à honestidade e à força - digo.

— E à honestidade e à força - as duas repetem, uma de cada vez.

— Ou a morte certamente irá nos separar - digo.

— Ou a morte certamente irá nos separar.

— Ou a morte certamente irá nos separar - Amber soluça.

Abrimos os olhos e ficamos nos olhando por alguns segundos sem dizer nenhuma palavra. Depois soltamos as mãos.



13

O café da manhã já tinha acabado quando saímos do vestiário. Então, tivemos que esperar - o dia mais longo do ano - até depois da aula para voltar ao dormitório e fazer um plano. PJ pediu para participar, mas falamos que precisávamos de um tempo para fazer coisas de mulher. Ele não discutiu. Só prometeu que voltaria escondido para escutar a conversa.

Nos sentamos no chão, em círculo, com uma vela grande e roxa no meio. Eu já estou num ponto além do cansaço, não consigo nem me concentrar. Eu preciso de tempo para criar um plano, mas também preciso de tempo para dormir, para viver meus pesadelos e descobrir o que significa tudo isso.

Amber ocupa seus dedos arrancando as pétalas dos lírios e jogando-as em uma tigela de barro laranja.

— Deixe os talos de lado - digo para ela. - Podemos precisar deles depois.

Drea pega uma barra de chocolate na geladeira. Ela tira a embalagem e dá uma mordida, e apenas por um maléfico segundo eu me pergunto por que todo aquele açúcar não vai direto para as coxas dela.

— Vocês acham que devemos contar sobre o bilhete para a segurança do campus? - Amber pergunta.

— Não - diz Drea. - Eles vão ligar para meus pais e depois eu vou ter guardas seguindo-me até dentro do banheiro. Não, obrigada.

— Talvez devêssemos.

— Sim, a gente chega lá e conta que alguém me deu flores junto com um cartão que diz “quatro dias”. Que assustador - ela zomba. - Quatro dias podem significar qualquer coisa. Pode ser o tempo que falta até minha próxima menstruação, pelo amor de Deus. Quatro dias até o inferno congelar.

— E é nisso em que você está pensando, mesmo? - pergunto.

— Não sei, Stacey. No que você está pensando? Talvez você devesse chamar a polícia. Talvez devêssemos contar a eles tudo sobre suas premonições e todo o simbolismo dos lírios. Eles nem vão achar que somos loucas, nada disso.

— Por que você está agindo desse jeito? - pergunto.

— Talvez seja meu jeito de encarar o fato de que alguém está querendo me matar.

Puxo minha mochila que está em cima da cama e tiro três limões (cortesia da moça do refeitório) de dentro do bolso lateral.

— Não, eu quero dizer, por que é que vocês estão tão contra chamar a polícia?

Amber para de arrancar as pétalas para ouvir a resposta.

— Porque talvez eu saiba quem é que está fazendo isso.

— Você sabe?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Talvez.

— Quem é? - pergunto.

— Talvez seja Chad.

— Chad? Por que Chad faria isso?

— Por que mais? Para me assustar, assim eu posso voltar correndo para ele. Basicamente, para me ter de volta.

— Que idiotice - diz Amber.

— O que posso dizer? Ele é um garoto. Talvez este seja o jeitinho dele de nos aproximar de novo.

— Você realmente... não acredita nisso, né? - Amber fala, olhando fixamente para uma rachadura no teto.

— E no que mais eu deveria pensar?

— Se ele quisesse ficar assim tão perto de você, por que ele desmarcou o café da manhã de vocês? - pego os limões e corto-os ao meio, com uma faca de plástico.

Drea se encolhe. Ela morde um belo pedaço de chocolate, o que dificulta um pouco para ela responder mais alguma coisa. Eu não acho que ela realmente acredite que Chad está por trás da coisa toda, mas eu acho que esta é a única explicação que sua mente lhe deixa processar neste momento.

— Mas o que estamos fazendo com estes lírios? - Amber pergunta, colocando uma flor atrás da orelha.

— Bem - digo, pegando a flor de volta -, primeiro vamos deixá-las de molho com o suco de limão e com o vinagre. Depois colocaremos tudo numa garrafa, com alfinetes e agulhas.

— Foi o que eu pensei - diz Amber, revirando os olhos. Ela dá uma mordidinha no chocolate de Drea e depois pega metade para ela. - Estou morrendo de fome. Você viu aquela gororoba gelatinosa que eles estavam servindo no refeitório hoje? Um nojo!

— Eu não estava com fome - diz Drea, pegando de volta a barra de chocolate.

Pego um dos lírios e fico admirando as pétalas fortes e amplas e o jeito que elas caem abertas formando um sino perfeito. Passo o dedo pelos traços de suas fibras.

— A pessoa que deixou isso aqui... está muito próxima - fecho meus olhos e deslizo meu dedão e o indicador por roda a extensão do talo para sentir sua maciez. Dá para sentir que ele ficou num vaso com água por algum tempo, pelo menos alguns dias, e que a base havia sido cortada por uma mão delicada. Movimento minha mão de volta para cima para sentir as folhas. Paro, aperto uma delas entre meus dedos e sinto os veios para ter certeza. Os veios seguem diretos até a ponta, e então se transformam em pequenos vês que se dividem para leste e oeste.

— Sinto que há algum tipo de proteção.

— Que tipo de proteção? - Drea pergunta.

Balanço a cabeça, frustrada por não ter mais nada para dizer. Levanto a pétala até meu nariz.

—Terra - afirmo. - Tem cheiro de terra.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Bem, deve ter vindo de um florista - diz Amber. - Sabe como é, eles têm terra nesses lugares.

— Não - digo, cheirando de novo. - O cheiro de terra está em mim.

Deixo o lírio cair em meu colo e cheiro meus dedos. O aroma de terra está em todos os lugares - em minhas mãos, nas roupas, impregnado em meu cabelo.

Fecho meus olhos e tento me concentrar no aroma. Visualizo uma massa marrom de terra sendo mexida, remexida e, então, mexida novamente. A cor alternando-se em certos pontos, de dourada e castanho para marrom bem escuro, quase preto. Pressiono meus dedos em minhas narinas e inalo o cheiro da pele rosada, respirando cada grão do espírito terrestre, em forma de cone, como uma tenda indígena.

— Alguém está cavando alguma coisa.

— Tipo o quê? - Amber pergunta.

Abro meus olhos e balanço a cabeça.

— Eu não sei.

— Socando a terra - Amber corrige.

Quase fico surpresa ao ver que elas estão fazendo piadinhas sobre isso, especialmente Drea. Mas é o único jeito que ela encontrou para digerir todas essas informações e manter-se calma.

— Quando foi que você aprendeu a fazer essas coisas? - Amber pergunta.

— O quê?

— Interpretar as coisas desse jeito?

— É bizarro. Mas acho que eu sempre soube fazer isso, é como se estivesse sempre em mim, mesmo quando eu era mais jovem, jovem demais para aceitar ou entender. Era só eu tocar alguma coisa para me aparecerem essas imagens mentais, esses sentimentos intensos. Acontecia o tempo todo; ainda acontece. Eu costumava praticar pela casa - as chaves de minha mãe, o relógio de algum vizinho - e não sentia nada. E então eu ia para fora, para qualquer lugar, como a casa de alguma amiga, e sentia que haveria um divórcio só de tocar no pano de prato.

— Eu não ia gostar de saber coisas como esta - diz Drea.

— Eu também me sentia assim. Mas tento pensar que isso é um dom, um jeito de ajudar as pessoas.

— Meus pais estão prestes a se divorciar. Você não precisa ir lá tocar nos panos para me dizer isso.

— Ei, Stacey, você consegue usar esses troços psíquicos para me dizer se o Brantley Witherall vai me convidar para o baile este ano? - Amber pega sua bolsa e tira de dentro dela seu celular verde fluorescente, decorado com pequenos adesivos de joaninhas, e o carregador de bateria.

— Brantley Witherall, o senhor “adoro virar minha pálpebra para fora para minha própria diversão”? - Drea pergunta. - Uma garota sempre pode sonhar, né?

— Talvez, em vez dele, eu devesse convidar Donovan para o baile. Ele sorriu para mim no refeitório ontem - Amber dá um leve sorrisinho de satisfação enquanto pluga o carregador do celular na tomada. Apesar do interesse de Drea por Donovan ser absolutamente zero, Amber acha que ela tem algum sentimento por ele.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmn=65618057>

— Por que você ainda precisa de um celular? - Drea pergunta. - Você está com a gente o dia todo. Quem iria ligar para você?

— PJ.

— Vocês dois deveriam voltar - diz Drea. - Ele é muito a fim de você.

— E você não adora isso? - diz Amber.

— O que você quer dizer?

— Que talvez você esteja querendo eliminar a concorrência.

— Por favor, acho que não estamos falando a mesma língua aqui.

— Meninas, vocês não podem dar um tempo? - puxo as pétalas que sobravam no talo, meus dedos quase misturados em sua palidez. - A ideia é que trabalhem juntas.

O telefone toca, interrompendo nossa conversa.

— Eu atendo - Amber estica o braço e pega o telefone. - Alô? Alôooooooooo?

Ela espera alguns segundos antes de desligar.

— Outro trote? - pergunto. Amber dá de ombros.

— Deve ser PJ. Ele não aceita não como resposta.

— Sobre o que estávamos falando? - Drea pergunta.

— Quantos trotes e brincadeiras. Vamos ter que aguentar isso por quanto tempo antes de você se tocar que essa coisa é séria? Você vai dar uma sacudida nesse cara ou não?

O telefone toca de novo.

— Eu atendo! - exclama Drea.

— Coloque no viva-voz. Assim, todas nós podemos ouvir.

— Não, isso não tem nada a ver com ele.

— Bem, se não tem, então deixe a gente ouvir. Se estiver tudo bem, é só desligar o viva-voz e nós nunca mais vamos mencionar esse nome de novo.

— Não que você saiba o nome dele - Amber corrige.

Drea se encolhe. Eu posso apostar que ela quer fazer isso. Eu sei que há algo a respeito desse cara. E eu também sei que essa é a razão por ela querer mantê-lo em segredo.

— Tá bem - diz ela. - Mas preparem-se para perceber que estão erradas - ela aperta o botão do viva-voz, depois atende. - Alô?

— Oi - diz ele. - Sou eu - sua voz é áspera como areia da praia.

— E quem é você? - Drea pergunta.

Silêncio.

— Alô? - diz Drea.

— Nunca pense que você é mais esperta do que eu - diz ele.

— Do que você está falando?

— Eu sei que estou no viva-voz. E sei que suas amigas estão me ouvindo.

— Não - diz Drea aproximando-se do fone. - Estou sozinha.

— Não minta para mim - diz ele, sua voz é firme e cortante.

— O que você quer? - eu pergunto, olhando pela janela, imaginando que ele esteja ali, observando.

— Isto é entre mim e Drea, Stacey. Você não tem nada a ver com isso. Além do mais, eu não acredito em bruxas.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Uma pausa de dez toneladas cai entre nós. Nossos olhos travam. Eu sei que todas estamos pensando a mesma coisa: como ele sabe meu nome?

— Por que você está fazendo isso? - a voz de Drea parece tremer. - Achei que fôssemos amigos.

— E eu achei que fôssemos bem mais do que amigos. Pelo menos foi o que você disse na outra noite. Mas, desde então, você não tem sido exatamente uma pessoa fiel.

As bochechas de Drea ficam vermelhas, como se rosas estivessem bem debaixo da sua pele.

— Recebeu meu presente? - ele pergunta.

— Aqueles lírios vieram de você?

— Quatro deles - diz ele. - Pelo número de dias que faltam para nos encontrarmos.

— Por que você está agindo assim? Você não era assim antes.

— Nem você. Quatro dias, Drea. Mal posso esperar. *Click*.

— Essa voz é muito familiar - digo.

— Digite “asterisco seis e sete” - diz Amber.

Ligo o telefone e digito, esperando a telefonista dizer que o número está bloqueado. Mas, em vez disso, a voz mecânica informa o número. Amber anota-o nas costas de sua mão com o delineador.

— E agora? - Drea pergunta. - Vamos ligar de volta?

— Por que não? - Amber agarra o telefone. - Vamos mostrar para esse maluco com quem é que ele está lidando.

— Não, melhor não - Drea toma o telefone para si e o coloca embaixo das pernas.

— Por quê? - Amber pergunta.

— Espere só um pouco - ela toma fôlego. - Quero esperar. Ela empurra o fone mais fundo, embaixo de sua coxa.

— Esperar pelo quê? Se ligarmos neste momento ele ainda estará lá - Amber toca de leve em um pedaço do delineador azul que está em sua mão e o esfrega sobre suas pálpebras, como se fosse sombra. - Ei! Pelo menos agora sabemos que não é Chad. Este não é o número dele.

O zumbido do tom de discagem que sai do fone fora do gancho, abafado discretamente pelas pernas de Drea, pode ser ouvido continuamente como se fosse um grito entre as três.

— O que você acha que ele quis dizer com “você não tem sido muito fiel?” - eu pergunto. - Acha que ele se referiu ao seu café da manhã com Chad?

— Eu já não sei de mais nada - diz Drea.

— Talvez seja Chad - comenta Amber. - Talvez ele tenha ficado com ciúmes do jeito como você saiu andando com Donovan no refeitório. Talvez ele só esteja usando o telefone de outra pessoa.

— Quatro dias - Drea murmura. Depois enfia os dedos na tigela das pétalas. - Como isso aqui vai me ajudar?

Pego a garrafa de vidro da janela e coloco-a na frente dela. É uma garrafa pequena, um pouco menor do que aquelas antigas de *Coca-Cola*, e havia sido usada uma só vez para guardar sal marinho.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Ela já foi banhada com a luz da lua - digo.

Drea segura a garrafa, fechando suas mãos com força ao redor dela, como se quisesse quebrá-la.

— Drea - Amber se estica para tocar seu antebraço. - Tudo vai dar certo.

Eu espremo as metades dos limões sobre a tigela de pétalas, o suco cai em gotas, como uma garoa de sumo. Adiciono à receita três doses de vinagre medidas na tampa e mexo tudo com meus dedos, o conteúdo da tigela começa a esquentar na minha mão à medida que as pétalas começam a se desfazer.

Juntas, Drea e eu, seguramos a tigela e a garrafa e despejamos o conteúdo de um no outro, com cuidado para que cada gotinha encontre seu caminho para dentro da garrafa.

— Pegue - digo, entregando para ela uma pequena caixinha de madeira que cabia na palma de sua mão.

Ela abre a caixinha e olha para o conjunto de alfinetes e agulhas brilhantes que há dentro dela.

— Coloque a quantidade que você achar necessária para te proteger.

— Tá falando sério? Eu tenho que me proteger desse cara com esses alfinetes de costura?

— Apenas coloque-os lá dentro, por favor. Esta é uma garrafa de proteção. Mantenha-a sempre perto de você.

Amber e eu assistimos enquanto Drea coloca todos os alfinetes e agulhas dentro da garrafa. Quando ela termina, eu inclino a vela sobre a garrafa para que a cera pingue e sele a boca.

— Concentre-se na idéia de proteção. O que proteção significa para você?

— Provavelmente não é a mesma coisa que significa para mim - Amber abana seus cílios e tira um pequeno pacote verde fluorescente de dentro de sua bolsa do *Patolino*.

— Esta é uma tatuagem temporária - explica. - Eu estava lá quando você ganhou isso naquela máquina.

Amber olhou para aquilo.

— E daí? O que conta é a intenção.

— Shhh - digo. - Drea, você precisa se concentrar. Que pensamentos ou imagens surgem em sua mente quando você pensa em proteção?

Olho para Amber, ocupada em desembulhar o pacote da tatuagem. Dentro há a figura de uma galinha sorridente. Ela arregança a manga e pressiona a tatuagem contra seu antebraço.

— Amber - reclamo.

— Tá bem - ela joga a tatuagem de volta na bolsa.

— Vamos dar as mãos.

Coloco a garrafa de proteção no centro e damos as mãos ao redor dela, nossos corpos formando um triângulo humano.

— Fechem seus olhos - digo. - E concentrem-se na garrafa. Vou começar. Quando penso em proteção, eu penso na Lua. Eu penso na natureza: chuva, céu e terra. Penso na verdade.

— Meus pensamentos, exatamente... - Amber abre os olhos para espiar no mesmo momento que eu, e continua falando. - Quando penso em proteção - ela



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

começa -, eu penso em guardas armados, vários guardas armados, com mãos fortes, masculinos e com grandes e pulsantes...

— Amber - eu grito.

— ...bíceps - ela finaliza. - O que mais?

— Quando eu penso em proteção - diz Drea. - Eu penso em meus pais e no jeito que eles costumavam ser, quando eu sentava entre eles em sua cama e assistíamos a filmes. Quando saíamos para caminhadas e cada um segurava uma de minhas mãos. Quando eles se amavam... isso sempre fez com que eu me sentisse segura.

Aperto a mão de Drea, enviando o gesto através do círculo até que ele volte para mim através da mão de Amber.

— Garrafa da proteção, ajude a proteger Drea através das forças da mãe Terra, dos anjos guardiões e do amor paterno. Abençoada seja.

— Abençoada seja - diz Drea.

— Abençoada seja - Amber abre os olhos e entrega a garrafa para Drea.

— Estou pronta agora. Vamos ligar.

— Tive uma idéia melhor - interrompe Amber. Ela revira sua bolsa e retira dela uma agenda de telefones. - Stacey, vocês têm uma lista telefônica dos estudantes? Nós podemos achar o número e ver a quem ele pertence. Se for alguém do campus, estará lá.

— Tem uma em meu criado-mudo, mas tem, tipo, umas vinte páginas na lista. A gente vai demorar uma eternidade.

— Bom, eu não tenho nada melhor para fazer - diz Amber.

Puxo a lista telefônica do criado-mudo e sento ao lado de Drea com as páginas abertas sobre o colo. Nós pesquisamos ao longo de todas as linhas de números enquanto Amber procura em sua agenda.

— Esse cara deve ser muito estúpido por ter nos ligado de seu próprio quarto - digo, virando a página.

— Espere um segundo, aqui está - ela bateu o dedo em cima do número.

— Mas já? - pergunto.

— Sim. É o telefone público. Aquele que fica perto da biblioteca.

— Posso perguntar por que você tem os números dos telefones públicos anotados em sua agenda? - Drea questiona.

— Ué, eu tenho. Você sabe, em caso de necessidade. Caso eu queira que alguém me ligue enquanto eu estiver lá. Ficaria muito caro se eu fizesse e recebesse todas as ligações de meu quarto, e, além do mais, nem sempre estou lá.

— E, além disso, você ainda tem seu celular - ironiza Drea.

— Por que você está implicando? - Amber fecha a agenda e enfia na bolsa.

— Isso é muito esquisito. Algum cara está a fim de me matar e acontece de você simplesmente ter o número dele em sua bolsa.

— Mas não é o número dele.

— Parem - interrompo. - Isso não vai adiantar nada. Temos que confiar umas nas outras. Lembrem-se de nosso pacto.

Fico observando enquanto o queixo de Drea volta para o lugar.

— Eu acho que temos que ir até lá - sugere Amber. - Se o imbecil usou aquele telefone, ele pode ainda estar ali perto. Talvez na biblioteca.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

- Ele pode ser qualquer um - diz Drea, encarando Amber. - Pode ser que sejam até mesmo duas pessoas trabalhando juntas.
- Olhem - digo. - E se apenas fossemos lá, juntas...
- Beleza - Drea agarrou a garrafa de proteção. - Vamos lá.



14

Drea, Amber e eu corremos o mais rápido que conseguimos na direção do Edifício O'Brian, que fica separado da biblioteca da escola por uma pequena quadra de tênis.

— Não sei se isso vai adiantar muita coisa. Só um completo otário ficaria dando sopa perto de um telefone onde acabou de fazer uma ligação ameaçadora. Mas acredito que existam muitos otários nesse mundo - digo isso olhando para Amber, que é um dos casos em questão, enquanto ela levantava a saia, prendendo o tecido de lã entre seus dentes, e pulava num pé só tentando colocar as meias no lugar.

— OK - diz Amber, segurando meu braço. - Nós temos que agir naturalmente. Você sabe, como se nós estivéssemos indo realmente pegar um livro ou algo do tipo.

— Logo você, Amber eu-compro-meus-trabalhos-prontos-na-Internet Foley? Procurando um livro? - ironiza Drea. - Quem quer que seja esse cara, ele saberá que estamos atrás dele assim que subirmos as escadas.

— Para sua informação, eu vou à biblioteca pelo menos uma vez a cada quinze dias - Amber desliza um lápis da *Hello Kitty* para trás da orelha. - Sou o retrato de uma garota estudiosa ou não?

— Você é o retrato de alguma coisa - brinca Drea, enquanto chega até a beirada da parede do prédio e vira a cabeça para olhar algo. - Ah, meu Deus! É Donovan.

— Na livraria? - eu pergunto.

— Não, ele está saindo do O'Brian. Drea vira a cabeça e toma fôlego, longa e profundamente. - Acho que ele está vindo por aqui.

— E daí? - pergunto. - Não há nenhuma lei que impeça a gente de ficar por aí. É só agirmos naturalmente.

Drea segura com força a garrafa de proteção na cintura de sua saia e puxa a blusa por cima para esconder a saliência.

— Boa escolha - diz Amber. - Ninguém vai nunca, jamais, olhar para aí.

Normalmente, Drea rebateria o comentário, mas, em vez disso, ela se encosta à parede do prédio e começa a respirar toda esquisita, assooprando e tomando ar.

— Drea, você está bem? - pergunto. Ela balança a cabeça e aperta os lábios.

— O que há de errado? Você acha que é Donovan?

— Este é o problema - ela tapa os olhos com a manga de sua blusa. - Eu não sei quem é. Eu não sei mais em quem eu posso confiar.

Ela olha para Amber com os olhos arregalados como os de um peixe. Acho que ela esperava por algumas palavras que curassem qualquer dúvida que ela tivesse. Espera que Amber explique novamente por que ela tinha o número do telefone público em sua bolsa.

Mas Amber está muito ocupada ignorando Drea para notar.

Donovan dobra a esquina e fica bem em nosso campo de visão, com o muro de tijolos por trás, como um papel de parede.

— Jesus! - diz ele. - Vocês querem me matar de susto, cara?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— E aí, Donovan - diz Amber, com um sorrisinho distorcido no rosto.

Ele balança a cabeça para ela.

— O que vocês estão fazendo, cara?

— Que mania. Você está vendo algum cara aqui? - Amber dá uma última e boa puxada na parte de trás das meias. - Nós somos mulheres.

— Só estamos matando o tempo - digo, sem ter muita certeza de porque me dou ao trabalho de fazê-lo. Se os olhares de Donovan fossem pinceladas, Drea naquele momento se pareceria com um quadro de Picasso.

— E aí, Drea - diz ele, revirando a terra com a ponta da bota. - Você vai ao jogo de *hockey* neste fim de semana? Quer dizer, já que Chad vai jogar, não é mesmo?

— Não tenho certeza. Não falei com ele ainda - Drea junta as mãos sobre a saliência em sua blusa e expira uma grande quantidade de ar. - Na verdade, a gente estava correndo para a biblioteca. A gente precisa mesmo ir.

— Claro - diz ele. - Só estou perguntando porque talvez pudéssemos fazer alguma coisa depois do jogo. Talvez comer alguma coisa.

— Jogadores de *hockey* e comida - Amber dá um passo gigante na direção de Donovan dando-lhe uma indireta bem no meio do nariz.

— Você não precisaria me perguntar duas vezes. A que horas preciso estar lá?

— Eu não sei - diz ele. - Acho que tenho alguma outra coisa para fazer.

— Outra hora então - seus olhos param em Drea por alguns segundos a mais antes de ele ir embora, sem nem se dar ao trabalho de se despedir de Amber ou de mim.

— Ah, meu Deus - diz Amber, quando ele já estava longe o suficiente para não ouvir. - Ele tá muito a fim de você - ela espiou pelo muro para vê-lo se afastando. - Você não acha que é ele, acha?

— Eu o conheço desde o terceiro ano - Drea tira a garrafa de proteção de dentro de sua blusa e a segura com as duas mãos.

Amber inclina a cabeça para medir o traseiro de Donovan.

— Nada mal. Numa escala de 1 a 10 eu daria 8. O que você acha, Stacey?

— Acho inacreditável que ele continue a convidar Drea para sair depois de todos estes anos.

— Coitado - diz Amber.

— Você viu o jeito que olhou para mim? - Drea pergunta.

— Ele sempre olhou para você daquele jeito - comento.

— Não. Hoje foi diferente. Hoje foi mais intenso.

— Ele é um artista - diz Amber. - Eu adoro artistas.

— Você adora todo mundo - resmunga Drea.

— Será que estou sentindo um pouco de inveja? O garoto é tudo de bom. Talvez eu até deixe ele me moldar com suas mãos.

— Não sei se ele gosta de figuras abstratas - Drea dá um beijo na garrafa de proteção e a enfia novamente dentro da saia. - Vamos lá, vamos até a biblioteca antes que eu mude de idéia.

Caminhamos lentamente em volta do prédio e, mesmo sentindo que alguma coisa ali havia mudado - o fato de não sabermos em quem confiar, o que podíamos ou não dizer, e onde dizer tais coisas -, a biblioteca parecia a mesma que em qualquer outro dia, como uma gaita de tijolos gigante lançada para cá do espaço sideral. Esse tipo de constância me conforta.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Damos a volta pela quadra de tênis e ali estava ele. Bem em nossa frente: o telefone público. Mas não foi bem o telefone que ficamos observando, paradas, como três estúpidas, mas, sim, para a pessoa que o estava usando: Chad.

— Ai, meu Deus - diz Drea. - Ele está ligando para casa, certo? Diga que ele está ligando para a casa dele.

— Sim - digo. - Casa.

— Certo - Amber repete. - Mesmo sabendo que ele tem um telefone funcionando perfeitamente e mesmo com um plano econômico de uso no quarto.

— Na boa, gente - digo. - Quais são as chances de quem quer que tenha nos ligado ainda estar perto do telefone? Pode ter sido qualquer um - olho ao redor para a multidão sentada com seus uniformes xadrez azul-marinho e verde, alongando os braços ou simplesmente parados em volta de nós.

— É, e se não tivéssemos parado para conversar com Donovan - Drea lança um olhar maldoso para Amber - talvez pudéssemos ter chegado aqui bem mais rápido.

— Ei - diz Amber -, não reclame. Eu só estava tentando lhe fazer um favor.

— Bem, então tente menos da próxima vez, OK?

Continuamos andando em direção ao telefone, na direção de Chad, nossos olhares lançando chamas em suas costas. Parece que ele não está falando com ninguém, está só escutando ou esperando alguém atender.

— Chad - diz Drea, quando chegamos perto o suficiente. - O que você pensa que está fazendo?

Ele se vira e coloca o fone de volta no gancho.

— Ah, e aí meninas. Tudo bem?

— Com quem você estava falando? - Drea pergunta.

— Ninguém.

— Bom, então acho que você acabou de desligar na cara de “ninguém”.

— Você por acaso é minha mãe? - ele fecha sua agenda de telefones e a coloca em cima da pilha de livros sobre o apoio na cabine telefônica.

— Só acho que não é educado desligar na cara de outra pessoa. Só isso.

— Bem, não que isso seja de sua conta, mas eu não estava realmente falando com ninguém, pois não tinha ninguém em casa.

— Ninguém quem? - Amber pergunta.

Chad ignora a pergunta e olha para mim, e eu sinto minhas bochechas queimando.

— E aí, Stacey? Tudo bem?

— Tudo indo - digo, vendo seus olhos fitando minha cintura, descendo por meus joelhos e parando em meus sapatos pretos esquisitos. Por que fui usar meias de lã em vez de meia-calça hoje? Fico imaginando se ele notou que minha meia esquerda estava levantada pelo menos uns seis centímetros a mais que a direita. Cruzo as pernas na altura do tornozelo, esperando que ele note o quão sofisticadamente desafiadora eu sou, e olho para Drea. Ela lança um pouco de seu olhar maldoso para mim e logo o desvia.

— Bem - diz Amber. - Acho que precisamos ir - ela boceja, olhando para Chad. - Estamos indo para a biblioteca estudar.

— Estudar? - Chad arqueia as sobrancelhas.

— Sim, sabe, aquela coisa que fazemos com os livros.

— Sério? - ele cruza os braços. - Por que será que não acredito em vocês? Cara... o que vocês estão aprontando?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Mulheres, babaca - resmunga Amber. - Não somos “caras”. Nem garotas. Somos mulheres.

— Não pensem que eu já não saquei o que vocês, mulheres, estão fazendo aqui.

— Do que você está falando? - pergunto.

A curva de um sorriso surge em suas bochechas perfeitamente “beijáveis”.

— Você veio para o encontro dos Atletas da Mente, não é? - ele aponta para um *flyer* laranja brilhante colado na parede que convidava todos os Atletas da Mente para participar pela primeira vez de um encontro no porão da biblioteca.

— Ah, sim, claro - diz Amber. - Meu cérebro já se exercita demais nos horários de aula. A última coisa que eu quero fazer é usá-lo depois da escola.

— Isso explica muita coisa - diz Drea.

Olho para o relógio de ferro no meio da quadra. É pouco mais de quatro horas, haviam-se passado apenas vinte minutos desde que o telefone tocou em nosso quarto.

— A que horas você chegou aqui? - pergunto.

— Há uns cinco minutos.

— Você viu alguém usando o telefone antes de você?

— Não. Por quê? O que aconteceu?

— Nada - digo. - Eu tinha que encontrar alguém aqui, só isso.

— Sério? - os olhos de Chad me acertam como uma flecha. - Alguém que eu deva conhecer?

— Sim - Drea se intromete, antes que eu pudesse falar. - Nossa pequena Stacey estava apenas esperando por alguém. Entendeu o lance?

— Agora esqueça o lance - diz Amber, colocando sua caneta da *Hello Kitty* na boca como se fosse um cigarro.

Se arrancar as unhas postiças de uma pessoa e fazer com que ela as engula não fosse algo tão feio de se fazer, com certeza eu faria isso com Drea agora. Ela sabia exatamente o que estava fazendo - queimando qualquer tipo de ponte que houvesse entre mim e Chad.

— Só tem lugar pra três - diz Drea, enrolando um cacho de cabelo em seu dedo. - Por isso temos que nos separar agora, né, Amb?

Amber concorda.

— Já entendi a indireta - Chad pega seus livros e vai embora, sem ao menos dar uma minúscula olhada em minha direção.

Drea me dá uma cotovelada nas costelas quando ele se afasta.

— Isso deu muito certo. Ele acreditou que você estava esperando alguém.

— Que bom - digo.

— E agora? - diz Amber. - Você não está pensando que pode ser Chad, está?

— Ele sabe de alguma coisa - Drea sussurra.

— Como você pode ter tanta certeza? - fico olhando enquanto ele se afasta até sua imagem se misturar ao mar de blusas azul-marinho. A última coisa em que acredito é que ele tem alguma coisa a ver com tudo isso.

— O que você está olhando? Uma foto duraria mais.

— Achei ter visto PJ - digo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Sei... - diz Drea. - Não sei porque você se importa; Chad é tão babaca. Ainda bem que não quis dar pra ele meu dever de casa.

— Não quis ou se esqueceu? - Amaber pergunta. - Você parecia um pouco preocupada hoje de manhã.

Drea ignora a pergunta. Ela dá uma olhada para o telefone e sorri.

— Vamos ver com quem é que Chad estava falando. Vocês sabem fazer rediscagem em um telefone público?

— Negativo - diz Amber. - Mas nós podemos ligar para a telefonista e pedir para que ela ligue para o último número. Podemos dizer simplesmente que é uma emergência e que não conseguimos lembrar o último número ou qualquer coisa do tipo.

— Isso nunca funciona - diz Drea. - Mas não custa tentar.

Amber pega o fone, aperta o zero e espera alguns segundos.

— Alô? Por que você não está atendendo? - ela golpeia o zero com o dedo mais algumas vezes antes de desligar. Ai, meu Deus, e se isso fosse uma emergência ou algo do tipo?

O telefone toca. Olhamos umas para as outras, incertas do que fazer, se devemos ou não atender. Dois toques. Três. A boca de Amber treme, como se ela fosse dizer alguma coisa, mas em vez disso, ela atende ao telefone.

— Alô! Sim - ela cobre a orelha livre para ouvir melhor. - O quê? - Ela afasta o fone da orelha, mas em vez de desligar passa-o para Drea. - É para você.

Drea curva a sobrancelha, confusa. Pega o telefone, e Amber e eu nos aproximamos para ouvir.

— Alô? - diz Drea.

Há uma longa pausa antes de uma voz interromper a estática - a voz dele - e falar conosco.

— Desculpe eu não poder ficar aí para um papinho, Drea. Mas esteja certa de que te ligarei mais tarde para conversarmos em particular sobre coisas mais íntimas, como seu sutiã.

— Meu sutiã?

— Rosa. Com rendinhas em volta do bojo. Tamanho 44.

Ai! Meu Deus! Fecho meus olhos bem apertados, abro minha boca e deixo um longo e barulhento sopro de ar sair. Ele está com minha roupa suja.

Drea equilibra o fone entre dois dedos e começa a hiperventilar. Pego o fone e a voz continua a falar em meu ouvido:

— Diga às suas amigas que não é bacana bisbilhotar as ligações de outras pessoas. Eu não quero falar com elas, Drea. Eu quero falar com você. Eu quero estar com você. E logo isso vai acontecer.

Ouçõ um *click* do outro lado da linha. Largo o fone e ele fica pendurado a milímetros do chão.

Amber arranca um caderno da mão de um dos calouros e começa a abanar o rosto de Drea com ele.

— Respire - diz Amber. - Tente recuperar o fôlego.

— Não posso mais fazer isso - Drea murmura ofegante. - Não posso... - sua voz se torna uma seqüência de soluços desesperados.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Eu sei - seguro sua mão e a ajudo a se sentar na guia.-Acho que você devia voltar para casa por uma semana ou mais, até que tudo isso acabe.

— Também acho, Drea - diz Amber.

— Estou bem.

O tom de discagem continua soando do fone como um horrível lembrete de que ele ainda estava conosco de alguma forma.

— Ele está tentando mexer com nossa cabeça - diz Amber.

Drea se ajeita um pouco.

— Como ele sabia que nós viríamos para cá? E sobre meu sutiã?

Droga. Eu não quero contar para ela sobre o sutiã ou sobre o lencinho assim de cara, porque eu não quero falar sobre a roupa suja manchada de xixi. Eu só quero deixar aquele incidente para trás e acreditar que nunca voltará a acontecer.

— Como ele sabia que estaríamos juntas? - Drea olha para Amber e para mim, esperando respostas, como se as tivéssemos.

— Porque ele quer nos confundir - diz Amber. - E seja quem for que está por trás disso tudo, ele nos conhece muito bem. Ele sabe que eu tenho os números dos telefones públicos anotados em minha agenda e por isso ele bloqueou a chamada.

— E ele sabia que viríamos correndo para tentar encontrá-lo - finalizo.

— Aposto que ele pode nos ver - diz Amber, olhando ao redor. - Provavelmente está nos vendo agora. Provavelmente tem um telefone celular.

— Então, por que ele usa o telefone público? - Drea pergunta, suas bochechas já retomando a cor natural.

— Para nos deixar sem pistas - diz Amber. - É o que eu faria.

— Ele está sempre um passo à frente - diz Drea.

Puxo a blusa de Drea para cima, agarro a garrafa de proteção de seu esconderijo e a coloco em suas mãos.

— Ele pode estar um passo à frente por enquanto - digo. - Mas não ficará lá por muito tempo.



15

Acabou de passar das dez e Drea e eu já estamos na cama. Eu tentando resolver um monte de problemas matemáticos e Drea tentando rascunhar um ensaio sobre Chaucer. Tentei tirar um cochilo depois do jantar, mas a insônia tomou conta de mim. Eu espero que os problemas matemáticos me ajudem a enganá-la.

Está um silêncio de morte no quarto. Acho que é um tipo de subentendimento de que não estamos exatamente nos dando bem. E também um subentendimento de que nós duas temos nossas razões para entrar no modo perua sacana. Eu quase desejo que Amber estivesse por perto para abrir o caminho de gelo entre nossas camas, mas ela está estudando com PJ esta noite. É verdade o que diz Drea sobre aqueles dois - eles realmente deveriam voltar a sair juntos. Mas Amber é da filosofia que “meus pais foram namoradinhos desde o colégio e até hoje transam como loucos, então me recuso a entrar em um relacionamento que não seja tão perfeito quanto o deles”. Acho que todos nós temos nossas muletas.

Pessoalmente, em boa parte do tempo, eu não sei o que estou fazendo quando farto com Chad bem na frente da Drea. Mas às vezes eu não consigo evitar, não consigo conter os hormônios furiosos que sinto agitarem meu sangue.

Coisa que só uma amiga de merda faria, eu sei. Mas eu também sei que coloco a culpa de minhas amarguras na falta de boas noites de sono, quando acho que isso está mais para uma séria falta de autoconfiança.

Olho para a pintura de aquarela que Maura havia feito de nós, sentadas no balanço, jogando cartas. Suspiro profundamente e tento sufocar a autopiedade que sinto querer vazar por meus olhos. Talvez, o que eu precise seja de uma boa dose de “mãe”. Pego o telefone e ligo para ela, mas infelizmente ela não está em casa ou não quer atender, então deixo uma mensagem para que ela me ligue de volta.

— Drea - digo, fechando meu caderno. - Você quer conversar?

— Pra dizer a verdade, eu quero - ela vem e se senta em minha frente, na cama. - Olhe, eu sei que tenho sido a maior sacana ultimamente. Hoje, mais cedo com Chad, durante todo o lance da garrafa de proteção, o blusão de *hockey*... eu estou pitando, Stacey, e não sei o que fazer.

— Eu sinto como se eu estivesse sendo a sacana - digo.

— Ah, por favor - ela diz. - Tenha um pouco de respeito pela rainha da sacanagem aqui.

Drea e eu nos levantamos e acabamos fazendo algo que há muito não fazíamos: agimos normalmente. Pintamos as unhas de nossos pés de vermelho-melancia, passamos creme facial de banana uma na outra, tratamos os cabelos uma da outra com iogurte e coroaamos todo nosso processo de embelezamento com nada mais do que comida - fazendo nossa própria versão de *Rice Krispie* com o que havia sobrado no quarto: sucrilhos com geleia.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

A noite está deliciosamente normal, o que nos mantém longe por algumas horas da horrível realidade que pousou sobre nós como uma nuvem negra, apenas esperando o momento de começar a chover. Mas, uma vez que toda essa comida foi devorada e o último *Rice Krispie* genérico sumiu, a garoa começa e eu me sinto compelida a perguntar para Drea quem era o cara que estava ligando e qual era seu relacionamento com ele.

— Eu só achei que fosse um número errado que tinha dado certo - Drea se deita atravessada aos pés de minha cama e aperta a bochecha contra seu travesseiro estampado, encarando a parede.

— Quantas vezes você conversou com ele?

— Não foram tantas vezes assim. Eu não sei, talvez cinco ou seis vezes.

— O que você sabe sobre ele?

— Não muito. Como eu disse, ele não queria que disséssemos nossos nomes. Na maioria das vezes só falávamos sobre coisas que nos aconteciam, você sabe, como nos sentíamos sobre certas coisas.

— Como o quê?

— Como encontros e tal - ela ri, uma risadinha nervosa e deita-se de costas.

— Como assim encontros e tal?

— Você sabe, o tipo de coisas que fazemos nos encontros.

— Você quer dizer sexo?

— Bem, sim. Quer dizer, mas não o tempo todo, só de vez em quando - ela levantou a perna para dar uma olhada em suas unhas vermelho-melancia enquanto a irritação crescia em sua voz. - Mas não é nada do que você está pensando, Stacey. Quer dizer, ele foi realmente bem legal no começo. Isso não me incomodou. E é preciso incomodar uma pessoa para que ela o considere um assediador ou algo do tipo.

Será que ela é louca? Eu quero perguntar isso para ela, quero dar uns bons tapas em sua carinha de tonta, quer dizer, no que ela estava pensando? Como ela pode simplesmente sair falando esse tipo de perversão com um cara que ela sequer conhece?

Mas, em vez de apontar cada uma das bandeiras vermelhas que existem em seu relacionamento bizarro, eu simplesmente ouço, tentando ao máximo não julgar, mordendo minha língua em cada desvio sério em seu bom senso: perguntas sobre cafunés *versus* sedução, sobre o que cada um deles estava vestindo no momento da conversa, E minha favorita: ele começando a se referir a eles como um casal, ficando todo ciumento quando Drea não estava por perto para atender aos seus telefonemas, e Drea dando corda.

Drea me despeja toda essa informação em não mais do que cinco segundos, seus olhos fitando o teto, como se ela estivesse envergonhada de tudo isso. E eu, tentando respeitá-la, dando meu melhor para que não apareça nem uma pontinha de horror em meu rosto, concordando com a cabeça em todos os momentos certos. Mas ela está olhando para mim naquele momento, seus lábios apertados como se ela quisesse vomitar, e me sinto compelida a perguntar:

— O que há de errado?

— Eu disse para ele, você sabe, o quão longe eu já tinha ido.

— Como assim, quão longe?

— Stacey?! - ela revira os olhos. - Eu quero dizer o quão longe... você sabe... quantos estágios já passei.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Ah!

— Eu contei para ele como Chad e eu literalmente “voamos” pela segunda, chegamos até a terceira e estivemos bem perto de alcançar os “finalmentes”, mas que, de fato, não chegamos lá.

Drea deve ter pressentido o quanto eu estava confusa, porque ela revira os olhos a segunda vez esta noite e rala sem pensar:

— Não chegamos lá, Stacey! Estávamos prontos para fazer, tínhamos tudo o que precisávamos, mas na hora eu meio que surtei e decidi que não faríamos nada.

Ela faz tudo isso soar como se fosse uma viagem de férias. Ainda assim, eu não estou bem certa do que acabara de ouvir, mas continuo ouvindo. Falamos sobre suas conversas por uma boa hora. E no fim, Drea parece estranhamente relaxada, menos ansiosa, eu acho, porque eu não disse muito mais do que *uh*, *ah* e *hum* o tempo todo. Mas agora meu silêncio começa a incomodar, porque ela se apoia sobre seus cotovelos esperando minha resposta.

— E então? - ela pergunta.

— E então, o quê? - eu respondi, tentando apagar as imagens mentais que haviam surgido em minha mente sobre minha melhor amiga e seu objeto de afeição, quase chegando aos “finalmentes”. - O que você quer que eu diga?

— Você acha que eu estava errada?

— Não acho que a questão seja sobre estar certa ou errada, Drea - o que é uma grande e gorda mentira. - Acho que você provavelmente fez o que fez porque se sentiu confortável no momento.

— Bem, foi um pouco errado - diz Drea. - Quer dizer, agora que eu penso sobre isso percebo que eu devia estar completamente louca.

Pelo menos ela compreende.

— Quer dizer, ele poderia ser um maluco psicopedofiloassassino pelo que eu sei - ela continua.

— Hã-hã.

— E por isso que não quero contar sobre tudo isso nem para meus pais nem para ninguém. Eu me sinto tão estúpida. Eu realmente pensei que ele se importava comigo. E isso teria sido legal.

Dou um abraço em Drea e enrolo meus dedos em seu cabelo, melecando-os com um pouco de iogurte que havia sobrado. - Você não é estúpida.

— Isso aconteceu porque, eu não sei, ele foi legal e você não estava por perto quando ele ligou pela primeira vez, e eu tinha acabado de sair do telefone com minha mãe, e ela havia-me dito todas aquelas coisas sobre como eu devia passar meu verão com ela na casa da vovó, e eu não sei, eu estava muito... fácil.

— Eu sei tudo sobre como escorregar para o fácil - digo. - Às vezes nos convém perfeitamente.

— E para completar, na primeira vez que ele ligou, eu meio que achei que era Chad, mas agora eu não sei. Quer dizer, eu acho que conseguiria saber se fosse a voz de Chad depois de todo este tempo.

— Talvez, como você disse, seja mais do que uma pessoa. Ou talvez, seja quem for, esteja usando uma dessas coisinhas que modificam a voz.

— Você acha que é Chad? - Drea pergunta.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Eu não sei. Eu não quero pensar que pode ser ele, mas meio que faria sentido, especialmente porque ele recuperou o blusão. Definitivamente, eu acho que é alguém do campus. Alguém de nossa idade que conhece todo mundo, que conhece o funcionamento deste lugar.

— Quem?

— Eu não sei - digo. - Mas nós vamos descobrir.

Depois que eu lhe faço uma trança francesa completa, Drea volta para sua cama para tentar dormir. E então o telefone toca.

Eu atendo.

— Alô?

— Oi, Stacey. Peguei sua mensagem. Espero não estar ligando muito tarde - é minha mãe. Afundo-me no conforto de minhas cobertas, apenas ouvindo sua voz, um pedacinho de casa.

— Não, mãe - digo -, você ligou em uma hora perfeita.



16

Depois de meu curto momento de normalidade com Drea e uma surpreendente prazerosa conversa ao telefone com mamãe, aperto o laço dourado dos sonhos em meu pescoço, caio no sono muito facilmente e não acordo até amanhecer.

Excepcionalmente eu não tive nenhum pesadelo, não me lembro de nenhum de meus sonhos e estou começando a me sentir uma total e completa fracassada.

Enquanto Drea e Amber saem para suas aulas, eu ligo para a secretária da escola fingindo dor de estômago e me deito na tristeza de minha cama. Tento voltar a dormir. Acendo incensos, conto estrelas, e começo a escrever um diário dos sonhos, mas nada adianta. Eu estou tão completamente acordada que quero levantar. E é assim que passo meu dia inteiro. Stacey Brown, a dorminhoca fracassada. Stacey Brown, que dá o cano na escola, mas não consegue desfrutar dos prazeres básicos de se dormir o dia todo.

Drea e Amber vêm direto para o quarto depois das aulas, e eu confesso a elas meus fracassos.

— Resmungona - dia Amber.

Eu estou começando a me sentir ainda menos confiante do que antes e esse foi o assunto das duas horas seguintes. Eu tentando convencer Drea a ir até a polícia do campus para contar a eles sobre tudo o que estava acontecendo.

Finalmente, depois de muito suor derramado por Amber e por mim, Drea concorda e vai com Amber falar com eles. E eu, que estou a ponto de sair arrancando meus cabelos um por um, me ofereço para ir com ela, mas Drea quer que eu fique na cama e tente tirar um cochilo.

Que felicidade.

Já são quase seis da tarde e lá fora parece que já passou das nove. Decido tomar um banho de ervas na pia de nosso quarto, torcendo para que a mistura de água e flores me faça aguentar o tranco.

Vovó costumava jurar que sempre tomava um banho antes dos feitiços e antes de ir para a cama. Banhos e não chuveiradas. Segundo ela, há uma diferença. Ela dizia que o corpo precisa ser purificado como preparação para aquilo que é sagrado, que os sentidos não trabalham em sua capacidade máxima quando a energia não está totalmente limpa. Claro que é mais difícil tomar um banho quando em sua escola só existem chuveiros.

Fecho o ralo da pia com a tampinha e encho três quartos com água morna. É uma dessas pias antigas - porcelana branca com detalhes dourados - embutida na parede de meu lado do quarto. Na água eu jogo algumas pétalas vermelhas das flores que roubei do vaso na entrada do dormitório. Então, adiciono algumas gotas de alecrim, hortelã e óleos de capim-limão e um punhado de folhas de menta, todas ervas e flores calmantes e purificadoras que, com certeza, vão me



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

ajudar a dormir um sono longo e ruidoso e, o que é mais importante farão com que meus sonhos sejam mais reveladores.

Desenrosco a tampa da garrafa de talco e coloco uma colher cheia em um copo de cerâmica. E nele também adiciono quatro colheres de mel e misturo tudo. O talco é para ajudar a clarear as imagens confusas de meus sonhos, e o mel irá ajudar a colar meus sonhos em minha mente, para que eu possa me lembrar deles. Jogo a mistura na pia com a colher e com meus dedos mexo a água, tentando fazer com que todos os ingredientes fiquem bem espalhados e intensos.

Estico uma toalha no chão para os respingos, visto meu robe vermelho -meu item favorito em minha crescente coleção de roupas confortáveis - e mergulho uma esponja na água. Deixando o robe aberto, começo a passá-la por minhas pernas, descendo a esponja por toda a extensão, aspirando os vapores florais à medida que chego até meus pés.

— Óleos e água, flores e ervas, me dêem visão, me façam ver meu caminho nesta noite - repito o encanto três vezes bem alto, imaginando o mar de óleos misturando-se e purificando minha pele e o ar que eu respiro. Mergulho novamente a esponja e a coloco em minha barriga, depois um pouco mais em meu pescoço e nos ombros. Fecho meus olhos e me concentro no CD com sons da natureza que deixei tocando no *player* de Drea - o som de água do mar com uma pitada certa de barulho de pássaros. Este é o último ingrediente de uma receita que vai ajudar a acalmar meu espírito para que eu possa experimentar sonhos reveladores, sonhos que não serão bloqueados por meu próprio medo.

Eu sei porque meus sonhos não têm sido tão reveladores nos últimos dias. Vovó costumava dizer que em vez de buscar os sonhos reveladores, você tem que ser corajosa o bastante para aceitar as consequências. Na hora em que ela me disse isso, sentada em sua frente na hora do chá, jogando cartas e comendo biscoitos amanteigados, eu realmente não entendi o que ela estava dizendo, mas agora faz o mais perfeito sentido.

Eu sei que não tenho sido muito corajosa sobre meu sonhar. Eu sei que meu subconsciente provavelmente está aproveitando-se do fato de eu estar morrendo de medo. Uma parte de mim morreu lá dentro quando eu falhei com Maura. E eu não posso falhar de novo, porque se isso acontecer, o que sobrou em mim também vai morrer. E aí não vai sobrar mais nada.

Aperto a esponja sobre meu rosto, me concentrando na ideia de força, imaginando que a água lava todos os rastros de medo. Esse exercício me fortalece, restaura a energia que perdi. Olho para meu anel de ametista e beijo a pedra, imaginando que é a bochecha de vovó, acreditando totalmente que, de alguma forma, ela está aqui comigo.

Enrolo-me no roupão e sento-me na escrivaninha. Pego na gaveta um giz de cera amarelo e um bloco de anotações. Penso em anotar uma pergunta para fazer aos meus sonhos. Algo inteligente. Algo que possa revelar a verdade em mais de uma maneira. Mas a única questão que acabei escrevendo foi a que me pareceu mais óbvia: QUEM ESTÁ ATRÁS DE DREA?

Eu dobro o papel e o coloco dentro da fronha do travesseiro. Então me arrasto até a cama, fecho meus olhos e imagino saquinhos de chá quentes



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

sentados em minhas pálpebras. Em cada respiração, eu visualizo uma lua minguante, ficando cada vez menor e mais vazia, até que não haja nem mais um raiozinho de luz.

E bem na hora em que eu estou embarcando em meu sono, escuto uma batida na janela do canto.

— Stacey - uma voz chama do outro lado do vidro.

Chad.

— Vamos, Stacey - diz ele. - Deixe-me entrar.

Levanto-me da cama, aperto o cinto de meu roupão e coloco a cabeça para fora da janela. E então me lembro, quando minha irritação por essa incrível interrupção passa, de como ele está lindo. Enquanto ele olha para a noite, esperando que eu o deixe entrar, observo o jeito que sua jaqueta de couro preto dá forma a seus ombros, o jeito que seu cabelo está perfeitamente bagunçado. E como ele está usando óculos de aros finos em vez das lentes de contato habituais.

E, por outro lado, posso sentir uma bola de talco endurecido em meu cabelo e um pouco de mel em meu pescoço. Mas eu ainda estou um pouco maquiada da noite passada, e depois do banho de esponja, estou me sentindo surpreendentemente sexy.

Ele olha para mim quando me ouve destrancar a janela e um sorriso surge em seu rosto. É um sorriso familiar, um sorriso confiante. Um sorriso que diz que ele sabe em que eu estou pensando e que ele está pensando a mesma coisa.

Eu empurro a janela e puxo um banquinho para sentar, assim ficamos no mesmo nível.

— Oi - ele levanta ainda mais a janela e apoia seus cotovelos no batente. Ele está mascarando chiclete, um pedaço pequeno de menta que fica se virando e revirando-se para lá e para cá com sua língua.

— Oi - eu engulo em seco e vejo seus olhos notando o movimento de minha garganta.

— Estou incomodando?

— Não - digo. - Acabei de tomar um banho de esponja.

— Sério? - diz ele. - Talvez eu devesse ter vindo um pouco mais cedo.

Uma risadinha nervosa surge em meus lábios, fazendo um barulhinho esquisito. Mas a expressão de Chad continua séria, demonstrando que ele queria mesmo ter feito aquilo.

— Então, você está sozinha?

Apertei minhas pernas, sentindo vontade de ir ao banheiro.

— Por enquanto, estou.

— Que bom. Eu queria conversar com você - ele aproxima seu corpo e posso sentir o cheiro de menta do chiclete.

— Sobre o quê?

— Sobre a gente - seus olhos fitam meu pescoço, de modo que deixo o decote de meu robe abrir um pouco mais.

Mudo minha posição para sentar sobre meus calcanhares, num esforço para passar a vontade de ir ao banheiro.

— Mas o que sobre a gente? - aperto meus dentes e engulo a dor.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Ele saca um pedaço de papel dobrado do bolso de trás. Tem meu nome na frente, escrito em letras de forma vermelhas, o mesmo tipo de letra dos outros bilhetes.

— Este é para você.

— É você quem está mandando esses bilhetes?

— Isso te incomoda?

— O que você quer dizer? Você está...

— Quero dizer, você ainda gostaria de mim se fosse eu quem os estivesse mandando? - Chad aproxima tanto seu rosto do meu que posso sentir o calor de seus lábios umedecendo os meus. Isso está muito errado. Eu não posso gostar dele.

— Sim, você pode - diz ele, como se conseguisse ler minha mente.

Minha boca se retorce, antecipando o sabor de menta de seu beijo. Tento me distrair olhando para qualquer outro lugar - sua testa, seu nariz, o lóbulo de sua orelha direita, mas meus olhos não podem evitar voltar a pousar naqueles lábios finos, de cor-de-rosa pálido, esculpidos para combinar com minha boca. Mantenho meus olhos fechados em uma piscada prolongada, esperando que ele me toque com aqueles lábios.

— Abra o bilhete primeiro - ele suspira.

Sinto uma ferroada na área abaixo de meu estômago.

— Chad - digo. - Eu preciso ir ao banheiro...

— Apenas abra o bilhete. É algo que você estava esperando.

Respiro fundo e desdobro o bilhete, a mensagem escrita bem no meio dele é: O AMOR É ENGRAÇADO.

— O amor é engraçado? - pergunto.

— Acho que é, se você pensar sobre isso - diz ele. - Tudo é engraçado para algumas pessoas - ele toca meu rosto com a palma de sua mão, enviando arrepios elétricos para as pontas vermelho-melancia de meus dedos dos pés.

— Espere - diz ele, como se estivesse lembrando-se de algo. - Tem mais uma coisa - ele puxa três lírios que estavam escondidos e me entrega. - Entregue essas flores para Drea.

— Não entendi - digo.

— Mas você irá - ele se inclina para frente e coloca sua boca na minha, seu beijo explodindo por meus lábios e na pontinha de minha língua.

Atrás de nós, ouço o som de chaves balançando e mexendo na porta. Há vozes também, falando ao mesmo tempo, sussurrando. Alguém está chegando, mas eu não consigo me afastar.

Não que eu queira.

A porta se abre com tudo e Chad ainda está me beijando. Um par de sapatos faz barulho ao caminhar pelo chão de madeira e alguém para bem atrás de mim.

— Stacey? - diz a voz de Drea.

Mas eu não consigo me afastar. Não consigo.

— Stacey! - ela repete. - Acorde. Acorde!

Sinto meu corpo sendo sacudido e, quando eu finalmente acordo, Drea e Amber estão inclinadas sobre minha cama.

— Você teve outro pesadelo? - Drea pergunta.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Hum... - minha cabeça está girando; tudo parece ter sido tão real. - Eu não sei. Dê-me apenas um minuto.

— Você está respirando toda esquisita - ela explica. - Está praticamente hiperventilando.

Eu me desloco na cama e sinto uma leve umidade em minhas calças. Adorável.

— Preciso ir ao banheiro - empurro o acolchoado sobre o lençol e tento dar a minha melhor caminhada de marcha ré, tentando parecer o mais indiferente possível, porta afora e corredor abaixo.

Para minha sorte, o banheiro está vazio. Olho para a parte de trás de meu roupão procurando algum vazamento. Só há um pequeno ponto molhado, mas não dá pra saber muito por causa do vermelho-terra escuro da cor do roupão. Esguicho um pouco do sabão do banheiro na minha palma, esfrego no roupão e salto para dentro do chuveiro, fazendo o possível para não molhar meu cabelo para que Drea e Amber não notem.

Enquanto eu estou me esfregando, tento me concentrar no sonho e no que ele podia representar, mas eu não consigo parar de pensar no beijo. Aquele beijo! Coloco meus dedos sobre meus lábios e posso senti-los tremendo, como se ele ainda estivesse aqui.

— O amor é engraçado - murmuro debaixo da água. Eu queria entender o significado do amor, de cada palavra que ele havia dito, do sabor de menta do chiclete. Qualquer coisa que mantivesse minha mente distraída da maior questão de todas: o porquê de meus sonhos terem trazido Chad até minha janela.

Saio do chuveiro, deslizo de volta para meu roupão e volto para o quarto junto a Drea e Amber.

— Molho de nacho⁸ estragado - digo, dando palmadinhas em meu estômago. Mas elas nem ouvem. Amber está olhando a coleção de CDs de Drea que está ao telefone com sua mãe; sento na beirada da cama, tiro meu roupão e pesco uma camiseta limpa e um *shorts* da pilha de roupas recicláveis que está no chão.

— As músicas da Drea estão tão fora de moda - comenta Amber. - E o que é esse lixo de coisa natureza? - Sua voz é seguida de uma batida na janela.

É PJ. Eu sei porque sua batida é sempre a mesma, uma série de batidinhas que ele acha que parece ser o tom da música tema de “Jeannie é um Gênio”.

— Oh-oh, acho que me esqueci dele - diz Amber. - Quer que o deixe entrar Stacey?

Eu puxo a persiana da janela e olho para baixo. Os cabelos com luzes de PJ me encaram sob a luz do luar.

— Você assassinou seu cabelo de novo - digo, deixando-o entrar.

— Oi, louros se divertem mais - ele responde.

— Parece-me mais um amarelo-catarro - comenta Amber.

— Não se dirija a mim. Eu podia ter virado picolé lá fora. Aliás, acho que algumas partes de mim já viraram.

— Obrigado por essa imagem - agradece Amber ironicamente.

PJ vai até a janela que estava quebrada e começa a examinar as bordas.

— Vejo que já arrumaram a janela - ele gira a fechadura para frente e para trás. - Vocês garotas devem ter alguém infiltrado no setor de manutenção. Eles demoraram duas semanas para mandar alguém arrumar nosso banheiro.

⁸ Prato típico mexicano (N.R)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Falando nisso - PJ diz -, o que você esteve cozinhando aqui, Stacey? *Eau de excrement*⁹?

— Muito engraçado - digo, pensando ainda no bilhete de meu sonho e no que estava escrito, e em como Chad disse que algumas pessoas acham que tudo é tão engraçado.

Drea desliga o telefone e corre até a beira da cama, onde senta.

— Então, ir até a polícia do campus foi uma completa perda de tempo.

— Como assim? - chuto meu roupão para debaixo da cama e cubro a marca de xixi com o cobertor.

— Você provavelmente conseguirá adivinhar. Eles fizeram um boletim de ocorrência, nos disseram que estávamos exagerando, mas que só por segurança vão colocar outra patrulha passando por nosso quarto durante a noite.

— Parece que não teremos mais suas visitas no meio da noite, PJ.

— Não conseguirão me impedir - diz PJ. - Alguém precisa proteger vocês durante a noite.

— Ah, sim. Eu me sinto muito segura - Amber faz o sinal da cruz.

— O segurança falou que eles realmente não podem fazer nada até que algo significativo aconteça - Drea explica.

— Como o quê? - eu pergunto.

— Até que alguém acorde com a boca cheia de formigas - Amber. - Aí então eles vão nos levar a sério.

Olho para PJ, cuja expressão não mostra nenhuma pontinha de confusão.

— PJ, você tem alguma ideia sobre o que estamos falando?

— Acho que nós já meio que o deixamos informado - comenta Amber.

— Só PJ?

— Bem, Chad também, mas foi só isso.

— Maravilha, agora todo mundo vai saber. O que aconteceu com nosso pacto?

— Estou pensando em ir para casa - diz Drea. - Apenas por um semestre. Eu meio que falei sobre o assunto com minha mãe bem agora. Eu disse que não estava indo muito bem nas notas e que não queria estragar meu boletim. E a gente sempre pode recuperar o tempo perdido no curso de verão.

— E ela concorda com isso? - pergunto.

Ela encolhe os ombros.

— Acho que ela e meu pai estão brigando muito.

— Eles precisavam passar um tempinho com meus pais, que estão sempre no cio - diz Amber.

— Ah é? - PJ diz, virando-se para Amber. Talvez eu e você devêssemos seguir o exemplo de seus pais.

— Sem chance - diz Amber.

— Não foi o que você disse no ano passado.

— Ano passado foi diferente - ela ficou parada em frente ao espelho, desenhando corações azuis em suas bochechas com um delineador de lábios. - Eu era tão imatura.

⁹ Em francês: *Eau* é água; *Excrement* é matéria fecal. Uma brincadeira em relação à expressão “*Eau de Cologne*” ou “*Eau de Toilette*”. (N.R)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— E então, PJ, a que devemos tamanho desprazer da visita? - eu pergunto.
Ele se joga a meu lado na cama.

— Nada, *mademoiselle*.

— Não é à toa que ele vai bombar em francês - diz Drea.

PJ assopra um beijo para ela e continua a falar em meu ouvido, seu hálito de guacamole me dá vontade de vomitar,

— Eu só estava acompanhando essas adoráveis damas que voltavam para seus dormitórios, e senti vontade de entrar e desejar uma boa noite para minha querida amiga Stacey. *C'est tout*.

— E? - eu pergunto.

— Fala logo pra ela - diz Drea. - Ela precisa saber.

— Tudo a seu tempo, amorzinho - ele cruza as pernas na altura do joelho e começa a chutar para lá e para cá. - E então, Stacey, sobre o que foi tudo isso que ouvi a respeito de um louco que anda perseguindo vocês, e o que pensa em fazer para impedi-lo? Eu gostaria de um suco.

— PJ, eu realmente não gostaria de...

— *Très intéressant, mademoiselle*¹⁰ - PJ da uma leve batida com o dedo em sua boca e diz: - Então, BCV para você.

— BCV?

— Alô-ooooou? - ele estala os dedos ao redor de sua cabeça, ao estilo das garotas do local. É Buffy, a Caça-Vampiro?

— É claro - digo. - PJ, estou cansada. Eu queria ir para a cama. Diga logo o que você tinha para me dizer ou...

— Ou o quê? Você vai me transformar em um sapo? Ele sacudiu os dedos na frente de meu rosto, todo *hocus pocus*. Todo detestável.

— Por que não? - pergunta Amber. - Você já beija como um.

— Bem, se você quiser me alugar, fale logo, mas vai te custar duas noites de lição de francês, assim você me convence mais facilmente.

— Fale logo para ela ou eu vou bagunçar seu cabelo.

— Nem a pau. Você sabe o tempo que eu levei para ficar com essa visual? - PJ passou os dedos sobre os tufo de cabelos amarelos. - Tá bom, tudo bem. Eu te conto. Hoje, depois do francês, eu ouvi Verônica Leeman, também conhecida como Ronnie Metidona, dizendo que ela anda recebendo uns telefonemas bem sinistros.

— Que tipo de telefonemas?

— Os típicos de perseguidores, desligam quando você atende, respiram pesado perto do fone, dizem que a querem.

— Ela foi até a segurança do campus? - eu pergunto.

— Não sei - PJ diz. - Talvez, ela estava bem “psico” a esse respeito.

— Ela já é meio psico - diz Drea.

— Você só não gosta dela porque ela vive se derretendo pelo Chad - ironiza Amber.

— Espere - digo. - O que foi exatamente que você a ouviu dizer?

— Isso vai te custar duas noites de lições de francês.

— Sou péssima em francês, você sabe disso.

¹⁰ Em francês: “Muito interessante, senhorita”. (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

- Vai ter que encher as páginas com qualquer coisa.
- Tá bom - aponto para meu caderno de francês no canto.
- OK, qual foi o trabalho de casa de ontem? - PJ folheia, procurando pelas páginas.
- Página cinquenta e três até a cinquenta e cinco, exercícios A, B, C, F e H.
- Ele dá uma olhada nos exercícios antes de jogar o livro de volta no canto.
- E então? - diz Amber.
- E então - ele repete. - Eu estava parado perto da entrada e, você sabe, Ronnie Metidona estava penteando aquele ninho de passarinho que ela tem na cabeça... - PJ se vira para todos os lados do quarto enquanto fala, olhando para os enfeitiños na mesa de Drea. Ele para no meio de uma sentença olhando para os brincos de Drea que tinham o formato de lágrimas. - *Très chic*¹¹, Drea. Preciso pegar emprestado.
- Vou ter que pegar meu trabalho de volta? - eu pergunto.
- *Très rude, mademoiselle*¹². É desse jeito que você trata todos os convidados? - ele destampa um frasco de antitranspirante de Drea e cheira. - Bem, e então... eu estava só dando uma volta, fingindo que cuidava de minha vida, quando escutei a Ronnie Metidona contando para aquele bando de amiguinhas metidinhas dela que andou recebendo esses trotes telefônicos.
- E o que elas disseram? - Drea pergunta.
- PJ passa o antitranspirante na frente e dos lados de seu pescoço.
- Falaram algo sobre correrem atrás dela e rasgarem todas suas roupas.
- Drea morde uma das suas unhas postiças, causando o que ela normalmente chamaria de reparo de emergência, mas ela está tão interessada no papo que nem nota o estrago.
- Você tá falando sério? - ela pergunta.
- Não. Quem quer ver o traseiro branco dela? Alguém pode dizer “alerta de Grinch”?
- Dá, o Grinch é um cara - diz Amber.
- Precisamente - diz ele.
- Pô, PJ, fala sério - resmunga Amber.
- Só se você me der um beijo.
- Pode esquecer.
- Você sabe que vai mudar de ideia - diz ele. - Bom, e aí que ela recebeu todos esses trotes, alguém querendo fazer sexo com ela e blá-blá-blá, e...
- O quê? - Drea pergunta.
- O mais suculento é que... aparentemente ele consegue vê-la quando liga para ela.
- Como ela sabe que ele consegue vê-la? - Drea aperta a gola de sua blusa.
- Porque - a voz de PJ muda para um tom mais assustador - ele sabe o que ela está vestindo e com quem ela está. Ele até soube quando ela pegou sua bolsa e tirou de dentro um... - PJ fez uma pausa dramática.
- O quê? - Drea pergunta. - Tirou o quê?

¹¹ Em francês: “Muito chique”. (N.R.)

¹² Em francês: “Muito grosseira, senhorita”. (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Quando ela tirou um rastelo de dentro da bolsa para dar um jeito naquele cabelo dela - ele colocou os braços em volta do estômago e começou a rir, como o completo idiota que é.

Nenhuma de nós o acompanha.

— Acho que é hora de ir embora, engraçadinho - diz Amber.

— Ah, qual é? - diz ele. - Onde está seu senso de humor?

Sento-me ao lado de Drea, deixo que ela encoste sua cabeça em meu ombro. Ela coloca a mão ao redor do pescoço, tentando acalmar sua respiração.

— Drea - PJ diz. - Foi uma piada. Me desculpe.

— Acho que é melhor você ir embora - digo.

Amber segura seu braço, tentando levá-lo de volta até a janela.

— Tá bem, eu vou - diz ele, puxando o braço. - Não preciso que falem duas vezes.

— Sim, você precisa - diz Amber.

— Me desculpe, querida - diz ele para Drea. - Eu acho que às vezes me empolgo. Apague tudo o que eu disse sobre o rastelo, mas o resto é tudo verdade. Amigos? - ele estende a mão para um aperto, mas Drea o ignora. - Tudo bem, me deixe no vácuo - ele levanta a mão até os fios de cabelo louros. - Eu sei onde fica a saída.

Amber fecha a janela atrás dele e a tranca.

— Ele é um moleque.

— Não é culpa dele - diz Drea. - Ele só está sendo o PJ de sempre. Seja lá o que isso for.

— Precisamos falar com Verônica Leeman - diz Amber, empinando o nariz.

— Ela nunca vai falar com a gente - Drea pega a garrafa de proteção e a traz para perto.

— Ela vai ter que falar. Mas antes, estive pensando em tentar algo novo.

— Drogas ou garotas? - Amber me pergunta.

— Muito engraçado - desamarro a fita prateada que está em meu pescoço e balanço o cristal que coloco nela em frente aos olhos das garotas.

— Eu não consigo ser hipnotizada - diz Amber. - Já tentei fazer isso comigo mesma antes. Não funcionou.

— Não estou tentando hipnotizar você. Só quero que você olhe para isso. Minha avó me deu este cristal. Ela me disse que, com ele, eu sempre saberei que ela estará cuidando de mim.

— Sem querer ofender, Stacey, mas é apenas um cristal. Você pode comprar um assim em qualquer lugar. Eu tenho um destes na cor verde no quarto. Sempre o uso quando coloco meus brincos de gafanhoto.

— Não - digo, esfregando meu polegar sobre os entalhes - este é diferente. É um cristal dévico. Consegue ver essas ranhuras e esses buracos? Em cada um há revelações e espíritos.

— O que a palavra dévico significa? - Drea pergunta.

— Significa comunicação com os espíritos da natureza. Significa que devemos abrir nossos corações para a mágica da natureza e da Mãe Terra.

— Espíritos? - Drea pergunta.

— Estive pensando em tentar falar com os espíritos.

— Você tá falando sério?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Completamente. Eu acho que minha avó poderia nos ajudar com isso. Mas eu vou precisar de sua ajuda também. Da ajuda das duas.

— Eu estou dentro - diz Amber.

— Eu não sei - Drea cospe o que restou do pedaço de sua unha. - Não é perigoso? Quer dizer, não vai piorar as coisas ou matar alguém ou alguma coisa?

— Não, se fizermos isso direito - digo. - Pensa nisso, tá? Mas antes, vamos encontrar Verônica Leeman.



17

Nós decidimos vasculhar o café do campus em busca de Verônica Leeman já que é lá que ela costuma passar a maioria do tempo. No caminho para lá, eu acabo contando para Drea e Amber uma versão para menores de meu pesadelo.

Conto sobre como Chad apareceu na janela, sobre o bilhete “amor é engraçado” e sobre como ele me deu três lírios para entregar para Drea. Três lírios, não quatro, provavelmente denotando que um dia se passou e que estamos um dia mais perto de qualquer que seja o perigo que nos espera. Amber me faz todo tipo de pergunta: se Chad havia mencionado o nome de PJ, se ele estava rindo quando me entregou os lírios ou se ele estava todo sombrio quando fez isso, mas tudo que Drea consegue me perguntar é por que eu, antes de tudo, estava sonhando com Chad.

Respiro fundo, conto até cinco em silêncio e falo para ela que provavelmente a aparição de Chad em meu sonho é insignificante. Que se eu sonhei com ele é porque ele apareceu na janela no dia anterior com aquele bilhete sobre o blusão de *hockey*.

Ou talvez fosse porque ele realmente tivesse algo a ver com tudo isso.

Passamos pela porta do café e lá estava Verônica, sentada em uma mesa com formato de anel, na companhia de Donna Tillings, a fofoqueira da classe. Nós nunca passamos nosso tempo aqui já que este realmente não é nosso tipo de lugar, repleto de gente popular misturada com pretensos artistas atormentados. O café costumava ser um teatro há muito tempo, antes de começarem a usar o auditório para apresentação das peças, mas eles continuam mantendo o clima dramático do lugar - assentos de palco e audiência, menus no estilo de *scripts* e cadeiras de diretor. Os professores e administradores chamam o café pelo nome, No Palco, mas todo o resto o chama de Enforcado, por causa de uma lenda de que uma garota se enforcou aqui quando ela descobriu que não seria a protagonista do musical *Carousel*.

— Adoro o cheiro de café - diz Amber. - Vou pegar um para mim. - Ela se apoia no balcão e nota Donovan sentado em um canto, bebericando um expresso e desenhando a máquina de creme e açúcar.

— Oi, Donovan - Amber cantarola, olhando para Drea. - Não quer me pagar um café?

Donovan acena, mas rapidamente volta para seu trabalho.

— Acho que isso foi um não - diz Drea. - Além disso, você não sabia que o café deixa seus dentes marrons? - Drea olha para as prateleiras atrás do balcão de vidro; bolinhos de canela, biscoitos de macadâmia com pedaços de chocolate, homenzinhos de gergelim rosa com cachecóis rosa amarrados em seus pescoços.

— Vocês duas esqueceram por que nós viemos aqui? - pergunto.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Não - diz Drea. - Vamos terminar logo com isso. Verônica Leeman não é exatamente a pessoa com quem eu mais gosto de conversar.

— Olhe - eu falo -, vocês podem ter algo em comum que seja significativo. Você precisa pelo menos tentar se dar bem com ela pelos próximos dez minutos.

— Eu sei exatamente o que nós temos em comum. Ela está atrás de meu namorado desde que eu a conheço.

— Odeio te desapontar, Deia, mas ele não é seu namorado - Amber olha enquanto Donna Tilling enche seu café com chantili. - Olha só... tomara que isso tudo aí vá direto para as coxas dela, plantando anos e anos de celulite. Stacey, é hora da mágica.

— Você está brincando? - diz Drea. - As coxas de Donna já são material de alto controle.

Pior que são mesmo - diz Amber, dando uma segunda olhada.

— Vocês não podem simplesmente ficar quietas? Estamos aqui para conversar com Verônica.

— Ronnie Metidona - Amber me corrige.

Olho para Verônica. Ela beberica café em uma tigela de cereal, do jeito que fazem na França, de acordo com nosso livro de francês. Ela olha para mim, para de bebericar e sussurra alguma coisa no ouvido de Donna. Donna ri. Ela bate sua caneca super cheia contra a tigela de Verônica para brindar a piada.

— Não tenho estômago para isso - comenta Amber. - Vamos dar o fora.

— Não podemos - digo. - Ainda não.

Verônica sussurra mais alguma coisa para Donna antes de se levantar da mesa.

— Ela está vindo para cá - diz Drea.

— Alerta de metidas - Amber empina o nariz.

— Vocês estão com algum problema? - Verônica pergunta. - Estão um pouquinho deslocadas aqui, não?

— A única coisa fora de lugar aqui é seu cabelo - ironiza Amber. - Alguém tem um fósforo?

— Ha-ha - Verônica diz, sem perder a pose e dando tapinhas na moita colada com *spray* de cabelo em sua cabeça.

— Não dê ouvidos a ela - diz Drea, olhando feio para Amber. - Às vezes ela consegue ser bem imatura.

Verônica olha Drea de cima a baixo, parando um segundo para levantar uma das sobranceiras ao passar por sua saia, como se Drea a tivesse vestido depois que ela caiu de alguma lixeira.

— É uma pena que não tenhamos conversado muito este ano - Verônica diz. - Talvez se eu tivesse passado mais tempo ao redor do dormitório dos garotos nós tivéssemos nos encontrado mais. Mas não estou a fim de pegar alguma doença. Você sabe bem o que elas podem fazer.

Coloco-me entre as duas.

— Na verdade, Verônica, estamos procurando por você.

— Verdade? - ela diz.

— Difícil acreditar, não é? - Amber salpica um pouco de canela na palma da mão e lambe.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Dou uma cotovelada nela, para ver se ela cala a boca.

— Você sabe, Stacey - Verônica começa - você realmente me deixou assustada na aula de francês, outro dia, quando você caiu no sono. Não é algo muito normal ouvir uma colega simplesmente começar a gritar que alguém havia matado uma garota. Ainda mais em uma aula de francês.

— Eu disse que eu não a havia matado.

— Seja o que for. O que foi aquilo? Todo mundo anda falando daquilo.

— Primeiro responda minha pergunta.

— Por que eu deveria?

— Porque eu sei que você colou na prova de francês e eu posso provar. Colar vai contra o código de honra. E o castigo é a suspensão.

Amber para de lamber sua palma e a boca de Drea se abre. Mordo a língua esperando que Verônica desafie meu blefe.

— Tá bom - Verônica diz, depois de uma pausa. - O que você quer saber?

Direciono-me para uma mesa vazia na parede e nos sentamos, eu e Drea de um lado, Amber e Verônica do outro.

— E aí? - Verônica diz. - Por que tudo isso?

— Ficamos sabendo que você recebeu alguns trotes ultimamente - digo a ela.

— Quem falou isso?

— Todo mundo anda falando disso - Amber a imita.

Dou um chute em Amber por baixo da mesa.

— Você sabe quem fez isso? - Drea pergunta.

Verônica balança a cabeça e olha para o nada.

— Já faz três noites seguidas.

— Que tipo de ligação é? - pergunto.

Verônica encolhe os ombros.

— Ele tenta falar comigo. Da primeira vez que ele ligou, ficou falando “adivinha quem é”.

— E tem sido apenas ligações? - questiono.

— Nas primeiras duas noites foram ligações - Verônica respira fundo.

— E depois? - Drea apoia os cotovelos na mesa e se inclina para chegar mais perto. - Você pode confiar na gente.

— E por que eu devo acreditar nisso?

— Porque está acontecendo comigo também - diz Drea. - Eu acho que pode ser a mesma pessoa.

Verônica olha para Drea, como se estivesse vendo-a pela primeira vez.

— Você está assustada?

— Não tenho feito outra coisa a não ser ficar assustada. Sinto como se estivesse sendo vigiada, como se eu não pudesse sequer tomar um banho ou ir até o refeitório.

— Sei o que você quer dizer - Verônica diz. - Eu não me sinto segura aqui.

— Para te falar a verdade, eu tenho pensado em deixar o campus por um tempo - Drea pega o açucareiro cheio de chocolate da mão de Amber, despeja um punhado na mão e usa o que sobrou da unha como colher para colocá-lo na língua.

Verônica se ajeita na cadeira, para facilitar a conversa.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— E então tem sido apenas ligações telefônicas para você?

Drea olha para mim, acho que ela quer que eu diga que está tudo bem se ela contar tudo para Verônica. Mas eu não posso. E não vou. Simplesmente porque eu não sei se está tudo bem mesmo.

— Não - diz Drea. - Começou desse jeito, mas então ele me mandou um presente, com um bilhete.

O rosto de Verônica enrubesce; sua aura fica verde-escura.

— Ele também fez a mesma coisa para mim, na noite passada. Estava na entrada de meu dormitório, achei quando voltei para casa.

— O que havia dentro - Drea pergunta.

Assisto enquanto as duas trocam olhares de ansiedade ao mesmo tempo em que Amber continua distraída, salpicando algum tipo de tempero em sua mão. É aquilo que dizem sobre as tragédias aproximarem as pessoas, até mesmo os piores inimigos. Foi a primeira vez que vi Verônica Leeman assustada.

— Flores - Verônica diz. Ela deu uma olhadinha para suas mãos, para ver se estavam tremendo.

— Lírios? - Drea pergunta.

— Sim. Como você sabe?

— Quantos? - Drea segura a mão de Verônica.

— Três - ela diz. - Três lírios. Pelo número de dias que restam até ele vir atrás de mim.



18

Depois da conversa com Verônica no Café Enforcado, eu volto para o dormitório para tentar dormir um pouco. Mas só o que eu acabo fazendo é ficar virando-me de um lado para o outro na cama; cobrindo-me e descobrindo-me, tentando me enfiar debaixo das cobertas sem que nada funcione. Só que é esquisito ficar sozinha no quarto por mais do que quinze minutos. É esquisito ficar sem Drea, que também deve estar virando de um lado para o outro, ao mesmo tempo que eu.

Depois que ela e Verônica esparramaram suas entranhas sobre os capuccinos e biscoitos frescos - falando sobre as flores e os bilhetes e todo o fiasco com o perseguidor -, Drea declarou que precisava de uma noite fora do campus e ligou para uma tia, que vive a duas cidades daqui, pedindo que ela viesse buscá-la. Eu sugeri que ela passasse o fim de semana lá, até que o dia D passasse, mas Drea rejeitou a ideia. Agora que ela e Verônica se entenderam, Drea está comprometida a ajudá-la. Acho que falar com Verônica fez com que Drea percebesse que tudo isso é muito real.

Então, por que será que eu sinto que Verônica está fingindo?

Isso não faz sentido para mim. Não faz sentido que a mesma pessoa queira ir atrás de Drea e de Verônica. Essas duas não podiam ser mais diferentes. E esses perseguidores não costumam perseguir o mesmo tipo de pessoa. Fora que é preciso considerar que Drea estará na casa da tia até algum ponto da tarde de amanhã, e só então poderemos nos reunir para bolar algum plano.

Eu rolo na cama, esmagando um travesseiro entre meus joelhos, e até arrasto meu livro para debaixo das cobertas para ver se isso me faz dormir. Não dou sorte. Não tem jeito de eu cair no sono, pelo menos até que Drea ligue, como prometeu.

— O amor é engraçado - digo, tentando parar de pensar no telefone. Eu repito a frase por várias vezes, achando que a repetição faria algum sentido, de alguma forma. Para mim, o amor não é exatamente o tipo de coisa cômica, está mais para algo bem trágico, mas nessa frase deve haver uma pista.

Rolo para fora da cama para buscar a vela roxa grossa que eu usei durante a leitura de cartas para Drea. Acendo-a para que me inspire e traga-me revelações e olho para a tigela vazia, cuja cera quente preenchia o fundo.

O telefone toca. Pulo para atender.

— Alô? Drea?

— Não é Drea - diz a voz masculina do outro lado. - E eu sei que ela não está em casa. É você, Stacey. Eu quero falar com você.

Minhas mãos começam a tremer só de ouvir esta voz dizendo meu nome. É ele.

— Eu sei que você está sozinha esta noite, Stacey - continua. - Foi por isso que liguei. Não vai me perguntar como tenho passado?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— O que você quer?

— Eu já te disse. Eu quero falar com você.

— Eu não estou sozinha - digo, olhando para minha ametista.

Ele ri, devagar e calculadamente.

— Por que está mentindo, Stacey? Eu sei que você está sozinha. Por toda a noite. Só você e suas velas.

Desligo o telefone, fecho as duas persianas e depois verifico e verifico novamente cada uma das fechaduras das portas e janelas para me certificar de que estão trancadas.

Meu coração salta dentro do peito, como se ele quisesse sair. Agarro o taco de *baseball* que está atrás da porta e sento-me ereta, no meio da cama, pronta e esperando por algo que eu não tenho a menor ideia do que seja.

O telefone toca de novo. Eu não quero atender, mas eu preciso. Pode ser Drea. E eu não posso fugir.

Estou quase atendendo quando ele para. Eu o pego assim mesmo, para ligar para Amber. Eu sei que ela não se importaria de passar a noite em meu quarto, ou melhor ainda, se eu fosse passar a noite lá. Eu começo a apertar as teclas, mas ele não disca.

— Alô?

— Por que você desligou na minha cara? - ele pergunta. Era ele. De novo. Meu queixo treme. Meu coração vai a mil. Meus dedos perdem até a circulação e a força, quase deixo o telefone cair. E então a voz volta a soar em meu ouvido:

— Eu te fiz uma pergunta - diz ele.

— Quem é você?

— Logo você vai saber de tudo.

— O que você quer de mim? - aperto o cristal Dévico entre meus dedos, torcendo para que a energia dele inunde meus poros e me forneça a energia de que estou precisando.

— Um passarinho me falou que você é uma dessas aberrações de circo - diz ele, depois de uma pausa.

— O quê? - pergunto.

— Ouvi dizer que você pode ver coisas em seus sonhos, é uma coisa psíquica ou algo do tipo.

— Que tipo de coisas?

— Coisas sobre mim e Drea - diz ele. - Coisas que podem estragar a surpresa que estou planejando para ela.

— Que surpresa?

— Se você é realmente uma bruxa, você já sabe. Você é?

— Sim - me sinto confiante dizendo isso, como se a própria afirmação já fosse o poder.

— Fique longe dela - diz ele. - Isso não tem nada a ver com você ou com sua pretensa bruxaria.

— Você que fique longe.

— Não tente ferrar comigo - diz ele. - Não se esqueça quem é que está no controle dessa situação.

— Eu não vou esquecer.

— Ou você encontra um jeito de ficar longe daqui ou eu vou encontrar um para você.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Sinto meu rosto ficar vermelho, o sangue bombeando através de minhas veias e indo direto para minhas bochechas.

— O que você vai fazer com ela daqui a três dias? - eu cuspo.

— Não seria uma surpresa se eu te contasse agora, não é? Ah, e falando nisso, estou mandando de volta um pequeno presente de vocês que encontrei na lavanderia. Parece que você andou tendo uns probleminhas. Imagine o que todo mundo vai dizer se descobrir isso, Stacey. O que será que Chad diria?

— Quem está falando? - sinto que até me levantei.

— Cuide de sua própria vida e eu vou cuidar da minha. Durma bem, Stacey.

Ouçõ um *click* do outro lado do telefone quando ele desf|ga. Mesmo assim, fico com o telefone pressionado contra minha orelha, esperando que ele o pegue novamente, esperando que ele me diga o que ele sabe sobre meus sentimentos por Chad. O fone faz *click* de novo, seguido pelo tom de discagem.

Largo o fone e olho pela janela. Eu sei que ele está lá fora, esperando por mim.

Ando pelo quarto e espio, pelas persianas, para o gramado. Ninguém. Destravo a fechadura, abro a janela e olho para baixo.

Ali está. A roupa suja que eu havia deixado na lavanderia. As calças de ginástica azul-escuras estão largadas perto da janela, sobre os lençóis manchados de xixi. O resto está em uma pilha, no chão. Ainda estão sujas. Ainda imundas e fedorentas. E mesmo assim enfio meu rosto em um canto do lençol e começo a chorar.



19

Esfrego os lençóis sujos na pia, as bolhas do tecido branco formando poças de água espumante sobre as bordas da porcelana. Eu tento me acalmar, me concentrar no barulho da água e em sua habilidade de limpeza. Foco-me no que é realmente importante - salvar Drea. Mas não consigo deixar de me sentir tão indefesa.

É uma coisa horrível quando as pessoas pensam que você é uma aberração porque você pratica a Wicca, mas a história é completamente diferente quando você tem dezesseis anos e molha a cama.

O telefone toca. Meu primeiro pensamento é de que é Drea. Finalmente. Ligando de sua tia. Enfio-me embaixo das cobertas, na minha cama, e atendo.

— Alô? Drea?

— Não da última vez que eu verifiquei - diz a voz masculina do outro lado.

Como por reflexo, eu desligo o telefone. Por que ele continua fazendo isso comigo? Por que ele continua me ligando? Respiro fundo e espero o telefone tocar de novo. Eu sei que ele vai. E foi o que aconteceu. Só que desta vez eu estou mais preparada. Pego o fone e espero que ele fale.

— Stacey?

— Chad?

— Sim, sou eu. Por que você desligou antes?

— Ah, eu pensei que...

— O quê?

— Nada.

— O quê? Que eu era o maluco que fica enchendo o saco de vocês?

— Ah, sim - digo. - Esqueci que Amber tinha-lhe contado.

— Não contou só para mim. Todo mundo anda comentando sobre isso.

— Tá falando sério? Todo mundo?

— Bem, algumas pessoas.

Nota para mim mesma: matar Amber. Eu achei que talvez tivesse sido Verônica que andou tagarelando por aí. Já tinha-lhe passado umas boas duas horas desde que nos despedimos no Enforcado. Algo totalmente possível de se fazer para alguém com uma boca tão grande quanto a dela.

— Olhe - começo a dizer sentindo um leve tremor abater sobre mim. - Drea não está aqui, se é por isso que você está ligando.

— O quê? Não posso só ligar para você?

Abro minha boca, na esperança de que as palavras que surgem em minha mente cheguem filtradas até ele, mas eu não tenho a menor ideia do que dizer, nem se ele está falando sério.

— Onde ela está?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Ela vai passar a noite na casa de uma tia - e assim que eu deixo essas palavras passarem por minha boca, eu quero engoli-las de volta. Ele não precisa saber onde Drea está. Ninguém precisa.

— Como assim?

— Por que você está ligando a esta hora? Já é quase uma.

— Eu sei - diz ele. - É só porque eu não conseguia dormir e estive acordado a noite toda pensando sobre como vou me dar mal na prova de física de amanhã. Eu esperava que você também estivesse acordada, fazendo uma de suas conhecidas maratonas de estudo de noite inteira.

Prova de física?

— Estou acordada - digo, finalmente. - Mas é porque um doente gosta de ligar para as garotas no meio da noite e deixá-las surtadas. Achei que eu poderia ligar para Amber e forçá-la a ficar acordada comigo.

— Eu poderia ir até aí - diz ele. - Quer dizer, já que nenhum de nós consegue dormir mesmo. Não faz sentido incomodar Amber. Além do mais, talvez você pudesse até me ajudar com a prova.

Coloco a mão atrás da cabeça e me levanto para olhar no espelho.

— Você acha que é uma boa ideia? Quer dizer...

— Bem, você disse que Drea não está em casa esta noite, certo?

— Sim.

— E você recebeu todos esses trotes. Não deveria ficar aí sozinha.

Espano as estrelinhas de meus olhos e mordo o lábio. Eu não tenho ideia do que falar para ele. Eu supostamente deveria esperar mais três anos para ver se as coisas iriam dar certo entre ele e Drea ou será que é hora de tomar conta de meu próprio destino? Eu já tinha abafado os sentimentos e começo a tentar me lembrar que Chad também é meu amigo. Por que eu devo me sentir culpada toda vez que ele está no mesmo local que eu?

— Bom - diz ele. - Diga alguma coisa.

— OK. Mas só vamos estudar.

— E o que mais? - ele pergunta, e percebi que estava sorrindo. - Estarei aí já, já.

Desligo antes que qualquer um de nós dois tenha a chance de dizer tchau ou mudar de ideia. E por mais que eu tente lembrar que essa não é uma ligação social, mas, sim, uma chance de não bombar em física, eu decido que roupas largas e escuras não são um bom visual. Em vez disso, eu visto um par de calças de pijama preto e branco, com os cumprimentos do guarda-roupa de Drea, e um top branco que é meu. Abro o ralo da pia, enrolo os lençóis e os enfio em um saco de roupas sujas novo.

Menos de quinze minutos depois, Chad está batendo na janela. Eu a destranco e o deixo entrar, e então sento em minha cama, propositadamente cheia de anotações de física, relatórios de laboratório e questionários antigos - espaço zero para ele, portanto, tentações zero para mim.

— Você esteve bem ocupada - diz ele, fechando a janela. Ele procura algum lugar para sentar em minha cama. Mas o único ponto vazio é no chão, entre as pilhas de roupa, ou na cama de Drea.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— E aí, há quanto tempo você está estudando? - ele pergunta, optando pela cama de Drea.

Fingi que estava envolvida nas anotações da aula da semana passada sobre velocidade e massa.

— Não faz muito tempo - digo, olhando para ele. Isso eu não consigo evitar. Ele é tão perfeito. Usando um boné de *baseball*, como se tivesse acabado de sair da cama. Uma camiseta branca de algodão fofa que eu poderia facilmente me cobrir toda com ela. Óculos de aros negros finos. Ele sorri para mim e eu não consigo evitar fitar sua boca. Esses lábios. Seus dentes. O jeito que os dentes de cima ficam na frente dos de baixo quando se olha mais de perto. Sacudo meus olhares para longe e continuo concentrada nas anotações.

— Acho que você pode dizer que minhas notas não estão bem este bimestre.

— Idem - ele puxa uma pilha de papéis amassados de dentro de seus cadernos e livros e as adiciona à coleção que eu estou fazendo em minha cama. - Sobre qual capítulo vai ser o teste?

— Sete. Eu acho.

Ele arruma o boné, enviando uma onda de seu cheiro bem na direção de meu nariz. Cheira como suor grudado na pele, como perfume com a validade terminada, como desodorante misturado com xampu de maçã verde. Um cheiro que eu queria engarrafar para poder abrir e derramar todo sobre mim.

— Então você acha que suas notas também escorregaram? - ele pergunta.

— Eu não sei. Só acho que tenho outras preocupações na cabeça.

— Ah, é? - ele fechou o livro. - Como o quê?

Viro as páginas para frente e para trás em meu livro, meus olhos procurando o questionário de revisão do capítulo dez, mesmo sabendo que o teste seria sobre o capítulo sete.

— Se tem algo incomodando você, pode me contar - diz ele. - Você recebeu outro trote depois que desligamos?

— Não.

— Então relaxe. Ele não está ligando agora, está? Talvez ele saiba que eu estou aqui.

— Por que você está dizendo isso? - eu pergunto.

— Eu não sei. Talvez ele só ligue quando você está sozinha. Ou quando as garotas estão aqui. Talvez um cara o deixe intimidado.

Sinto-me vazia. Os olhos de Chad viajam por meu pescoço enquanto ele gesticula.

— Eu queria que ele ligasse enquanto eu estou aqui - diz ele.

— Por quê? - pergunto.

— Porque aí você teria certeza de que não sou eu.

Credo! Uma afirmação gigantesca, mas eu não podia negar.

— É isso que você acha que eu penso?

Ele pula da cama de Drea para a minha, sentando em um monte de papéis e fazendo com que eu me afaste para que nossas cinturas não encostem.

— Eu não sei. Como é que você se sente?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Fico olhando para meu caderno, para o trapezoide tridimensional desenhado perto da espiral. Eu não posso olhar para ele. Eu não posso responder o que ele me pergunta - a mesma pergunta que esteve planando sobre nossas cabeças pelos três anos que nos conhecemos.

Viro a página do caderno para disfarçar.

— Como me sinto a respeito de quê?

Sinto que ele fica todo frustrado. Ele vira o boné de *baseball* para que a aba fique para trás.

— A meu respeito - diz ele. - Como você se sente a meu respeito?

Eu não acredito que ele está realmente perguntando isso. Realmente perguntando isso em uma linguagem real, viva, verbal. Eu olho ao redor do quarto buscando alguma ideia que me tire dessa linha de questionamento. Lá está, embaixo de sua nádega esquerda, um dos relatórios de laboratório.

— Você está sentado em meus *nanoclusters*.

— Hein?

Será que eu realmente disse isso? Faço um aceno de cabeça para o relatório embaixo de suas nádegas perfeitamente redondinhas e ele puxa o papel para fora, todo amassado da sentada. E, mesmo assim, com seu novo formato de nádegas no papel branco, tenho vontade de colocá-lo em um quadro.

— Apenas me diga - diz ele, seu rosto completamente sério. - Eu preciso saber.

— Você quer saber se eu acho que você é um dos que estão perseguindo Drea? - sinto-me uma idiota falando desse jeito, fazendo perguntas que propositadamente driblam a pergunta real, mas eu simplesmente não consigo me fazer admitir isso. Não até que eu tenha certeza de que tudo está terminado entre ele e Drea.

— Tá bom - diz ele. - Vamos começar por aí. Você acha?

Olho em seus olhos e realmente considero a questão e como me sinto. Penso no sonho que eu tive com ele na janela. Como seu blusão desapareceu de nosso quarto, e como depois ele apareceu vestindo-o, dizendo que alguém o havia deixado na caixa de correio junto a um dos bilhetes.

Penso em como ele tentou nos assustar com a máscara de *hockey*, como ele sempre me liga bem na hora certa, e como nós o vimos perto do telefone público em frente da biblioteca alguns minutos depois de um dos trotes.

Penso em como isso meio que faz sentido, como é o jeito perfeito de tirar Drea de seu encaixe. Ou apenas castigá-la por todos os joguinhos que ela fez todos estes anos.

E então eu penso em quão desapontada ficaria se fosse realmente ele.

Estudo seu rosto, procurando alguma hesitação ou vacilo, mas nada que me dê algum sinal de que é ele, de que ele está envolvido. Mas eu não posso contar. Eu não sei,

— E aí? - ele pergunta.

— Você é ele?

— Achei que você não precisasse perguntar.

— Isso é um não?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Ele balança a cabeça e levanta meu queixo com um dedo, seu hálito de pasta de dente de menta enche o ar entre nós. Ele se move em minha direção, parando a apenas alguns centímetros de minha boca, tão perto que eu consigo ver os pequenos pelinhos louros em volta do lábio superior.

— Espere, isso é um sim? Eu preciso saber, Chad.

Odeio a mim mesma por perguntar, por ser tão leal, por ter de saber da verdade, por me importar tanto com os dois. Ele se aproxima ainda mais, tão perto que a pele de nossos lábios se tocam. Suave, úmido e mentolado. Isso me faz querer sair gritando de mera frustração. Mas eu não faço. Mantenho meus olhos fechados e meus lábios afastados dos dele. E espero pela resposta.

— É um sim - diz ele, finalmente. - Eu sou o cara. Ele fecha seus olhos e pressiona seus lábios contra os meus. No começo fico sem saber se devo beijá-lo de volta, mas minha boca simplesmente o faz sozinha. Um beijo completo, de línguas misturando-se e me enchendo de arrepios.

Quando nos afastamos, meus olhos continuam em sua boca, quase com medo de olhar para seus olhos. Eu tinha acordado do sono mais feliz. Ele toca minha bochecha com as pontas de seus dedos e então puxa meus lábios para mais um beijo.

— Tenho esperado por isso desde a última vez - diz ele.

— Sério? - eu quero conter o sorriso que surge em meu rosto.

— Lembra? - seus olhos pulam de minha boca para meus olhos. - Da última vez?

Concordo com a cabeça.

Ele se aproxima para outro beijo, mas minhas palavras o impedem.

— Quando você disse que era o cara, você não quis dizer que era aquele cara, quer dizer, aquele cara que está perseguindo Drea, quis?

— O que você acha?

— Não acho que seja você - e eu não acho que seja ele. Mas eu ainda quero, eu preciso ouvi-lo dizer aquilo.

Ele sorri para mim, aliviado, e me inclino para o beijo.

— E Drea? - pergunto, interrompendo-o de novo. - Quer dizer, e o que ela sente por você?

— Na verdade ela não sente nada por mim - ele suspira e leva sua boca para longe da minha. - Ela apenas acha que sente. Se eu quisesse chamá-la para sair de novo, o que eu não vou fazer, mas se eu o fizesse, ela diria sim, iria se sentir vitoriosa por alguns dias, e depois ia terminar tudo. Sempre foi assim com ela, é um tipo de jogo.

— Você acha que talvez ainda sinta alguma coisa por ela?

— Claro, quer dizer, nós crescemos juntos. Eu me importo com ela. Muito. Só que não da maneira que ela acha que gostaria - ele pega minha mão e coloca entre as suas, enviando arrepios de calor para cima e para baixo de minha espinha. - Eu e Drea nos damos muito melhor como amigos.

— E por isso que você quer outra pessoa?

— Você ainda não entendeu? Não me importo com mais ninguém.

Nossos olhos grudam um no outro e eu não tenho certeza do que acontece comigo, se foi o jeito que suas sobrancelhas enrugaram, implorando que eu o



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

entendesse, se foi o jeito que seus lábios fecharam, implorando para serem beijados, ou se foram puramente nossos hormônios, mas, de repente, eu estava em cima dele. Minhas mãos, minha boca, meus lábios, meu coração. Nos beijamos. Foi um beijo longo, suave, gostoso, do tipo que causa um friozinho debaixo das cobertas. Mas então eu o afasto.

— Não podemos - digo, sem fôlego. - Não podemos fazer isso. Quer dizer, eu quero, mas...

Chad me envolve com seus braços e me aperta contra seu peito. Eu ouço o ritmo de seu coração batendo e desisto de dizer qualquer outra coisa. Eu só quero chorar.



20

Não tem jeito de rolar mais nenhum estudo depois do que aconteceu. Estou sentada em minha cama, virando páginas para frente e para trás entre sumários, meus olhos percorrendo as colunas com termos de física que querem dizer muito, mas minha mente não está absorvendo nada.

— Talvez devêssemos sair para tomar um ar - Chad sugere, fechando seu livro.

Concordo, aliviada por mudar de cenário e esperando que o ar frio da noite me ajude a sair dessa bagunça.

E como que guiados por uma força celestial, vamos parar na mesma árvore onde demos nosso primeiro beijo, acho que nenhum de nós pensou nisso. Em vez disso, apenas passamos por ela, com nossas lanternas na mão, indo além do gramado e para o meio das árvores, tentando levar um papo esquisito sobre a agenda do *hockey* e comida chinesa, sobre coisas que não parecem importar muito agora.

As árvores exalam um odor almiscarado nesta noite, como pele salgada misturada com perfume, como as noites quentes e grudentas e em uma cabana. Respiro essa essência, esperando que ela grude em minhas roupas e em meu cabelo para que eu possa saboreá-la mais tarde.

— Eu já volto - Chad diz. - A natureza chama.

Concordo e fico olhando enquanto ele desaparece atrás de um monte de árvores. Espero por vários minutos antes de começar a ficar preocupada.

— Chad? - eu chamo. - Está tudo bem?

Quando ele não responde, vou até o monte de árvores onde ele deveria estar. Quando dou por mim estou levantando galhos e batendo em moitas que estão em minha frente, andando para cada vez mais longe, esperando encontrá-lo.

Mas não encontro.

Em vez disso, eu chego a uma clareira. Observo por entre dois galhos longos e cheios de folhas que estão em meu caminho e vejo uma grande estrutura de madeira, iluminada pela lua.

— Chad! - grito. - Pode sair, agora!

A estrutura se parece com uma casa: pranchas de madeira que parecem ter acabado de sair de um depósito, tábuas pregadas juntas formando uma base quadrada gigante e pranchas individuais grudadas, retas, como paredes.

Será que Chad me trouxe para cá de propósito? Será que ele acha tudo isso engraçado?

— Chad? - eu grito na direção da estrutura. - Você está me assustando.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Vou dar outro passo, mas então paro. Fico ouvindo. Há alguém me seguindo. Eu posso ouvi-lo. Posso ouvir suas pegadas esmagando as folhas e os galhos caídos.

O medo borbulha em meu estômago. Eu tenho que fazer xixi. Agora! Pelo canto de meu olho eu vejo um desses banheiros portáteis, do tipo que sempre vemos em parques de diversão. Junto as coxas e ando o mais rápido que posso em direção a ele, usando a luz da lua para ver o caminho. Mas antes de eu perceber, meu pé se enfia numa poça e eu caio, minha bochecha esquerda bate forte contra o chão de terra.

Uma luz brilha em algum lugar dentro da casa como resposta. Levanto-me da poça e sento-me sobre meus calcanhares. Há letras desenhadas no chão. Letras longas e retas, com pelo menos um metro de tamanho. A palavra era DREA.

Ando ao redor do nome e direciono-me ao banheiro, ainda alguns metros adiante. Eu preciso saber se há alguém nessa casa. Se foram eles que acenderam a luz ou desenharam o nome da Drea na terra. E se era Chad quem estava me seguindo, tentando me assustar. Mas antes eu tinha que fazer xixi.

Minha bexiga dói a cada passo. Mas eu consigo e viro a maçaneta da porta. Trancada.

— Chad? Você está aí?

Quase esmago minhas coxas, de tanto apertar; ouço-me choamingando como um filhote. Espero alguns momentos. Nada. Silêncio. Um silêncio negro e solitário no meio da noite.

Há alguém ali dentro.

Eu me afasto, sinto meu peito subindo e descendo, parece que minha respiração já não depende de mim. Chad teria respondido. Ele não continuaria brincando por tanto tempo. Ele sabe o quanto eu estava assustada por causa das ligações.

Olho para a porta da casa e como parece que ela está aberta, eu corro para dentro. Um refletor vem ao meu encontro e me acerta bem na testa. Está pendurado em uma viga abaixo do alpendre e ilumina quase toda a área. Eu esfrego o ponto e olho ao redor. Tábuas foram levantadas para criar um longo corredor com quartos contíguos para a direita e para a esquerda.

Um barulho de alguma coisa sendo rasgada, como se fosse uma fita grossa, vem de algum lugar no fim do corredor.

— Chad? - eu chamo. - É você?

O barulho para.

— Isso não é engraçado - eu esperava encontrá-lo em um dos quartos com alguma ideia batida de romance, como um piquenique à luz de velas ou um quarto cheio de margaridas, mesmo que nós dois tenhamos decidido manter as coisas no nível platônico. Junto minhas mãos entre minhas pernas e começo a descer lentamente pelo corredor, as solas de borracha de meus tênis amarelo rangendo levemente contra o chão de madeira.

Há quatro portas para escolher, duas de cada lado. Eu decido ir direto para a que está mais perto de mim, do lado direito, a que tem a maior arcada e, desse ângulo, eu quase posso ver um canto vazio. Dou dois passos para frente e paro, ouvindo uma tábua estalando em algum lugar em minha frente.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Stacey? - uma voz sussurra.

E então a luz some.

Caminho insegura de volta na direção da porta principal, meus dedos praticamente furando a pele entre minhas pernas. Com minha outra mão, vou tateando pelas paredes, tentando encontrar meu caminho de volta para o corredor, seguindo as pranchas de madeira, assim eu consigo me guiar para fora. Mas parece que o corredor não acaba e eu continuo seguindo sem parar.

O que está errado? Por que eu ainda não estou lá fora? Por que eu nem sequer voltei direto para o quarto da frente?

Vinte e seis pranchas de madeira depois, eu paro procurando pela entrada. Mas, em vez disso, desesperada, começo a analisar o espaço entre as placas de madeira. Eles têm cerca de 15 cm. Enfio todo meu braço num dos espaços e sinto o vento batendo em meus dedos. A liberdade está do outro lado, eu tenho certeza disso. E se eu conseguir me espremer, eu também consigo passar meu corpo todo por ali, eu voltaria lá para fora, para a floresta, e poderia voltar para o campus.

Ouçõ passos vindo pelo corredor, em minha direção. Respiro fundo, encolho a barriga e empurro-me pelo espaço, colocando primeiro o ombro. Viro minha cabeça para encaixar; projeto meu quadril para frente e chuto minha perna para fora. Mas não adianta. As placas de madeira prendem minhas costelas no ponto onde meus ossos e minha pele não se movem. Não há dúvida de que agora eu estou presa aqui dentro. O telefone toca em um dos quartos.

— É para você, Stacey - diz a voz.

A voz. Ele. E está tão perto de mim, um pouco além de meus dedos.

— Melhor atender - diz ele.

Nove toques, dez.

— Atenda ao telefone, Stacey! - ele grita, imagino que estava com os dentes cerrados.

Ando na direção do barulho do telefone, as ferroadas abaixo do meu abdome me lembram que eu ainda preciso fazer xixi.

— Está esquentando.

O som dos toques do telefone fica cada vez mais alto a cada passo que eu dou. Com meu braço esticado ao máximo, eu procuro pelo telefone, minha outra mão ainda tentando fazer o xixi voltar. Piso em um buraco e a luz volta: um refletor, pendurado em uma das placas do telhado. A luz ilumina um telefone público na parede bem em minha frente. E continua tocando.

— É para você, Stacey - a voz repete.

Pego o fone e sinto que minha metade de baixo relaxa - minhas calças se enchem do líquido molhado e quente.

— Alô? - eu sussurro, tentando soar forte, como se não estivesse querendo chorar, não estivesse sentindo pena de mim mesma, não estivesse morta de medo.

— Alô para você, Stacey - diz ele. - O tempo está quase acabando. Só mais dois lírios sobrando em nosso buquê.

— Quem tá falando?

— O amor é engraçado, Stacey. Você não sabia? - pude sentir sua respiração em meu pescoço. Ele estava atrás de mim.

Viro-me e dou de cara com seus olhos me encarando.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Não acredito. É você.



21

Eu me sento ofegante.
— Stacey?

Pisco os olhos e olho ao redor. Eu ainda estou em meu quarto. Ainda estou com meu top branco e com as calças de pijama de Drea.

E Chad ainda está ao meu lado, em minha cama.

Eu verifico discretamente se realmente me molhei toda.

Sim. São seis horas e quinze minutos da manhã. Nós dormimos mais de quatro horas.

— Você teve um pesadelo? - ele se senta e esfrega os olhos.

Eu sei que havia visto o rosto do perseguidor em meu sonho. Mas agora, sentada na cama, com o peso da realidade ao meu redor, eu simplesmente não consigo me lembrar dele.

— Você precisa ir - digo.

Mas ele não se mexe.

— Por favor - tiro a mão de Chad de meu ombro.

— Ei - diz ele. - Porque você está com tanto medo de mim?

— Não estou. Apenas vá. Vá!

— Isso é sobre o que aconteceu na noite passada? Porque...

— Nada aconteceu na noite passada - respondi rapidamente.

— Não foi bem assim - diz ele.

Tudo fica em silêncio entre nós por alguns segundos. Cerro meus dentes e sinto uma dor em minha mandíbula.

— E sobre tudo o que conversamos? - ele pergunta. - Você sabe, se as coisas fossem diferentes...

— Bom, elas não são.

— Então acho que é só isso - diz ele. - Vou esperar até que elas se tornem, se estiver tudo bem para você. Porque a noite passada não foi só uma nada para mim.

Eu o odeio por ser tão perfeito. Eu odeio que ele se importe e que eu me importe também. Eu odeio ficar sentada aqui, tendo que implorar para ele ir embora para eu poder limpar minha sujeira.

— Eu não tenho que dizer mais nada - ele continuou. - Eu só queria que você soubesse.

Enrolo as cobertas nas pernas, sentindo o calor em minhas calças, sentindo as lágrimas rolando por meu rosto.

— Você está com frio? - ele tira a coberta que está por cima dele e me cobre.

Eu concordo, apertando o acolchoado sobre meu colo.

— Por favor, Chad, vá.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Não quero ir e deixar você chateada.

— Vá! -eu pedi. - Deixe-me aqui, sozinha.

— Por quê? Por que você está fazendo isso?

— Porque eu não ligo pra você - eu grito. Um ferimento mortal.

Chad encolhe o peito ao sentir o golpe.

— Eu não acredito em você - diz ele depois de uma pausa. Sua voz está toda estranha, como se eu o tivesse feito sangrar de dentro para fora.

Ele se levanta da cama e olha para o outro lado, para esconder seu rosto. Seu corpo parece cansado, derrotado, como se eu pudesse fazer uma bolinha com ele e jogar no cesto de papel.

Abaixa-se para colocar seus sapatos e Drea entra.

Drea!

Eu vejo o sorriso no rosto dela derreter. Ela observa a imagem a sua volta: Chad, pegando um tênis, suas roupas de ontem totalmente amassadas em seu corpo, e eu ainda deitada na cama. Ela olha do cabelo desganhado de quem acabou de levantar da cama para a perna da calça, levantada até o joelho.

— Drea - diz ele.

Ela se vira para mim, um copo cheio de café e uma sacola parda caem de suas mãos, pausando com uma pequena explosão no chão.

— Eu trouxe seu café da manhã.

Abro minha boca para dizer algo, mas todas as palavras que me vêm à mente - isso não é o que parece, foi um acidente, nós caímos no sono - soam completamente patéticas.

— Drea, antes de você surtar - Chad dá um passo na direção dela, expondo o lado do rosto que estava marcado pelo travesseiro.

— Não fale comigo! - ela diz.

— Drea - eu começo.

— Como é que você pôde fazer isso comigo? - ela grita.

— Não aconteceu nada.

— Ela está certa - Chad diz. - Não aconteceu nada. Eu vim estudar e acabamos adormecendo.

— Agora eu sei porque você não atendeu minhas ligações.

— O quê?

— Não se faça de inocente. Eu tentei ligar noite passada, como eu disse que faria, mas você não atendeu. Muito ocupada, imagino.

Eu olho para a mesinha, mas o telefone não está lá; Dou uma rápida olhada ao redor e vejo o fio saindo debaixo de uma pilha de roupas sujas.

— Drea, eu não o ouvi tocar.

— Vá se ferrar! - ela diz, seus olhos cheios de lágrimas.

— Drea, estávamos estudando e adormecemos.

— Certo. Amber me alenrtou sobre isso, sobre o quanto você gostava dele.

— O quê!? Amber realmente lhe falou isso?

— Que é isso, Drea - Chad diz -, não vamos fazer uma tempestade em um copo d'água. Eu liguei e acabei vindo para cá porque eu tinha essa prova gigante de física amanhã... quer dizer, hoje...



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Então devo supor que você não teve problema em ouvir a ligação dele - ela diz.

— De qualquer modo - Chad continua -, eu pensei que talvez vocês pudessem me dar uma força. Mas então Stacey me contou que aquele lunático estava ligando para ela e não conseguia dormir. Então, eu disse que viria para cá para estudarmos.

— Ah, quanta consideração - la diz.

— O que há de errado com isso? - Chad diz.

— Vá se ferrar também.

— Vamos fazer o seguinte, Drea - diz ele -, quando você acabar com seu *showzinho*, você me liga - ele pegou seu boné e enfiou na cabeça.

— Espere sentado.

— Olhe - diz ele. - Stacey é minha amiga e se isso te incomoda tanto...

— O quê!?

— Nós não estamos mais saindo juntos - diz ele. - Somos apenas amigos.

— Você não é meu amigo - ela diz. - Nenhum de vocês dois - ela vira as costas para nós para abrir o frigobar. Pega uma barra de chocolate que estava pela metade e a desembrolha.

Neste momento, alguém bate na porta.

— Meninas?

Madame Descarga.

— Tem muito barulho vindo do quarto - ela diz. - Está tudo bem?

— Tudo ótimo - diz Drea.

— Stacey está bem?

Chad procura um lugar para se esconder, mas é inútil; os armários estão mais do que cheios e de jeito nenhum ele vai entrar debaixo de minha cama.

— Eu deveria deixar você fritar - Drea sussura para ele.

— Estou bem, srta. LaCharge - eu grito. - Estou me vestindo.

— Bem preciso entrar só por um segundo - ela diz.

Chad olha para mim uma última vez antes de saltar pela janela. Dois segundos depois, Drea abre a porta. Madame Descarga olha em volta - seus olhos cinzas engolidos por um par de desajeitados óculos vermelhos.

— Porque tanto barulho?

— Nós estávamos discutindo sobre se eu devo ou não cortar o cabelo - diz Drea.

— Ahn? - madame Descarga analisa visualmente os cachos de Drea. - Sim, uma paradinha vai ser bom para você. - Ela coça o queixo, seus dedos esfregam pelo menos uns cinco pelos em seu queixo.

— Nós realmente precisamos nos arrumar - coloco um travesseiro em cima da pilha de roupas em meu colo e uma onda do perfume de Chad bate em meu rosto.

— Tá bem - madame diz. - Mas falem baixo. Nós já recebemos várias queixas sobre vocês duas.

— Vamos falar, senhorita LaCharge. Obrigada - Drea fechou a porta atrás dela.

— Drea - eu começo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Nem vem!

— Você não pode apenas ficar sem falar comigo.

— E por que não?

— Porque somos amigas.

— Amigas não fazem o que você fez, uma com a outra.

— Você não acredita quando eu digo que nada aconteceu?

— Ah, eu acredito - ela para aos pés da minha cama com os braços cruzados. - Mas bem que você queria que algo acontecesse.

— Do que você está falando? - aperto minha pernas, sentindo a umidade do pijama dela grudando em minha pele.

— Estou falando que você mentiu para Chad sobre os trotes na noite passada, só para ele ficar com dó de você e vir para cá.

— Não foi isso que aconteceu.

— Então, o que aconteceu? - ela vira a barra da coberta, descobrindo meus pés.

— Nada. Eu já te disse isso - chuto as cobertas de volta para meus pés, o máximo que posso, sentindo que eu estou presa a elas até que todo mundo saia do quarto.

— Você o beijou?

— Drea...

— Beijou?

Eu sei que é fraquesa, que vai voltar para mim três vezes, mas nesse momento, eu aceito. Eu só quero que me deixem sozinha.

— Não - digo finalmente.

— Mentirosa - ela joga a barra de chocolate na cama. - O que mais você fez com ele? - ela agarra a barra do acolchoado e tenta olhar para dentro.

— Não, Drea! Por favor, não!

Drea levanta uma de suas sobranceiras ao ver minha reação.

— E o que eu não posso ver? - ela puca o acolchoado de minhas pernas e os travesseiros saem voando.

— Estes são meus pijamas?

As lágrimas descem por meu rosto enquanto eu espero ela notar. E quando ela nota, é ainda mais humilhante do que eu imaginava.

— Você molhou a calça?

— Drea... - eu grito, tentando cobrir meu colo com as mãos. - Por favor, não conte para ninguém.

— Ai, meu Deus! - ela parece não saber se faz piadas ou se cai na gargalhada. - Você molhou a cama!

Enterro meu rosto no travesseiro, no melhor estilo ostra, achando que assim ela não vai conseguir me ver, pensando que assim eu simplesmente desaparecerá.



22

Por que eu decidi ir para a escola hoje? Quem no mundo disse que eu conseguiria fazer uma prova de física depois de tudo o que aconteceu na noite passada?

A questão numero um já dava abertura para variáveis demais. E como eu poderia saber o que o W de um tijolo é igual ou menor que as condições de G se eu nem sabia que tijolos tinham Ws ou experimentavam Gs para começar? Eu olho para meus rascunhos de cartas para Chad, sentado três lugares em minha frente para a direita. Pergunto-me se ele sabe sobre a cama molhada, se Drea já contou para ele.

Tento tirá-lo de minha mente e me concentrar no pesadelo da ultima noite. Na cara do perseguidor. Eu sei que na hora eu reconheci quem ele era, mas agora, totalmente acordada, minha lembrança do rosto dele simplesmente sumiu. Eu precisava voltar para o dormitório e tentar voltar para aquele lugar de algum jeito.

O sinal toca e esta é minha deixa. Assino meu nome no topo da folha para que a professora saiba que é para mim que ela esta dando aquele grande e gordo zero, sou a primeira a entregar a prova e saio como um raio porta afora. Mas, infelizmente, não fui rápida o bastante. Chad me alcança depois de umas duas portas.

— Desculpe-me pela noite passada - diz ele, passando a mão por seu cabelo. - Quer dizer, pelo que aconteceu entre você e Drea.

— Não foi grande coisa.

— Sim, foi sim, e você sabe disso.

Eu olho para ele, imaginando o que ele pensa de mim, se ele sabe meu segredo e se ele ainda se sente do mesmo jeito.

— Drea lhe falou alguma coisa? - eu pergunto - Quer dizer, ela falou com você? - concentro-me um momento em seus lábios, lembrando cada detalhe da noite anterior: a penugenzinha amarela sobre o lábio superior, a cicatriz da grossura de uma agulha na parte debaixo do canto esquerdo. Provas de que a noite passada realmente aconteceu. Que eu realmente o beijei.

— Sim, ela falou comigo - diz ele. - Ela estava furiosa na aula de inglês. Você sabe, fazendo o papel de ofendida. Mas ela acabou esquecendo. Eu tentei falar com ela para que não ficasse tão brava com você, mas ela não me ouviu. Não entendi porque ela não ficou brava comigo, mas sim com você.

— Porque você é o garoto.

A conversa para.

— Seja como for - diz ele - Estou feliz pelo que aconteceu na noite passada. Quero dizer, sem contar a parte em que fiz vocês duas brigarem.

— Você está?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Sim, quer dizer, ela não pode continuar pensando em mim como uma propriedade dela. Como eu disse na noite passada, Drea e eu somos melhores como amigos. É só assim que a gente se dá bem.

— Que bom que eu ajudei - joga minha mochila sobre os ombros e saio andando.

— Espere - Chad segura meu braço para me fazer parar.

— O que? - puxei meu braço.

— Não foi o que eu quis dizer

— Então o que foi que você quis dizer?

— Quis dizer apenas o que eu disse - estou feliz por ter acontecido

— Drea sabe como você se sente? Alguma vez você já falou para ela tudo o que falou para mim, sobre vocês dois serem apenas amigos?

Ele pensa por um segundo

— Bom, eu não falei bem nessas palavras, mas tenho certeza que ela sabe.

— Talvez ela não saiba o tanto que você acha que ela sabe. Ou talvez você não saiba o que quer.

— Eu sei o que eu quero - diz ele.

Olho para ele e agora é ele quem esta olhando para minha boca, meus lábios. Eu quero, mais do que tudo, mordê-lo, lambê-lo, sugá-lo para meu rosto ou cobri-lo com minhas mãos. Mas, em vez disso, eu sorrio e ele sorri de volta. E, de repente, eu me vejo dentro de um comercial bizarro de pasta de dente, do tipo em que os atores ficam todos amorosos um com o outro só para compartilhar o brilho de seus dentes.

Ficamos ali parados por um tempo, sem saber muito bem o que dizer e como deixar as coisas. Nos vinte e poucos segundos constrangedores, enquanto arrastamos nossos pés - os meus com um par de Doc Marten e os dele em um par de sapatos de couro brilhante com o bico dourado - eu tento honestamente perguntar a mim mesma se eu devo ou não esquecer a noite passada, incluindo a descoberta de meu segredo por Drea.

Mas a resposta é um grande, gordo e galopante não.

— Eu tenho que ir - diz ele - Acho que vejo você por aí

— Eu acho que sim - digo, sem saber se pulava em seus braços ou se apenas me despedia dele acenando com a palma da mão.

Não fizemos nenhuma das duas coisas. Chad enfia suas mãos nos bolsos e Ana na direção de sua próxima aula. Eu, por outro lado, finjo que estou com enxaqueca e me livro da aula de inglês. Não há sentido estragar mais nenhuma nota hoje. Além do mais, eu tenho mais urgência em me cuidar do que discutir *Os contos de Canterbury*. Tenho o rosto de um perseguidor para conjurar, pelo amor de Deus. Tomara que o feitiço da memória ajude.

De volta ao meu quarto, joga-me na cama e fico alguns segundos refletindo sobre o que eu lembrava. Eu sei que meus pesadelos me levaram para a floresta de novo, e que desta vez havia um tipo de estrutura esperando por mim. Eu lembro das placas de madeira, da porta aberta e do nome de Drea escrito na terra. Eu lembro dos refletores, de ouvir o telefone tocar e até de atendê-lo. Mas



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

quando eu tento visualizar a pessoa que estava atrás de mim, sussurrando em meu ouvido, tudo fica enevoadado.

Pego o livro de recortes da família e passo meu dedo parte por parte do índice desde o começo. Há vários feitiços para memória, mas apenas um especificava que podia ser útil para ajudar a revelar uma pessoa com quem você sonhou. Ele foi escrito por minha tia tataravô Delia. Eu viro as páginas até que encontro o feitiço, e noto bem na hora que alguns ingredientes estão cobertos por gotas de cera. Eu tento raspá-los, mas não funciona. Eu teria que montar as peças o melhor que eu pudesse.

Tiro os poços itens de beleza que tenho da frente do espelho redondo que há em minha penteadeira - um batom cor de pele, uma sombra para olhos, um tubo de *glitter* (um troço que minha mãe me deu há dois natais). Coloco o espelho deitado no chão e destampo a tampa de um pote de tinta preta.

Meu reflexo, enquanto eu olho no espelho, lembra-me o da vovó. Tiro o cabelo de meu rosto em um movimento de pêndulo e noto pela primeira vez que eu tenho seus olhos castanhos-dourados; e não é apenas a cor, mas o jeito como eles parecem profundos nas órbitas os tornam *sexy*, como Bette Davis, e como os cílios são curvados até o final.

Acendo uma vela azul grossa e a coloco em um prato dourado. Vovó costumava acender uma vela igual àquela, todas as noites antes de ir para a cama, mas só depois que eu fiz doze anos resolvi perguntar o porque de a vela ser azul. Lembro-me dela olhando para mim, seus olhos pesados, devido ao tempo, aos anos. Ela apagou a velas com um sopro e franziu a testa. Mesmo assim, ela respondeu. Uma afirmação que até hoje me faz pensar:

— Porque o azul é para pesadelos - ela diz - Para fazê-los irem embora ou para trazê-los de volta, depende de como você a usa.

— Você tem pesadelos?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Todas as noites?

Ela empurra o prato cheio de biscoitos em minha direção.

— Coma os últimos dois - ela diz - Ou eles vão ficar ruins

Concordo e pego um. Mastigo-o lentamente, imaginando se ela conseguia escutar minha mastigação, esperando que ela me conte mais, me conte para que ela usa a avelã azul, mas ela não me conta. Ela parece cansada e vazia, como se aqueles olhos pudessem explodir a qualquer momento. Vejo quando ela se deita no sofá, seu corpo todo curvado, e espero até ela dormir. Pergunto-me se a vela azul realmente ajudava ou se havia pesadelos vivos em sua mente naquele momento.

Infelizmente, eu nunca perguntei.

A chama balança três vezes depois que a acendo. E sinto um arrepio passando por meus ombros, quase como se a temperatura do quarto tivesse caído de repente. Mas, em vez disso me assustar, sinto que me conforta. Porque eu sei em meu coração que minha avó está ali, protegendo-me, guinando-me como nos velhos tempos.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Molho um pincel no pote de tinta e começo a dar pinceladas, umas ao lado da outra, do oeste para o leste, cruzando a superfície do espelho, até que todo o vidro esteja coberto da tinta preta.

— O espírito dos sonhos é eterno - eu sussurro - Ele vive dentro de minha mente

Encho uma caneca com água da pia e coloco-a no micro-ondas de Drea. O livro diz que eu devo encher um copo com chá de camomila, rotacionando o copo no sentido horário a cada gole.

Quando a água foca pronta, eu coloco o saquinho de chá dentro, deixando que as ondas de vapor quente subam até meu rosto e me encham da calma da flor de camomila.

Eu abro quatro sementes de cardamomo e agrupo o conteúdo pequenino e marrom na palma da mão.

— O espírito dos sonhos é eterno - digo, salpicando-os no chá. - Ele vive em minha alma

Reflito por um momento sobre os ingredientes perdidos e decido pôr uma colher de chá de banana amassada pela profecia e uma pitada de tomilho para me dar força e coragem. Eu adiciono esses ingredientes na caneca e mexo tudo no sentido horário com uma colher recém-lavada.

— O espírito dos sonhos é eterno. Ele vive em meu coração

Tomo um gole, me concentrando nos sabores e em sua habilidade de me dar a visão que eu preciso.

— Que o espírito dentro de meus sonhos se mostre, dentro da minha mente, minha alma e meu coração - giro a caneca em cada gole até que não reste nada, e então coloco o espelho no colo e o encaro.

— Visões das trevas. Visões da luz. Visões do dia. Visões da noite. Para o norte, sul, leste e oeste, façam com que minha visão de ti saia de seu descanso.

O feitiço diz que o rosto da pessoa com quem eu sonhei começaria a aparecer de dentro da escuridão. Olho atentamente para o espelho por vários minutos, tentando criar formas e figuras onde não há simplesmente nada. Eu olho para cada milímetro, imaginando se talvez eu deva tentar esfregar a tinta para ver se o rosto não está por baixo.

Com o dedo, limpo um pequeno círculo no centro da tinta fresca. Olho embaixo. Nada ainda. Usando as palmas das mãos, começo a esfregar a tinta preta, minhas mãos e braços ficam completamente cobertos de tinta enquanto eu luto para que o vidro fique limpo de novo.

Olho para baixo, dentro do espelho por mais um minuto, mas o único rosto que aparece é o meu mesmo. E a única pessoa que eu não consigo tirar de minha estúpida cabeça é Chad.

Toda a idéia desse negócio - de não conseguir fazer o feitiço funcionar, de me preocupar mais com os pensamentos sobre Chad num momento como esse - me faz querer jogar o espelho pela janela, quebrando o vidro todo de novo. Mas, em vez disso, em uma última e patética tentativa de ver alguma coisa, eu pego a caneca de chá e estudo o borrão lá dentro - a mistura da banana com os temperos no fundo com o saquinho de chá - agora todo sujo de minha energia negativa e impaciência. Ainda assim, espero alguns segundos, como se a mistura fosse de



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

alguma forma mudar e revelar a informação, mas parece que só ficava mais lamacenta.

Pesco uma toalha da pilha de roupa suja no chão e esfrego a tinta de minhas mãos e meus braços. Olho para o livro fr novo, tentando descobrir as palavras escondidas embaixo das gotas de ceras. Mas não adianta. Eu iria levar anos para experimentar com ingredientes diferentes e conseguir o feitiço certo, e talvez eu demorasse mais para fazer isso do que para dar certo.

Jogo o conteúdo da caneca no lixo, me jogo de volta na cama e me embolo embaixo das cobertas. As lágrimas rolam por meu rosto, molhando o travesseiro. Eu não consigo entender. Achei que vovó estava comigo, achei que ela iria me ajudar. E agora eu me sinto mais sozinha do que nunca.

Esfrego os olhos e miro meu anel de ametista. Por mais que eu odeie admitir, eu sei exatamente o que vovó diria nesse momento, o que ela sempre costumava dizer sobre feitiços quando eles não funcionavam: não é o feitiço que falha com a feiteceira, e sim a feiteceira que falha com o feitiço.

Quando coisas como essas aconteciam com ela, ela tentava voltar até a raiz do feitiço, até o motivo que a levou a conduzi-lo, em primeiro lugar. Ela tentaria descobrir o que pudesse por conta própria, lembrando a si mesma, lembrando-me, que o feitiço apenas ajuda naquilo que queremos fazer ou saber; eles não fazem por nós.

Puxo a coberta até meu queixo, perguntando-me se eu já tinha tudo o que precisava para entender o negocio todo. Se talvez eu não estava pensando o suficiente. Ou talvez se eu estava pensando demais. Olho para o relógio. Já passou um pouco das quatro, apenas uma hora antes da hora do jantar. E eu posso estar com tudo, menos com fome, mas eu sei que tinha que encarar todo mundo para ver se Drea havia dito alguma coisa, para dizer a Verônica que deveríamos bolar um plano esta noite.

E para ver Chad de novo.



23

Hora do jantar. Eu vejo Verônica perto da mesa de condimentos, ocupada tirando os pedaços de ovo de sua salada. Eu aceno, mas ela me ignora, como na noite passada, no café, quando ela fez a grande transformação de Verônica, a vilã, para Verônica, a vítima.

Eu pego o prato que esta no alto da pilha com o jantar *du jour*¹³ — fricassê de peru: cubos perfeitos de uma carne misteriosa misturados em um molho cinzento e grosso sobre uma bola grudenta de arroz. Indigerível. Troco meu prato por um sanduíche de atum embrulhado e caminho em direção á mesa dos condimentos. Verônica ainda esta ali, ocupada em tirar todos os pedacinhos diabólicos de gema das folhas de alface. Ela nota que eu me aproximo e dá um passo para trás, como se estivéssemos novamente no pré-primário e eu estivesse cheia de piolhos.

— Por que você não vem se sentar com a gente? Assim podemos conversar sobre amanhã

— Eu acho que não - ela diz, acenando com suas unhas postiças vermelhas em minha cara.

— Por que? Nós combinamos ontem que hoje iríamos bolar um plano. Amanha é o dia.

— Ah, isso. Acho que eu estava meio louca ontem. Mas, depois de conversar com meus amigos de verdade, sei exatamente quem é o perseguidor.

— Você sabe?

— Pense sobre isso. Isto aqui não é um filme de terror, é uma escola. Obviamente alguém que não gosta de mim... - ela faz uma pausa quando Drea entra - Alguém que provavelmente tem inveja de mim, que não conseguiu segurar seu macho e agora esta tentando me assustar. E isso não vai funcionar.

— Quem você pensa que...

— O que eu penso é que parece ser bem obvio quem essa pessoa é, já que supostamente ela também esta sendo perseguida.

— Você acha que Drea inventou tudo isso?

— O que mais eu deveria pensar? Ela me odeia. Odeia que eu converse com Chad. Fica com inveja sempre que eu chego perto dele.

— Espere. Isso não tem absolutamente nada a ver com o fato de Drea ter ciúmes de Chad

— Você esta brincando? - ela dá um passo em minha direção - Isso tem tudo a ver com o fato de ela ter ciúmes. Pode esperar. Um dia, muito em breve, Chad e eu estaremos juntos. O que Drea vai fazer nesse dia?

¹³ Em francês: “prato do dia”. (N.R.)



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Pare com isso, Verônica, você está falando besteira. Eu sei que não é Drea. Eu sei que ela não está inventando isso.

— Você é a melhor amiga dela. Por que eu deveria acreditar em você?

— Por que eu sei. Olha, quer você goste ou não, nós vamos te ajudar.

— Guarde isso para os filmes, Stacey. É um pouco dramático demais para o meu gosto. - ela enche a mão de guardanapos e joga um canudo em seu chá gelado

— Ah, e quando Drea estiver pronta para “vir me pegar”, diga a ela que estarei do lado dos atletas - ela se vira para o lado direito do refeitório e segue na mesma direção.

Olho para o lado esquerdo, onde eu normalmente sento. Drea, Amber e PJ já estão envolvidos em uma conversa. Eu só preciso da ajuda de Drea e Amber para convencer Verônica que nós precisamos colaborar umas com as outras. Mesmo não estando convencida de todos os detalhes da história de Verônica, eu não posso agir como se tudo fosse ficção. Eu definitivamente acho possível que ela também possa estar em perigo. E eu também acho que ajudá-la nos possibilitara ajudar Drea.

Pego umas duas folhas de guardanapo, canudos extras, caso alguém precise de um, e uma grande variedade de condimentos, desde mostarda até pimenta. Pelo menos seis pessoas vêm até a mesa de condimentos enquanto eu estou ali, arrumando tudo em filinhas em minha bandeja. Imagino que pelo menos três dessas pessoas estão comentando sobre eu ser ou não bem-vinda ali.

Mas o mais importante, imagino, era que Drea deve ter contado sobre o que aconteceu nesta manhã.

Vou até a mesa onde eles estão, minhas mãos segurando firme a bandeja.

— Oi, pessoal.

— Oi Stacey - Pj diz - E aí?

— Sem novidades - eu paro do lado de Amber e dou uma olhada em Drea, que já está olhando para o outro lado.

— Eu sei que você tem um canudinho extra, não tem? - diz Amber

— Achei que vocês iam precisar de um extra

— Eu poderia - PJ enche a mão de canudinhos e começa a assoprar a embalagem na gente

— Pare com isso, PJ! - diz Amber, tirando uma embalagem do cabelo

— E então, do que estão falando? - eu pergunto

Amber olha para Drea e eu capto uma troca de sorrisos.

— Nada importante. Só reclamando do pouco tempo que temos entre as aulas. Você sabe como é difícil ir de prédio em prédio em tão pouco tempo - Amber remexe seu fricassê de peru com seus palitinhos. - E agora eles estão construindo uma nova secretaria lá do outro lado da floresta.

— Eles pararam de construir, você quis dizer - diz Drea

— Ah é, porque nossa escola é tão pobre, eles nem conseguem terminar o que começam.

— Você tem que ficar imaginando para onde vai todo o dinheiro - digo, relaxando o suficiente para rasgar a ponta da caixinha de leite e tomar um gole.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Sabe - Amber começa -, outro dia eu tive que fazer todo o caminho entre o prédio O'Brian e o Remington porque a sala de aula do sr. Farcus não tinha aquecimento e tivemos que trocar de sala.

— Você chegou atrasada? - PJ enfia um punhado de salgadinhos em seu sanduíche de atum

— E como eu poderia não chegar? Andei quase cinco quilômetros.

— Bem, mas não foi culpa sua - digo - Os professores precisam entender que é muito difícil, principalmente quando neva. Eu não sei como eles esperam que a gente faça essas caminhadas em menos de quatro minutos.

— E o que você faz quando precisa ir ao banheiro? - diz Amber - O quê? Será que eu devo fazer xixi em minhas calças bem no meio da aula?

Enquanto Amber e Drea trocava, sorrisos eu tento decidir qual dos canudinhos de plástico serviriam melhor para furar um olho.

— Sabe o que eles precisam - diz Amber - Um desses banheiros portáteis, sabe, como aqueles dos parques de diversão? - Amber e Drea começam a rir alto.

— Qual é a graça? - Pj pergunta

— Piada interna - diz Drea

— Bem interna - diz Amber, cutucando-me com o cotovelo.

— Não acha que já é hora de compartilharmos nossas coisas internas, Amb? - Pj pergunta

— No dia de São Nunca - diz Amber. Ela se vira, coloca os braços em volta de meus ombros e me dá um beijão na bochecha com seus lábios verde-água cheios de *glitter* - Gosto de você - ela diz

— Que tal um pouco aqui também - PJ fala com a boca cheia e com um pedaço de atum pendurado em seu lábio inferior.

— Arrg, como você é nojento - diz Amber

— Eu sou o cara certo para você - diz ele, dando uma mordida gigante em seu sanduíche

— Acho que perdi meu apetite - Amber joga seus palitinhos na mesa.

— Eu também

Amber e eu olhamos uma para a outra e não conseguimos evitar uma risada — primeiro um sorrisinho tenso, depois uma risadinha e acabamos gargalhando juntas. Drea limpa a garganta e se levanta, indo para longe da mesa.

— Drea. Nós precisamos muito conversar.

— Tanto faz - ela diz.

— É serio. Eu sei que você está muito brava comigo, mas nós precisamos colocar isso de lado por enquanto e pensar em um plano para ajudar Verônica.

— Vamos lá Déia - diz Amber, soprando a embalagem de um canudinho em sua orelha - Vamos brincar de Buffy esta noite. Eu sinto que posso matar muitos demônios.

— Drea, eu já te disse que nada aconteceu na noite passada.

— Eu sei que nada aconteceu - diz Drea - Você não faz esse tipo.

— O que isso quer dizer?

— Nós costumávamos sair, lembra?

— Opa, isso é novidade para mim - diz PJ - Vocês duas costumavam sair? - Ele aponta o dedo para mim e para Drea, sem parar.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Não, estúpido - diz Amber, jogando um cubo de peru nele - Chad e Drea.

— Ah

Drea dá a volta e se senta á mesa.

— Por que ele iria querer você se tem a mim?

— Drea, não vamos entrar nesse assunto. Obviamente você ainda está chateada - olho para Amber, esperando que ela me ajude, mas ela decide ficar neutra como um queijo suíço, mantendo-se ocupada em tentar deixar seus palitinhos em pé dentro da gosma de fricassê de peru.

— Pense nisso - diz Drea - Ele volta e termina comigo por três anos e então decide do nada que vai mudar seu gosto completamente e vai atrás de você? Isso não é possível.

— Eu não sei - digo - talvez ele apenas pense que você é uma vagabunda.

— Miau - PJ diz.

Foi mais um belo ruído. Eu odeio falar com ela desse jeito. Eu odeio ter um cara entre a gente. Não vale a pena.

— Por que não perguntamos para ele? - diz Drea - Ei, Chad!

Ela se estica na cadeira e acena para ele.

— Estou feliz de ver que vocês já estão se falando - diz ele, parando bem atrás de mim.

— Alguém poderia, por favor, me dizer o que esta rolando? - PJ massageia suas têmporas.

— Chad - Drea começa - Stacey quer saber se você acha que eu sou uma vagabunda. Você acha?

Posso sentir minhas bochechas enrubescerem, uma combinação inflamável de raiva e tristeza.

Chad olha para mim, suas sobrancelhas arqueando-se.

— Foi isso que você falou para ela?

— Não

— Vou voltar para o quarto - Drea se levanta da mesa

— Não, Drea. Não vá sozinha. Além do mais, ainda precisamos conversar. Nós precisamos falar sobre amanhã. Se não pela Verônica, pelo menos por você.

Drea para um momento, talvez digerindo a idéia, seu orgulho lutando com o bom senso. Eu sei que ela quer ajudar no plano. Mas eu também sei que ela esta magoada e brava do que jamais vi.

— Verônica? - Chad pergunta

— Trabalho em grupo - Amber deixou claro

Chad ainda parece confuso, mas não questiona.

— Vamos lá, o que? Pelo que entendi, Chad, você pode ficar com ela. Mas estou avisando-lhe, é melhor você tomar cuidado. Ela molha a cama.

Meu coração cai no chão e se parte em um milhão de pedaços. Será que isso esta acontecendo mesmo?

— Drea! - Amber grita

— O que? Era engraçado há alguns minutos atrás - Drea olha para Chad - Pergunte para ela



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

PJ deixa escapar uma engasgada, lançando uma embalagem de canudinho pelos ares.

— Isso é ridículo - Chad diz - Drea, eu não sei do que você esta falando, mas pare com isso. Ouça o que você esta dizendo.

— Pergunte para ela. O que eu gostaria muito de saber é se ela molhou a cama antes ou depois que você saiu hoje de manhã.

A mesa fica em silencio por segundos, praticamente como se fosse uma prova oral, a pergunta pairando sobre minha cabeça.

— Do que você está falando? - Chad diz, finalmente. Ele olha para Drea e para mim — Do que ela está falando?

— Babaca - diz Amber para Drea, me defendendo - Não acredito que você falou uma coisa dessas.

Eu também não acredito. Parecia que eu havia voltado para o tempo da pré-escola com todos os valentões do *playground*, tudo de novo. Minha mandíbula doía de tanto que apertei meus dentes. Eu não agüento ficar nem mais um minuto ali. Levanto da mesa e saio andando, agradecida por ninguém ter decidido me seguir.



24

Após duas longas horas, Chad me encontra na biblioteca, e então eu me escondo em uma das cabines de estudo, lá no fundão, tentando ignorar mentalmente todos os gases daqueles livros decrépitos.

— Acho que derrotei Amber - ele puxa uma cadeira da cabine de trás e senta.

— Amber?

— Ela também está procurando por você.

— Ah - digo, sem levantar a cabeça.

— Procuramos por todos os lugares, O que você está fazendo?

— Estudando - mostro para ele a capa do livro de francês - um grupo de adolescentes comendo sanduíches na baguete em um parque - mas me concentro no boxe amarelo de dicas gramaticais no meio da página, meu ponto de foco. - Madame La Soneca vai deixar eu refazer a prova em que eu caí no sono.

— Você quer ajuda?

— Não precisa.

— Você pode pelo menos olhar para mim?

Reviro os olhos de um jeito que posso ver a lateral de seu rosto.

— OK.

— Estou tentando ser seu amigo - diz ele.

— Sim, bom, eu já tive amigos o suficiente por um dia.

— É isso mesmo o que você quer dizer?

Não. Mas é claro. Eu não disse isso. Mantenho meus dedos ocupados dobrando os cantos das páginas do livro, esperando que meu silêncio diga tudo por mim.

— Olhe - diz ele. - Eu não sei o que aconteceu exatamente, mas se você quiser conversar sobre, eu vou ouvir.

Duvido que algum dia eu queria discutir minha incontinência urinária com Chad, mas agradeço a oferta.

— Você deve pensar que sou algum tipo de maluca.

— Na verdade eu acho que você é bem especial.

— Por quê?

— Por quê?

Concordo, rindo mentalmente de como pareci patética. É que eu não conseguia parar de pensar no que Drea havia dito - sobre como ela e eu éramos totalmente diferentes. Quer dizer, porque Chad se interessaria por alguém como eu depois de namorar alguém como ela - sem mencionar o segredinho que ela tinha acabado de arrotar na frente de todo mundo.

— Porque você não é como as outras garotas.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Uma explicação fraca. Acho que ele percebe minha vergonha e por causa disso se aventura a tocar meu antebraço.

— Quero dizer, você é mais real - ele continua. - É difícil explicar, mas quando estou com você eu não me sinto como se estivesse sendo alguém que eu não sou. Eu posso ser eu mesmo.

Ele sorri e aperta meu braço. O momento está cheio de uma doçura esquisita, como se um de nós devesse dizer alguma coisa para quebrá-la. E então Amber apareceu.

— Este momento merecia uma fotografia - ela canta e tira uma foto da gente com sua câmera invisível.

— De onde você saiu? - digo, tirando meu braço da mão de Chad.

— Está brincando? Eu estou em toda parte - ela chicoteia uma onda invisível de calor na testa. - Nunca pensei em procurar você na biblioteca. Você esteve aqui todo esse tempo? Não sei como sua pele não ficou amarelada. Olha o que o estudo fez com você! Isolou você do reato da civilização - ela aponta para os meus livros, como se fossem diabólicos.

— Um pequeno rompimento com a civilização vai fazer bem essa noite.

— Não tem conversa - ela diz. - Temos um problema maior para resolver.

— Acho que essa foi minha deixa - Chad diz e vira-se para mim. - Converso com você depois.

Concordo meio que querendo que ele fique, mas sabendo que ele não pode. Drea, Amber e eu precisamos trabalhar em um plano para amanhã.

— Até mais tarde - diz Amber, dando tchauzinho com uma esquisita dança de hula-hula. E assim ele some, ela agarra meu braço.

— O que foi aquilo?

— O quê? - digo sorrindo. - Não é nada.

— Vocês dois estavam muita aconchegados para não ser nada.

— Eu deveria estar brava com você.

— Ah, sim - ela diz. - Por causa da piada. Olhe, desculpe-me, ta? Não é todo dia que uma de nossas melhores amigas se mija toda enquanto está trancada com um cara de que ela gosta. Tem motivo melhor para piadinhas? Diga-me se não ia fazer o mesmo.

— Eu não estava trancada com ele.

— Tanto faz. Mas não é muito educado sabe. Só umas gemidinhas teriam dado conta do recado.

— Você não sabe do que está falando.

— Ei, não se esforce tanto. Eu realmente deveria te dar um prêmio pela coragem. Acho que eu teria me mandado para a Sibéria se algo do tipo tivesse acontecido comigo. E você só veio até a biblioteca.

— Obrigada - digo, desistindo de explicar mais qualquer coisa.

— Então, estamos de bem?

— Acho que sim.

Amber me aperta como se eu fosse sua boneca favorita e então me empurra.

— Mas me fale, qual é o lance com o xixi?

— Isso tem acontecido desde que começaram os pesadelos.

— Bizarro



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

—Acredite, não ando muito orgulhosa de mim mesma.

— Você já procurou um médico?

— Seria muito humilhante. Mas eu procurei na internet. Parece que esse tipo de coisa é muito comum para quem tem uma bexiga pequena.

— E você tem?

— Não. O que me leva acreditar que é alguma doença, de um modo estranho, o fato de eu fazer xixi na cama quer dizer que meu corpo está tentando me contar alguma coisa.

— E o que ele está tentando contar?

— Eu sei tanto quanto você.

— Que estranho - ela tapou a boca com uma mão e cruzou as pernas.

— Eu sei.

Não é todo dia que sua melhor amiga te faz sentir como uma personagem bizarra saída de algum romance de Stephen King : Stacey Brown, adolescente durante o dia, psicopata molhadora de cama à noite. Claro que, eu suponho, não é todo dia que você encontra sua melhor amiga na cama com seu ex. Eu fico lembrando desta última por todo o caminho da entrada, passando pelo corredor e até entrar no quarto.

Drea está esparramada na cama, uma mão segurando uma barra de chocolate encostada no lábio inferior, a outra escrevendo em seu diário. Ela dá uma mordida e mastiga enquanto pensa, riscando suas últimas palavras e tentando agir como se eu não fosse importante o suficiente para incomodá-la. A visão de sua aparente calminha me faz querer arrancar a caneta de sua mão e riscar toda a sua cara. Eu cerro os dentes, ouvindo uma voz repetindo em minha mente: Stacey molha a cama. Stacey molha a cama.

— Oi Amber - ela diz, sem levantar a cabeça.

— Ei - diz Amber envergonhada por minha causa. Ela se joga na cama e depois de alguns segundos fala. - Você trocou os lençóis, né?

Idiota

— Como vamos planejar alguma coisa se Verônica não está aqui? - Amber pergunta.

— Eu já a chamei. - diz Drea. - Ela não vem.

— O que você quer dizer com não vem? - Amber pergunta.

— Quero dizer que ela quer que a deixemos em paz. Ela acha que eu estou por trás de todo esse lance de perseguidor.

— Não se muda de idéia desse jeito, tão simplesmente - diz Amber.

— Isso se chama ser mulher - diz Drea. - Nós temos a prerrogativa.

— Então precisamos ir até lá. Nós temos que convencê-la.

— Stacey tem razão - comenta Amber.

— Tudo bem - diz Drea. Ela tampa a caneta, se levanta e coloca o chocolate no bolso, junto à garrafa de proteção. - Mas sinceramente, eu acho que estamos sozinhas nessa.



25

Depois de alguns minutos batendo na porta e aguardando sermos atendidas, Verônica finalmente abre a porta.

— Não deu para vocês perceberem? - ela pergunta, cerrando os dentes.

— Na verdade, não, metidona - diz Amber, abrindo caminho para dentro do quarto.

— Dá licença? - Verônica diz.

— Pode passar - Amber age como se estivesse em casa, esparramando-se em uma cadeira fúcsia e rosa - Não é a cadeirinha mais linda?

O quarto de Verônica é todo rosado, parece que saiu direto da casa dos sonhos da *Barbie*.

— Eu já falei para vocês - Verônica diz - Estou muito velha para ficar brincando de *Nancy Drew*.

— Dane-se *Nancy Drew* - resmunga Amber, dando uma olhadinha pelo telescópio perto da janela. - Eu estava pensando mais em *As Panteras*.

— Bem, você veio ao lugar errado - Verônica mantém uma das mãos na porta, esperando que a gente saia.

— Olhe Verônica - Drea começa -, esse também não é meu ideal de diversão, mas nós precisamos ajudar umas às outras. Você mesma disse isso.

— Eu já disse um monte de coisas estúpidas em minha vida.

— Disso ninguém duvida.

Verônica bate a porta.

— Eu já disse que não tenho mais nada a ver com isso tudo.

— Olhe, Verônica - digo - eu sei que você pensa que tudo isso é uma brincadeira, mas e se não for? Na acha que você precisa tomar todas as precauções possíveis? Quer dizer, o cara disse que vira atrás de você amanhã. Mas Verônica não responde. Ela só fica ali parada, ereta, com os olhos voltados para o teto.

— Espere - diz Drea - O que é isso?

Ela dá uns dois passos na direção do guarda-roupa de Verônica, seus olhos fixos em um pedaço de tecido branco grudado do lado de fora da caixinha de jóias.

— O que? - Verônica pergunta.

Drea aperta o enfeite cortado entre seus dedos.

— Este é meu lenço - ela puxa da caixa o resto do tecido, que revela o D bordado no pano, sua inicial - O que isso está fazendo aqui?

Drea tenta tirar o lenço da caixa, mas ela esta trancada.

— O que você acha que está fazendo aqui? - Verônica puxa a chave que esta em uma corrente em seu pescoço e destranca a caixa - Você me deu. Estava



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

enfiado em minha caixa de correio. - Ela balança o lenço embaixo do nariz de Drea.

— E por que eu faria isso? - Drea arranca o lenço da mão de Verônica e passa os dedos sobre as iniciais bordadas nele, D.O.E.S.

— Espere - digo, pegando o lencinho - Este é o mesmo lenço que estava no meio da lavadora quando eu estava lavando minha roupa, quando ela foi roubada.

— A roupa suja foi roubada? - Drea pergunta.

— Sim. E falando nisso, o perseguidor está com seu sutiã rosa.

— Obrigado por essa imagem. — diz Amber.

— A questão é, Verônica, seja quem for que roubou nossa roupa suja, é a mesma pessoa que te deu isso - digo - E mais, mesmo que tenha sido Drea, porque ela ficaria enfiando suas próprias coisas nas caixas de correio dos outros? Ela simplesmente lhe entregaria.

— Para falar a verdade - Verônica diz -, eu não faço a menor idéia de qual é a lógica dela. Mas não quero participar disso.

Drea pega de volta o lencinho e esfrega o tecido em sua mão.

— Minha mãe me deu isso em meu décimo aniversário. Eu nunca o daria para ninguém.

— Porque eu devo acreditar em qualquer coisa que você diga?

— Porque, quer você goste ou não, Verônica, há uma grande chance de algo acontecer amanhã - digo.

— E vai acontecer hoje se vocês não saírem daqui - Verônica arranca o lencinho da mão de Drea.

— Devolva, agora! - Drea tenta pegar o lencinho de volta, mas Verônica é mais rápida. Ela tranca o lencinho de volta na caixa de jóias.

— Não vou embora até você me devolver - diz Drea.

— Vai, sim, você vai, sim - Verônica olha ameaçadoramente para nós - Porque tudo o que tenho que fazer é mostrar isso para a policia do campus, junto a todos os bilhetes que você me mandou e fazer você ser expulsa da escola.

— Podemos ver os bilhetes? - eu pergunto - Para comparar com os que Drea recebeu.

— Você pode ver a porta - Verônica diz.

— Você não chamaria a policia do campus para nós - diz Drea - Chamaria? Verônica dá um passo à frente, ficando cara a cara com Drea.

— É melhor parar de me encher o saco, Drea Olívia Eleanor Sutton, ou eu vou.



26

A pesar da vontade de Verônica de permanecer sozinha, Drea, Amber e eu não estamos dispostas a correr nenhum risco. Concordamos que pelo menos uma de nós deve ficar com ela o dia todo amanhã. Drea ficaria com ela durante os três primeiros períodos, Amber e eu durante o quarto e o quinto, e então seríamos somente eu e Ronnie por dois dramáticos períodos, até que o sinal tocasse.

Depois das aulas ficou um pouco mais difícil. Acabamos seguindo-a até o Enforcado, onde ela se senta à mesa de costume com Donna, bebericando expressos duplos e fazendo a lição de casa.

— Isso é tão idota - Amber toma um gole gigante de café com leite, ficando com um bigode de creme acima do lábio. - Pelo menos estamos fazendo a coisa certa.

Dou uma olhada para Drea, que se posiciona sempre o mais longe possível de mim.

— Drea, você quer alguma coisa?

— Não - ela pega um guardanapo e começa a rasgá-lo em tiras.

— Não podemos deixar isso para lá - digo - pelo menos neste momento? Ou você esqueceu que já me humilhou completamente no refeitório?

— Estou aqui pelo bem de Verônica e pelo meu - diz ela. - Só isso.

— Bom, eu também estou aqui por seu bem, caso você tenha se esquecido - olho para a mesa de Verônica. Ela está guardando as coisas e colocando o casaco.

— Elas estão indo embora - diz Amber.

— Então, também estamos.

Seguimos Verônica até a lanchonete, sentamos por duas horas na biblioteca enquanto ela estuda com seu grupo, e então a seguimos até seu quarto, onde sentamos do lado de fora, no corredor.

— Não acredito que estamos fazendo isso - diz Drea, tirando um cacho de cabelo do rosto.

— Uma de nós realmente deveria ficar lá com ela - eu ando pelo corredor, recebendo olhares esquisitos das garotas do mesmo andar.

— Ela nunca vai nos deixar entrar - diz Drea - Provavelmente estamos perdendo nosso tempo. Tudo isso deve ser uma piada imensa. Não faz sentido alguém enfiar meu lencinho na caixa de correio dela.

Progresso. Agora ela está falando comigo.

— Talvez ela estivesse mentindo - diz Amber.

— Eu voto nessa possibilidade. Ela, definitivamente, está mentindo.

— Que horas são? - Amber choraminga. - Isso é tortura.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Só temos mais algumas horas até dar meia-noite - digo olhando no relógio.

— Eu preferia morrer - diz Drea.

— Bela escolha de palavras - Amber para na frente da porta de Verônica e começa a bater. - Estou com fome.

— Você está brincando? - diz Drea. - Ela vai fazer com que sejamos presas.

— Valeria a penas. Eu preciso comer.

Verônica aparece na porta vestida como uma versão vomitada de seu quarto: uma blusa rosa brilhante que combina com seu short e uma camisa xadrez rosa.

— Disseram-me que vocês estavam aqui fora.

— Quem disse? - Amber pergunta.

— Todo mundo que mora neste andar.

— Sua companheira de quarto não está aí com você, Verônica? - tento espionar dentro do quarto.

— Não que isso seja da sua conta, mas Donna tem um encontro esta noite. Vocês sabem o que é um encontro não sabem?

— Que bela amiga - diz Amber. - Ela não podia pelo menos ter esperado até amanhã? Ele não vai congela você amanhã.

— Para sua informação, eu também vou sair.

— O quê? - Drea se levanta. - Você não pode sair.

— Não sem a gente, de jeito nenhum - Amber coloca as mãos na cintura, para bloquear a passagem de Verônica.

— Vocês não vão estragar minha noite. É melhor sumirem daqui quando eu estiver pronta para sair ou vou chamar a polícia do campus - e ela demonstra sua gratidão com uma bela batida de porta.

— Esquecemos de perguntar de nosso lanchinho - Amber choraminga. - Vou dar uma corridinha até a máquina de salgadinhos. Vocês querem alguma coisa?

Drea e eu balançamos a cabeça, e Amber se atressa corredor abaixo, as patinhas de sua mochila em forma de ursinho batendo contra seus ombros e cintura.

E agora estamos eu e Drea. Sozinhas.

Vários minutos desconfortáveis se passam. Eu continuo para lá e para cá pelo corredor, esperando a volta de Amber. Eu até calculei toda a viagem até a máquina em minha cabeça. Dois minutos andamos até lá, três para escolher o salgadinho e mais dois para voltar para cá.

Mas por sorte, Drea quebra o silêncio doloroso.

— Você não acha que Verônica vai mesmo chamar a polícia do campus por nossa causa, acha? Ela poderia jogar toda a culpa em mim, não poderia?

— Por causa de um lencinho? Por favor. Acho que isso faria com que ela parecesse mais culpada ainda. Eu e Amber somos suas testemunhas. Sabemos que não foi você. Além do mais, ela colou na prova de francês e nós sabemos disso. E o castigo é a expulsão.

Drea concorda para se sentir mais segura.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Sinto-me aliviada por ela estar conversando comigo de novo, apesar da situação.

— Como você acha que ela ficou sabendo seus sobrenomes?

Ela para de morder as unhas e realmente pensa na pergunta.

— Eu não sei. Mas eu também não sei por que ela acha que sou eu. Quer dizer, eu não estaria seguindo ela o dia todo só para ter certeza de que nada aconteça com ela se eu quisesse machuca - lá

Isso é verdade.

— Você acha que ela vai mesmo sair? - eu perguntei.

— Eu nem sei mais o que pensar de Verônica - diz ela.

Passamos os próximos minutos andando de um lado para o outro e memorizando os padrões do tapetinho cinza, o tipo que nunca parece a cor. Olhando para o teto, para os calombos do tamanho de pipocas. Esperando a porta abrir, esperando Amber volta.

Drea olha no relógio.

— Já faz uma hora. Onde diabos está Amber?

— Talvez uma de nós deva checar - mas assim que as palavras saíram de minha boca, Amber irrompe pela entrada do corredor, com balinhas e salgadinhos nas mãos.

— Por que demorou tanto? - pergunto.

— Eu não conseguia decidir. E quando eu decidi, eu não tinha dinheiro. Então, tive que volta correndo para o quarto, procurar toda a grana que estivesse em todas as minhas jaquetas, e foi quando meu pai me ligou e eu tive que falar com ele... balinhas?

— Não, obrigada - digo, virando as costas para ela.

Amber encosta o ouvido na porta de Verônica, enchendo a boca de salgadinhos.

— O que eu perdi?

— Nada - diz Drea. - Ela nem tentou sair.

— Ela olha para Amber e para mim, seus lábios se abrem e tremem.

— Talvez ela tenha caído no sono com o walkman - diz Amber.

— Ou talvez ela não esteja aí - eu repito.

— Só tem um jeito de descobrir. Posso tentar arrombar a fechadura.

— Você sabe como? - perguntei.

— Desde quando? - Amber faz uma pausa em sua mastigação.

Drea tira sua carteirinha da escola do plástico. Ela a enfia entre a porta e o batente e a movimenta para frente e para trás.

— O que você acha que está fazendo? - diz uma voz atrás de nós.

Viramos e damos de cara com Becky Allston, a aluna prodígio em pessoa, parada bem atrás de nós. Ela franze os lábios e estica o pescoço para ver o que estamos fazendo.

— Ah, está tudo bem - diz Amber. - Eu me tranquei para fora. Minha amiga aqui está me ajudando a abrir a porta.

Drea finge um sorriso e fica na frente da maçaneta, como se isso fosse fazer alguma diferença.

— Mas este não é seu quarto - Becky diz.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Uma garota espertinha.

— Eu me mudei pra cá hoje - diz Amber. - Você não vai me dar boas-vindas ao seu andar? - Amber estica o saco de salgadinhos para Becky, como se estivesse oferecendo.

— Não, mas eu vou chamar a polícia do campus.

— Vá em frente. Eles vão confirmar.

Becky se vira, volta para o seu quarto e bate a porta.

— Merda - diz Amber com a boca cheia. - Temos que vazar. Além do mais, já passou das onze.

— Não! - Drea se vira e continua mexendo na fechadura. Ela vira o pulso para a direita e para a esquerda, esfregando o cartão. - Eu estou quase conseguindo. - Click. - Estamos dentro.

Escancaramos a porta e aconteceu o que suspeitávamos. Verônica tinha saído. Mas ela havia deixado duas malas rosas no chão.

— Então, você estava me contando que ela saiu pela janela - diz Drea, - Com está são três histórias.

— Para isso servem as saídas de incêndio - diz Amber, fechando a porta e trancando. - Acreditem em mim.

— Mas o que significam estas malas? - pergunto, dando uma olhada nelas. Levanto-as para sentir o peso.

— Vai ver ela estava planejando ir para casa até tudo isso acabe - diz Drea.

— Então porque ela nos diria que acha que tudo isso é uma farsa?

— Algo está muito errado - diz Amber.

Procuramos por alguma pista de para onde ela poderia ter ido, mas seu planejamento diário estava limpo e seus livros estavam empilhados em cima da mesa.

— Ela pode ter ido para qualquer lugar - diz Drea, tentando abrir a fechadura da caixinha de jóias com a ponta de uma caneta.

— Grampos funcionam melhor. - diz Amber, puxando um de trás da orelha. - Você não é a única com talentos secretos.

Procuo em cima da mesa de Verônica, vasculho entre lembretes escritos em papéis cor-de-rosa, lencinhos cor-de-rosa usados e papéis de bala de morango. Tudo parece bastante normal, o que me faz sentir que estamos perdendo tempo, como se devêssemos procurar lá fora em vez de ficar aqui revirando o nada.

— Ei garotas, vejam isso - Drea conseguiu abrir a caixinha de jóias. Com o lencinho na mão, ela puxa um dos bilhetes, escrito com a mesma letra na mão, ela puxa um dos bilhetes, escrito com a mesma letra de forma vermelha de todos os outros bilhetes: CUIDE DE SUA VIDA;

— O que isso significa? - Drea pergunta.

— Pode significar um monte de coisas. Alguém mandou isso para Verônica como um aviso, talvez ele saiba que vocês estiveram comparando os bilhetes do perseguidor, ou Verônica escreveu ela mesma e está guardando.

— Isso não faz sentido - diz Amber. - Ela não guardaria seus próprios bilhetes. Ela teria se livrado disso.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— A não ser que ela tenha sido interrompida e tivesse que escondê-lo bem rápido - diz Drea.

— Eu não sei - digo. - Mas se alguém mandou isso para ela, nós temos que encontrá-la... e bem rápido.

Amber senta-se na mesa de computador de Verônica enquanto eu reviro o lixo, encontrado pelo menos uma dúzia de bolas de papel no chão. Olho cada uma, tentando encontrar alguma pista de para onde ela pode ter ido.

— Ei, chicas, dêem uma olhada nisso - Amber havia entrado no e-mail de Verônica. - Tem uma mensagem do Chad.

Drea e eu nos juntamos a Amber na frente do computador.

Pó que Chad mandaria um e-mail para verônica? - o maxilar de Drea endurece.

— Vai ver ele queria dar boa noite antes de dormir - Amber sorri na direção de Drea.

Lemos a mensagem em silêncio.

“Querida Verônica”, começava desse jeito. “Ontem, depois da aula, eu estava na sala de madame Lenore e notei as folhas de cola na sua mesa onde você estava sentada. Eu tenho certeza de que era a sua letra. Tentei fazer um favor para você jogando-as fora, mas quando eu as peguei, ela voltou para a sala. Eu não queria que ela me visse com aquelas folhas na mão, então eu as escondi no lugar mais próximo, nas bordas da lousa. Eu sei que logo de manhã a madame estará lá. Se eu fosse você, iria lá pegar esta noite. A janela da sala 104 está sempre aberta. Boa sorte. Chad.”

— Por que Chad quer ajudá-la? - Drea pergunta.

— Eu não sei - digo. - Mas aposto que é onde ela está - toco meu cristal dévico e fecho os olhos. Posso visualizá-la, andando pelo corredor principal, seus passos fazendo ruídos sobre o chão de linóleo verde e branco. - Vamos para lá!

— Esperem - diz Drea. - Isso não faz sentido. Não há nenhuma janela aberta na sala 104.

— Chad tem razão - diz Amber. - A segurança do campus nunca as fecha.

— Como é que você sabe?

— Eu costumava sair com um dos seguranças do campus, lembra?

— Não temos tempo para isso - digo. - É lá que ela está. Vamos logo!

Deixamos o quarto todo bagunçado, saímos porta afora e percorremos todo o caminho através do campo de futebol cheio de lama quase na mais completa escuridão. Não falamos nada umas com as outras, então eu não tinha a menos idéia do que estavam pensando. Só sabia que em meu coração havia um sentimento de medo, e em minha barriga, uma vontade de vomitar.

A sala 104 do Edifício Vreian está bem em nossa frente, a janela aberta pela metade, assim como dizia no e-mail de Chad.

— Por que não trouxemos uma lanterna? - Drea pergunta.

— Eu tenho uma - Amber puxa uma minilanterna da mochila. Ela a entrega para mim. - Eu nunca saio sozinha sem isso aí.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Aponto a luz para a sala de aula, mas pelo que posso ver - as lousas, fileiras de carteiras, livros debaixo das carteiras - nada parece fora do normal.

— Eu me recuso a entrar aí - diz Drea.

— Por quê? - Amber pergunta.

— Por quê? Você está louca? Como eu vou saber se isso não é algum truque? Como vou saber que vocês não estão participando disso?

— Do que você está falando? - pergunto.

Ela balança a cabeça e tenciona os lábios.

— Drea - digo. - Você precisa vir. Não vamos lhe deixar aqui sozinha.

Ela apenas balança a cabeça aspirando e soltando enormes quantidades de ar, sem olhar para nós.

— Drea?

Ela pisca com força algumas vezes, como se não conseguisse enxergar. Sua respiração fica mais rápida, mais urgente. Ela coloca as mãos em volta do pescoço e começa a hiperventilar.

— Não consigo respirar - ela assopra. Seu corpo balança para frente e para trás. Seus pés batem. - Não consigo...

Mas antes que eu tivesse a chance de segurá-la, ela desmorona como uma caixa de papelão vazia.

Abaixo-me ao seu lado.

— Amber, você está com o celular? - coloco a mochila embaixo dos tornozelos de Drea, mas Amber a puxa de volta. - Amber, precisamos chamar a polícia do campus.

— Nós não devíamos estar aqui. Ela vai ficar bem, ela já fez isso antes. Dê a ela alguns minutos.

Amber ajoelha e coloca a mão na testa de Drea, como se estivesse medindo sua temperatura.

— Ela não está com febre, dê-me seu telefone. Agora!

Amber finalmente pega o telefone e o joga para mim. Eu tento discar, mas nada acontece. Olho para a tela do telefone.

— Tá sem bateria. Você precisa procurar ajuda. Eu fico aqui.

Amber olha para Drea, que engasga com o ar; seus lábios secos e brancos. Seus olhos fechado. Ela se levanta e sai correndo para o campus.

Levanto a cabeça de Drea e a apoio em meu colo, tentando lembrar se eu sei fazer respiração boca a boca.

— A ajuda está chegando, Drea. Agüente firme.

Drea tenta assoprar algumas palavras, mas elas não saem claras.

— Shhh... não tente falar - limpo as gotas de suor de sua testa e noto que ela está gelada e tremendo. Olho na direção da estrada. Donovan está vindo correndo em minha direção. Amber o segue e depois vem Chad.

— O que aconteceu? - Donovan deixa seu caderno cair ao chão, arranca a jaqueta e coloca debaixo da cabeça de Drea.

— Amber, você não encontrou a polícia do campus?

— Encontrei Donovan primeiro.

— O que aconteceu? - Donovan repetiu.

— Não sei. Ela só começou a hiperventilar.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Vou buscar ajuda - Chad volta correndo para a estrada.

O rosto de Donovan está cheio de suor e urgência. Ele abre a blusa de Drea no pescoço. E coloca a mão sobre seu coração.

— Vamos lá, Drea - diz ele. - Tente controlar sua respiração. Não entre em pânico. Respire fundo e solte devagar.

Eu sabia que Drea estava ouvindo a voz dele, e confiava que ele pudesse ajudá-la a melhorar.

— Você ainda está enchendo seus pulmões com muito ar - Donovan segura a mão suada dela. - Tente pensar em respirar com seu peito, para dentro e para fora. Sem pânico. Enquanto você estiver respirando, vai estar bem.

Donovan leva vários minutos para acalmar a respiração de Drea. Ele arranca sua blusa, ficando apenas com uma camiseta fina, e a cobre com ela.

— Está tudo bem - ele sussurra, jogando o cabelo para trás. - Você vai ficar bem, tente não falar.

— A ambulância já está a caminho - Chad corre em nossa direção com um policial do campus.

— Ela já está bem melhor - Donovan coloca um braço sob o pescoço de Drea e o outro embaixo de suas costas para ajudá-la a se sentar. - ela teve um ataque de pânico. Eu também costumava tê-los.

— O que você estava fazendo aqui fora? - eu pergunto.

— Estava desenhando - Donovan olha para o céu. - Quando foi a última vez que você viu um céu como o desta noite?

Olho para cima, notando a formação das estrelas, o jeito como a lua brilhava, ainda no quarto crescente, contra o céu negro como tinta.

— A melhor vista é dos bancos perto do gramado, olhando para o norte - Donovan continua. - Não tem nenhum prédio no caminho. Ele se vira para Chad. De onde você veio?

— Eu estava dando uma caminhada pelo campus. Eu vi vocês correndo e imaginei que havia alguma coisa errada.

— Normalmente eu daria uma advertência por vocês estarem fora durante o toque de recolher - o policial diz. - Mas por consideração, acho que posso aliviar a barra de um herói e seu amigo.

Não tenho certeza de que Donovan o ouve. Ele está completamente concentrado em Drea, certificando-se de que ela está respirando normalmente, que seu cabelo não esteja em seu rosto e que suas mãos não se sujem no chão.

— A ambulância chegou.

— Você vai ficar bem, Drea - Donovan sorri e esfrega suas costas.

— Não vá embora, Donovan... Por favor - ela fecha as mãos ao redor de seu braço, como se fosse um porto e ele estivesse ficando enquanto ela parte para alto mar. Uma dupla de médicos se aproxima dela com uma maca, mas ela se recusa a olhar para eles até que Donovan fique com ela.

E, de repente, eu já não sei mais se tudo isso é realidade ou se havíamos seido sugados para dentro de um episódio de “Inalação”.

Os médicos fazendo com que todos saiam do caminho. Donovan dá um passo para trás, mas continua segurando a mão de Drea enquanto ela é colocada na maca.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Acho que podemos ir na ambulância também - diz Amber.

Ando ao lado dela, como se eu fosse me juntar a eles, sempre mantendo o olhar no policial enquanto ele entra na viatura.

— Não - eu sussurro. - Você vai. Uma de nós tem que ficar com ela. Eu preciso ficar aqui e terminar de investigar.

— Você tá louca? - Amber sussurra. - Não vai ficar sozinha.

Olho para Chad, parado atrás da ambulância, olhando para Drea.

— Não estou sozinha.

Amber olha para ele.

— Você tem certeza?

Concordo meio insegura.

— É melhor você ir.

Amber hesita mais um pouco antes de entrar na ambulância com Donavan e Drea

Assisto enquanto todos se afastam. Todos, menos Chad, que agora está ao meu lado.



27

Foi só depois que a ambulância acelerou que notei que Amber havia esquecido sua mochila de ursinho. Eu a pego, junto ao celular sem bateria e ao caderno de desenhos de Donovan e coloco tudo dentro da barriga do ursinho, que já está cheia dos salgadinhos de Amber.

— Por que você não foi com Drea? - Chad pergunta

— E por que você não foi? - eu respondi - É praticamente meia-noite, o que você estava fazendo aqui?

— Estava procurando por você. Fui até seu quarto. Até o Enforcado. Até a biblioteca...

— Esses lugares fecham às onze

— Sim, mas eu achei que talvez vocês estivessem voltando devagar. Qual é o problema?

Estudo seu rosto por um segundo muito longo, tentando decifrar a verdade, imaginando se eu deveria ou não mencionar o *email* que ele escreveu para Verônica - a razão pela qual estávamos ali.

— Esqueça - digo, finalmente. Pego a lanterna de Amber e vou em direção à janela

— O que você está fazendo?

— Você é um cara bem esperto; você entendeu tudo - mexo a janela até abri-la o bastante, penduro-me no batente e me arrasto de barriga para dentro da sala de aula, meu pé encontra o chão com um ruído.

Chad vem atrás de mim.

Passo pela fileira de carteiras, usando a lanterna para me guiar. Ilumino ao redor da sala, todos os cantos, procurando algo que não parecesse uma coisa da classe. Mas, deixando de lado a falta de iluminação e o vazio óbvio do lugar, ela parecia uma sala de aula como qualquer outra onde eu já havia entrado... desnecessariamente opressiva e completamente estagnada.

— O que você está fazendo? - Chad sussurra

Fiz sinal com o dedo para que ele fizesse silêncio e se aproximasse da frente da classe. Espalhadas pela lousa estão escritas as lições de trigonometria daquele dia, algo sobre 1 de m, e alguém havia esquecido seus livros de biologia embaixo de uma cadeira. Minha lanterna ilumina o interruptor perto da porta. Mas eu não queria acender as luzes, caso a polícia do campus continuasse ali por perto.

Movo-me em direção à porta e seguro a maçaneta, sentindo o sangue gelar em meu rosto. Empurro a porta com força, o que causa uma batida contra a parede e a queda de uma lata de lixo. Meu coração dá um salto de *bungee-jump* até minha barriga e volta até minha garganta antes de parar de novo em seu lugar.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Chad levanta a lata de lixo e olha para mim — seu rosto escondido no escuro.

— Você está bem? - ele coloca sua mão em meu antebraço. Foi quando a realidade realmente me atingiu, lembrando-me onde eu estou e o que estou fazendo. Puxo meu braço e piso no chão xadrez verde e branco, indo na direção da sala de francês da madame Lenore.

A lanterna iluminava uma distancia de uns dois metros e meio á minha frente. O resto era escuridão. Eu grito o nome de Verônica algumas vezes, minha voz ecoando nas paredes. Eu realmente queria que ela estivesse aqui — esperando por mim para me assustar ou pregar alguma peça, mão importa —, porque naquele momento, até mesmo com Chad, eu me sentia completamente sozinha.

Concentro-me no sinal vermelho da saída no final do corredor, bem do lado direito da sala de francês. A idéia de sair logo dali me fez continuar andando direto pelo corredor, direto para longe de Chad, se é que ele ainda estava atrás de mim.

Quando a luz da lanterna esta perto o suficiente para iluminar a porta de saída, eu paro, meus olhos grudam nas maçanetas. Não podia ser verdade. Não podia ser real. Mas era. Eu pisco pelo menos uma dúzia de vezes, mas ainda esta lá. Uma grossa corrente de metal presa entre as duas maçanetas. Se eu quisesse sair, eu teria que voltar.

Fico ali um momento, tentando decidir se valeria à pena continuar ou não. Talvez eu devesse esquecer tudo. Talvez eu devesse contar para Drea e Amber que eu havia verificado tudo, que Verônica não estava em lugar nenhum, e simplesmente virar as costas e sair dali.

Mas era muito tarde para aquilo.

Sigo meu caminho passando pela estante de troféus de Hillcrest, notando pela primeira vez que todas as portas das salas de aula estão fechadas.

Todas, exceto a sala de francês.

— Verônica? - eu chamo através da porta aberta, ainda não tão próxima para conseguir ver o que havia dentro.

Seguro a lanterna com as mãos tremendo e paro, passando a luz pela faixa de apoio aos Hillcrest Hornets, cartazes para presidente de classe e lápis caídos no chão.

— Stacey? - diz uma voz masculina. A voz de Chad. Eu tinha certeza.

— Chad? - viro-me para encontrá-lo, mas a luz fraca da lanterna não me deixa ver o suficiente - Onde você está? Não consigo lhe ver.

— Estou bem aqui.

Mas com o eco do corredor, eu não conseguia dizer se sua voz vinha de frente ou de trás de mim.

Espero vários segundos para que ele diga algo mais, mas ele não diz. Continuo me movimentando para mais perto da porta aberta da sala de francês, um par de lágrimas rola por meu rosto antes mesmo de eu entrar.

E quando eu entro, eu a encontro.

Verônica.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Esta deitada na chã, uma coleção de livros ao redor de sua cabeça, assim como o vaso de argila de madame Lenore, ainda inteiro. Havia um liquido saindo de sua cabeça, formando uma poça em formato de pera. Sacudi minha cabeça uma e outra vez, engolindo a vontade de vomitar, dizendo para mim mesma que aquele liquido era apenas água derramada do vaso ou um vazamento do teto.

Mas eu sabia que, na verdade, era sangue. Que ela estava morta. Seus olhos verdes-musgo encarando-me por que eu não havia chegado mais cedo.

Olho através dos vidros da janela, batendo contra a borda de madeira. O frio gelado de novembro filtra o ar da classe, brincando com os fios castanhos do cabelo na base de sua cabeça, agora manchados de vermelho. Cobri meu rosto com as mãos. E então a escuridão na sala se dobra e se enrola ao meu redor. E, assim, meu corpo vai ao chão.



28

 volume do telefone tocando me acorda. Eu salto para uma posição sentada. Por alguns minutos confusos eu achei que a noite passada tinha sido um pesadelo horrível. Olho para a cama vazia de Drea. Meu primeiro pensamento foi que ela devia estar na aula, que eu ignorei o despertador e perdi a primeira aula. Mas então me toco que era sábado, quatro lírios depois.

O dia de Drea morrer.

— Alô?

— Stacey, oi, sou eu, Chad. Como você está?

— Como você acha?

— Bom, como está se sentindo, pelo menos?

— Como eu disse para a polícia noite passada, estou bem. Foi mais o choque do que qualquer outra coisa.

Fecho meus olhos e tento juntar os pedaços da noite passada em minha mente. Lembro-me de ter desmaiado, de estar andando em um carro de polícia e de todas as luzes piscando. O cheiro de óleos de eucalipto e limão em meu nariz. Vozes tentando falar comigo perguntando-me se eu estou bem.

— Sim, muito bem - eu garantia

— Você quer ligar para casa? - eles perguntavam. - Você precisa de um médico?

— Não eu só quero volta para o dormitório e dormir.

Lembro-me de ter sido histérica, de chorar, e então de rir, e chorar novamente. De alguém, uma enfermeira da escola talvez, ter dito para a polícia que eu precisava de descanso. E, então, de como a polícia disse que ficaria de olho em mim e que falaria comigo pela manhã. Esta manhã. Mesmo sabendo que já passa das onze.

Mas, mais do que tudo, eu me lembro de Verônica, deitada, morta na sala de aula, seus olhos verdade me encarando, desapontados.

— Eles acham que fui eu - Chad diz. - Eles acham que eu a matei.

— Do que você está falando?

— Quando eu entrei na classe, eu vi Verônica e você, e eu sabia que você tinha desmaiado. Então tentei ajudar, mas então me ocorreu que talvez devesse ir até a janela tentar ver alguma coisa, ver quem fez aquilo. Aí a polícia chegou me viu e achou que eu estava tentando fugir. E então eles lhe viram deitada lá. E Verônica... na hora eles acharam que tinha sido eu. Eles me perguntaram o que aconteceu. Eu comecei a contar tudo, como eu vi vocês ajudando a Drea e como eu lhe segui para dentro da escola. E então eles me interromperam e leram meus direitos. Fizeram-me ligar para os meus pais.

— O que seus pais disseram?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Eles me disseram para cooperar e para contar apenas e somente o que aconteceu. E foi o que eu fiz. A polícia me interrogou por mais uma hora. Primeiro veio um cara, depois uma mulher. Depois outra mulher e em seguida mais um cara. Meus pais pegaram um vôo para cá na primeira hora. Eles estão furiosos. Até contrataram um advogado.

Acho que ouvi um leve deslize em sua voz, onde seu fôlego não conseguiu das conta das palavras.

— Preciso ir - diz ele. - Eu só queria ter certeza de que você está bem.

— Chad?

— Só me diga que você não acha que eu seja o culpado, Stacey. Eu realmente preciso que alguém acredite em mim neste momento.

Eu não digo nada na hora; só escuto sua respiração do outro lado.

— Eu acredito em você - digo, finalmente, de maneira rápida, sem saber se era verdade. Ouço um barulho de Click do outro lado do fone, - Chad? - mas ele já tinha desligado e eu não fazia a menos idéia se ele tinha ouvido ou não.

Estou quase ligando para ele de volta quando noto a mochila de ursinho de Amber no chão ao lado da minha cama. A polícia deve ter pensado que era minha. Eu a pego e abro o zíper da barriga. O caderno de desenho de Donovan está em cima de tudo. Eu o tiro de lá e coloco no bolso de minha jaqueta, perguntando-me se ele ainda está com Drea no hospital, se eu vou vê-lo por lá. Então, puxo o celular de Amber, ainda morto, e ligo o recarregador na tomada ao lado da minha cama.

Pego o telefone para ligar para Drea no hospital, mas ouço um som metálico do lado de fora da porta. Talvez seja ela. Arrasto-me para fora da cama, notando que a luz do corredor não passa pelo vão da porta - como se alguém estivesse lá parado.

Coloco o telefone de volta no lugar e levanto-me devagar, olhando as sombras negras brincando no chão perto da porta. Do centro do quarto, espero vários segundos por uma batida ou para que alguém entre. Quando nem um nem outro acontece, puxo meu taco de baseball do canto e , em um movimento rápido, abro a porta.

Assustando Amber. Ela estava escrevendo uma mensagem na lousa grudada na porta.

— Qual é seu problema? - digo. - Você me assustou.

— Um bom dia seria bom - ela diz convidando-se para entrar. - Eu acho que não preciso pergunta o que você está fazendo.

Amber fecha a porta depois entra.

— Soube o que aconteceu. Não acredito que Verônica esteja morta.

— Acredite. Porque é verdade.

— Eu sei - diz ela, passando o dedo pelo vidro da janela, apontando para o gramado. - É que isso... não deveria ter acontecido, você entende?

Alcanço meu frasco de lavanda na gaveta de feitiços, esperando que a essência de floral me ajude a acalmar o espírito.

— Eu ouvi dizer que eles vão cancelar as aulas da próxima semana - diz Amber. - Parece que vai rolar uma reunião sobre isso mais tarde, mas todo mundo quer sair no fim de semana.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Ela assiste enquanto eu passo gostas de óleo com meus dedos atrás das orelhas.

— Você está bem? Parece um pouco distraída.

— Como você acha que eu estou? Verônica Leeman esta deitada morta na minha frente há apenas algumas horas e você sente tanto remorso como uma pedicure que cortou um pedaço maior da unha do que deveria.

— Por que eu deveria sentir remorso? Eu não sinto. Que dizer, é eu me sento mal, eu posso nunca ter gostado da garota, mas eu também não queria que ela morresse.

Tampo o frasco e o jogo de volta para dentro da gaveta. Não há mesmo sentido em continuar seguindo com esse assunto nem mais um segundo com ela, porque, se eu continuar, vou acabar perdendo a paciência, e hoje, mais do que em todos os dias eu preciso me manter calma. A força surge da diligência.

— Drea passou a noite no hospital? - eu pergunto, finalmente.

— Do que você está falando? Ela não está com você?

— Por que ela deveria estar comigo?

— Eu a deixei aqui a noite passada. Depois do hospital.

— Como assim, você a deixou aqui?

— É depois que ela chamou seus pais e foi examinada, eu chamei PJ para ir nos buscar. Ele foi e a deixamos aqui.

Olho para a cama de Drea, as cobertas estão intactas.

— Não é possível. Ela não voltou para casa ontem à noite.

— Acho que eu saberia se nós a tivéssemos deixado aqui ou não.

— Nós que?

— Eu te disse. Eu e Pj.

— O que aconteceu com Donovan?

— Ele pegou um táxi de volta. Pj ficou todo nervosinho com ciúmes do Donovan, dizendo que eu estava me pendurando toda nele, p que eu não estava. E então, Donovan teve que tomar um táxi porque Pj não o quis em seu carro.

— E Drea? O que aconteceu quando você a deixou aqui?

— Bom, nós voltamos para o campus e eu falei para Pj esperar por mim no carro enquanto eu acompanhava Drea até a entrada. Eu precisava de um tempo sozinha com ele para dispensá-lo.

— Então você não acompanhou Drea realmente até aqui.

— Não.

Nossos olhos travaram. Apesar dos papéis que Amber e eu representávamos em todo este caso, nós duas sabemos o que isso significava - hoje é o dia de Drea morrer e ele já estava desaparecida.

Ouvimos uma batida na porta.

— Srta. Brown? - diz a voz feminina vinda do corredor.

Amber e eu olhamos para a porta, e então uma para a outra.

— Os tiras - Amber sussurrou. - Recuso-me a falar com eles. Não temos que falar, você sabe. Somos menores. - Ela pegou sua mochila de ursinho da minha cama e foi em direção à janela.

— Espere! - eu falo baixinho. - O que você acha que está fazendo?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Saindo. Se você for esperta vai fazer o mesmo. - Amber abriu o vidro e esticou uma das pernas para fora da janela.

— Você está louca? - eu agarro seu braço. - Você não pode sair agora. Você precisa contar para eles o que aconteceu na noite passada. O que aconteceu com Drea. Lembra? Drea?

— Não posso. Falar com a policia me deixa maluca. Eles fazem eu me sentir culpada.

— Não se você for inocente.

Ela olha para fora.

— Ligue-me assim que eles forem embora. Não se preocupe, Stacey. Nós vamos chegar ao fundo disso.

Com isso, ela passa a outra perna por cima da borda da janela e corre pelo gramado, em direção à floresta.



29

Atravesso a porta aberta para encontrar uma pequena mulher, de aparência frágil, parada em minha frente, usando um terninho preto, de grife, com uma blusa cor de creme por baixo e botas pretas reluzentes de bico quadrado.

— Oi - ela diz, numa voz tão chocha quanto ela - Você é Stacey Brown?
Afirmo com a cabeça.

Ela se apresenta como oficial Tate, aparentando ter vinte e poucos anos, cabelos castanhos na altura dos ombros, com luzes muito bem feitas, com um pedaço platinado que balança sobre seus olhos.

— Tenho algumas perguntas para fazer sobre a noite passada - ela diz, mostrando-me seu distintivo - Posso entrar?

Eu concordo e dou um passo para o lado, deixando a mulher entrar até o centro do quarto. Ela puxa um caderninho de anotações espiralado de uma bolsinha negra e quadrada e o abre em uma página em branco. Antes de ela tentar tomar o controle da situação, eu me agarro firme nas rédeas.

— Minha companheira de quarto esta desaparecida e eu quero saber o que vocês vão fazer a respeito disso.

Ela estuda minha expressão por trás de suas lentes de contato coloridas, esperando quebrar meu olhar rígido, esperando que eu olhe para o outro lado. Como eu não olho, ela puxa um lápis de trás da orelha e o coloca sobre a página branca e limpa de seu caderno de anotações.

— Há quanto tempo ela esta desaparecida

— Desde a noite passada. Ela foi deixada aqui, em frente ao dormitório, mas não chegou a voltar para o quarto.

— Existe a possibilidade de ela ter ficado no quarto de outra pessoa? Vocês duas tem brigado?

— Não. Quer dizer, sim. Quer dizer, sim, nós tivemos uma briga. Mas, não, ela não deve ter ficado no quarto de outra pessoa.

— Como você sabe?

— Olhe, eu não tenho tempo para discutir. Eu apenas sei.

— Você não esta me ajudando, Stacey.

— Você não me ouviu? - eu pergunto - Drea esta em apuros.

— Preciso que você se acalme - ela se move em direção á cama para que eu me sente. Mas como eu poderia me sentar? Como posso relaxar enquanto Drea esta desaparecida e sou a única que parece se importar? Eu agarro a garrafa da proteção da mesa de Drea e a seguro perto do peito.

— Olhe, Stacey, podemos ficar dando voltas inúteis com essa conversa ou você pode deixar que eu lhe ajude. Mas o único jeito de eu fazer isso é se você falar comigo. Comece pelo começo e me conte o que aconteceu.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Tudo bem - digo, mesmo sabendo que toda essa coisa de ter que começar do começo com a pequena srta. Luzes, que não parece estar nem um pouco interessada em Drea, não está nada bem.

— Que bom - ela me entrega o copo de água que estava perto da cama. Você já conversou com seus pais sobre isso?

Balanço a cabeça.

— Bem, eu preciso conversar com eles antes de interrogar você.

— Por que? Minha me não está nem aí.

— É o procedimento padrão. Você precisa contar para ela o que está acontecendo e que você vai conversar comigo. Não posso lhe interrogar antes que você faça isso - ela puxa um celular - Qual é o número de sua mãe?

Reviro os olhos e falo o número, pensando em como toda esta formalidade não fazia sentido. Como não fazia o menor sentido que minha mãe “quero ser adolescente para sempre” seja agraciada com o título de adulta enquanto eu sou considerada uma criança.

— Alô? Sra. Brown? Aqui é a oficial Jan Tate do Departamento de Polícia de Hanover. Sua filha, Stacey, gostaria de falar com a senhora - a oficial Tate me passa o telefone. Eu o pego e o coloco no ouvido.

— Stacey? - minha mãe diz - O que está acontecendo?

— Mãe, uma coisa muito ruim aconteceu. Uma garota no campus foi assassinada na noite passada e eu... encontrei o corpo.

— O que?

— Eu sei. Eu tenho que conversar com a polícia sobre isso. E eu precisava falar com você primeiro.

— Stacey, espere. Por que eles vão interrogar você? Por que você não me ligou para falar sobre isso? Você não está em nenhuma encrenca, esta?

— Eu não sei.

— Drea também está sendo questionada?

— Não, Drea está desaparecida.

— Desaparecida? O que você quer dizer com desaparecida? - ela pergunta.

— Quer dizer que não consigo encontrá-la e não sei onde ela está.

— Ah, meu Deus, Stacey. Você precisa que eu vá para aí?

Passo os segundos seguintes tentando convencer minha mãe de que eu conseguiria lidar com a situação por minha conta, mas ela me fez prometer que ligaria para ela depois de conversar com a Senhorita Luzes.

Eu desligo e olho para a oficial Tate, que está ocupada olhando para o grande pedaço de cristal e para todas as velas que estão em minha mesa.

— Pronto - digo, quebrando sua atenção - Tudo certo.

Já que eu mal consigo enfiar meus pés nos sapatos cobertos de lama da noite passada, completamente ensopados por causa de nossa corrida pelo campo de futebol, e sequer consigo encontrar sapatos que combinem no meio de toda a roupa espalhada em nosso quarto, eu não tenho escolha a não ser puxar os tênis amarelos que estão em meu armário, aqueles com contos de madeira nas pontas dos cadarços. Aqueles de meu pesadelo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Enfio a garrafa de proteção no bolso do casaco e a sigo pela porta do *hall*, mantendo uma distancia de pelo menos três passos atrás dela. Por sorte, ela estacionou a viatura ao lado do prédio, onde não há um monte de gente andando. Eu me sento no banco de trás, mesmo achando que ela me garantiria o privilegio de sentar na frente, e mantenho minha cabeça baixa para que ninguém me veja.

Quando chegamos lá, a oficial Tate me levou para dentro da delegacia - um pouco diferente daquelas que aparecem nos filmes. Em vez de mesas em fila como as das escolas, mata-borrões cheios de migalhas de rosquinhas, copos de isopor e telefones fora do gancho; esta um silêncio total. Um vidro escuro separava a recepção dos escritórios. A oficial Tate balançou a cabeça para o cara atrás do vidro e ele nos deixou entrar.

Eu a segui por um pequeno corredor, aproveitando para dar uma espiada nos escritórios dos dois lados, onde oficiais trabalham nos computadores e vasculham arquivos. Ela aponta para a sala da direita.

— Sente-se um pouco aqui, eu já volto.

Aqui, sim, parece como na TV. Paredes brancas sem acabamento, chão de linóleo sujo, mesa de madeira laminada e cadeiras de metal. Eu tiro a garrafa de proteção do bolso e a seguro para que me dê força.

A oficial Tate volta pouco tempo depois. Ela fecha a porta atrás de si e coloca um gravador na mesa entre nós. Nos sentamos; ela sorri para mim, aperta o botão de gravação e começamos a conversar. Conversamos sobre Verônica e os detalhes da noite passada. Ela me faz contar cada detalhe, desde o momento que invadimos o quarto de Verônica até quando eu encontrei seu corpo na sala de aula. Eu rapidamente me dei conta que a srta. Luzes era mais esperta do que seu cabelo demonstrava. Ela torce e revira as perguntas e tenta me guiar por elas, fazendo-me dizer coisas diferentes. Mas eu sei todas as respostas; estou confiante nelas. E não tenho nada a esconder. Quase nada.

— E você chegou a ver quem mandou o *e-mail*? - ela observa meu rosto esperando a resposta.

Olho para a garrafa de proteção em meu colo, perguntando-me o que estou fazendo, porque estou tentando protegê-lo.

— Foi Chad - digo, finalmente, sentindo-me egoísta por não ter ficado quieta.

Ela balança a cabeça como se já soubesse.

— Em sua opinião, Satcey, Chad e Verônica eram bons amigos?

Nego com a cabeça, sabendo exatamente aonde essa linha de raciocínio iria me levar.

— Então, por que você acha que ele ficou tão preocupado por ela estar colando?

Eu me encolho.

— Você acha que ele só queria um motivo para ficar sozinho com ela?

— Não - tapo meus olhos com as mãos enquanto imagino Chad convidando-a para ir até lá e então aparecendo um pouco depois. Por que ele faria isso?

— Você quer fazer uma pausa?

Nego com a cabeça e respiro fundo.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Eu não sei por que ele faria isso.

Quando a oficial Tate parece satisfeita o bastante com minhas respostas, ela caba tentando me animar por muitos minutos enquanto eu descarrego nela tudo sobre meus pesadelos e a leitura das cartas. As ligações, os bilhetes, a roupa suja roubada, os lírios e o que eles significam, o jeito que eu sentia o cheiro de sujeira vindo de seus talos e pétalas. Eu conto o quanto eu senti o cheiro antes, contei do sutiã rosa de Drea e de como eu conseguia sentir as vibrações na lavanderia. Eu até contei para ela o quanto tentei ajudar Drea com os feitiços. Como Amber, Drea e eu criamos a garrafa de proteção e consagramos seus poderes. E quando eu termino, quando eu finalmente estou pronta para respirar, ela me olha como se eu fosse louca, como se fosse eu quem devesse ir para um hospital.

Claro, nada do que eu disse - nem uma sílaba - valia a pena entrar em seu caderno de anotações. E isso só me deu vontade de rasgar o maldito caderno de suas mãozinhas parafinadas e enfiá-lo no lixo.

— Você ainda tem algum dos bilhetes que Drea recebeu? - ela pergunta.

Nego com a cabeça, lembrando de como Drea queimou os bilhetes sobre uma de minhas velas. Mas foi aí que lembrei.

— Nós encontramos um bilhete na caixinha de jóias de Verônica.

— E o que estava escrito?

— “Cuide de sua vida”.

— Hmm... parece que alguém estava bravo com Verônica.

— Obviamente.

— Escute Stacey - ela diz depois de um grande suspiro e inclinando-se para frente, colocando seus cotovelos sobre a mesa. - Vamos considerar que Drea realmente recebeu essas coisas. É difícil conduzir uma investigação sem nenhuma evidência.

— E o corpo de Verônica Leeman não é evidente o bastante?

— Vamos falar sobre isso. Amber me falou que vocês foram para a escola na noite passada para pegar um livro que você deixou em uma das salas.

— Ela disse? Quando você falou com ela?

A oficial Tate limpou a garganta, ignorando a pergunta.

— Pelo que você acabou de me contar, isso obviamente não é verdade.

Eu considero o fato de ser condescendente com a verdade de algum jeito. Algum jeito de sustentar toda a informação que dei para ela e proteger a mentira de Amber ao mesmo tempo. Viro-me para olhar para a porta, me perguntando se esta trancada, e por que será que não há nenhuma janela nesta sala. Isso tudo me deixa paranóica.

— Não - digo, decidindo contar a verdade.

— Você sabe por que Amber mentiu?

Nego com a cabeça. Mas com certeza deve ter a ver com o fato de não ser presa por arrombar o quarto de outra pessoa, estar fora depois do toque de recolher ou arrombar e invadir uma propriedade da escola. Mas a pena para qualquer uma dessas coisas parecia incrivelmente pequena comparada a tudo que já tinha acontecido. Amber não tinha o direito de mentir. E nem eu.

— Vou fazer o seguinte - ela começou - Vou fazer um relatório sobre sua alegação de que sua companheira de quarto desapareceu e investigar isso



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

pessoalmente. Mas antes preciso que você responda uma coisa para mim. Você já tinha falado com alguém sobre essas visões que você diz ter?

— O que você quer dizer com “visões que eu digo ter”?

— Bem, Stacey, você tem que admitir, isso não é exatamente... comum.

Levanto-me da mesa, estufando o peito e mandando minha voz uma oitava acima.

— Você não acredita em mim?

— Eu não disse isso.

— Olha, você pode pensar que sou louca ou não, mas alguém esta atrás de Drea — seguro a garrafa de proteção perto de minha cabeça, onde começou a doer — Você não entende? Ele vai matá-la, assim como matou Verônica. As cartas, os lírios, os bilhetes, meus pesadelos... hoje é o dia da morte de Drea.

A oficial se levanta da mesa, sua voz fina como areia de praia.

— Acho que você precisa descansar um pouco mais. Você teve uma noite muito difícil ontem. Isso deixaria qualquer pessoa um pouco... confusa - ela apertou o botão de parar o gravador.

— Eu não estou confusa!

Ela puxa um cartão de visitas do bolso de sua jaqueta e o segura como se fosse um pirulito, como se ela fosse uma enfermeira e eu fosse a paciente do consultório pediátrico em que ela trabalha.

Como se nada que eu disse tivesse significado alguma coisa.

— Eu provavelmente terei que te fazer outras perguntas mais tarde - ela diz - mas pode me ligar se lembrar de qualquer outra coisa.

— Então, vocês irão atrás de Drea? - eu pergunto.

— Como eu disse, vou ver e depois volto a falar com você. Mas não se preocupe, ela provavelmente ficou no quarto de outra pessoa, especialmente porque vocês brigaram. Sempre vemos acontecer esse tipo de coisa - ela me estica o cartão mais uma vez, para que eu o pegue. Eu o enfio em meu bolso de trás.

— Bem - ela sorri - Agora deixe-me levá-la de volta para o campus.

Ela abre bem a porta para que eu saia.

Foi quando eu soube com certeza. Se eu quisesse salvar Drea, eu mesma teria que fazer isso.



30

A caminhada que cruza o campus da Hillcrest a caminho do dormitório dos garotos demorou mais do que o habitual. A policia havia bloqueado o prédio O'Brian inteiro, incluindo a área do estacionamento e o quarteirão da frente, forçando os estudantes a passarem pela passarela principal. Equipes de repórteres, administradores e curiosos se agrupam para tentar ver a cena, ávidos por qualquer pequeno pedacinho suculento que pudesse servir de novidades para a manhã. Para minha sorte, a historia ainda esta relativamente fresca; os repórteres ainda se referiam a mim como “a estudante que encontrou o corpo”. Mesmo assim, eu me perguntava se algum deles sabia que a estudante era eu.

Passo pelos montes de estudantes o mais rápido que posso, desviando de bolsas e driblando mochilas - o pessoal saindo para o fim de semana. Alguns veteranos tratam a situação como se tivessem em um filme de terror barato, correndo de um lado para o outro, fazendo piadas doentias, tentando deixar todo mundo mais perturbado, como se ainda fosse possível.

— A ultima a sair do compus é uma adolescente morta - um deles gritou.

Enquanto isso, um grupo de calouras está parado discutindo acalorada e escandalosamente a apenas alguns metros dali, chorando e se abraçando. Travo olhares com uma delas - uma garota com os cabelos vermelhos arrepiados e um rosto cheio de espinhas. Seus lábios abriram quando ela me viu, e fico imaginando se havia alguma ponta de suspeita em seu rosto. Olho para frente e continuo andando.

Quando me senti um pouco mais a salvo, parei para olhar de perto a cena. O edifício O'Brian parecia tão diferente da noite passada, tão violado, com a fita amarela da policia enrolada nele e a multidão de fotógrafos. Meus olhos percorreram os rostos de cada um dos que ali estavam - chorando, negando com a cabeça, apontando para a janela por onde nós entramos.

Já estou quase me virando para ir embora quando vejo Verônica. Ela está parada além da fita amarela, seu rosto virado para mim, deitado sobre o ombro de um homem muito mais velho, com quem está abraçada.

Pisco os olhos algumas vezes, confusa, nervosa, pensando por um momento que de alguma forma tudo isso foi um enorme erro.

Mas depois percebi que não era Verônica.

A mulher se soltou do abraço, mas manteve seus braços seguros ao lado do homem enquanto continuou soluçando no colarinho de sua jaqueta. Seus cabelos balançando sobre seus ombros, enrolados e acastanhados, da cor de noz-moscada. Mas eram seus olhos que mais me espantavam. Sem dúvidas, era verde-musgo. Os olhos de Verônica. A mãe de Verônica.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

A visão dela fez com que meus joelhos tremessem, meu coração ficou apertado. Eu já estava me sentindo terrível. Horrível. Culpada. Responsável. Mas pensar em Verônica como a filha morta de alguém me fez sentir ainda pior.

Eu continuo cruzando o campus, diminuindo o campo de visão, tentando não olhar para nada nem ninguém. A parte irônica de toda essa cena de policia/segurança é quando eu chego ao dormitório dos garotos não há ninguém na recepção, apenas hordas de garotos saindo pelas portas, sem sequer assinar a saída para o fim de semana. Abri caminho entre eles e subi as escadas até o segundo andar. Eu preciso encontrar a única pessoa que eu acho que pode resolver essa charada.

PJ.

— Sim - diz ele, espiando por uma fresta da porta.

— Pj? - está tão escuro no quarto dele que eu mal consigo ver seu rosto. - É você?

— Quem mais poderia ser? - ele afastou um pouco mais a porta, deixando-me ver que ele havia pintado o cabelo de novo. Desta vez de preto.

— Por que esse quarto escuro? - eu o afasto de minha frente e entro no quarto.

— Ajuda-me a pensar. Gosto de fazer isso de vez em quando - ele fechou a porta atrás de mim. - Está uma loucura lá fora. Um pouco real demais para o meu gosto.

— Irreal - eu sussurro. Olho pela janela, para a persiana abaixada e pergunto-me se ele iria mesmo insistir em ficar no escuro.

— Eu quase não te reconheci com o cabelo dessa cor.

— Por acaso você me confundiu com a capa da Vogue deste mês? - ele puxa alguns fios de seu cabelo, mas não do jeito que costuma fazer. Ele não está sorrindo, não está expelindo confiança., E ele sequer está olhando para mim.

— Pode ser - digo, acendendo a luz.

Ele espreme os olhos.

— A que devo tamanho prazer?

— Precisamos conversar.

— Parece bem sério.

— E é. Preciso que você me conte exatamente o que aconteceu na noite passada quando você foi buscar Drea e Amber no hospital.

— Como assim? Eu fui buscar as duas e as deixei em casa.

— Você deixou as duas em casa?

— Si, señorita.

— Amber me contou que ela foi com Drea até a entrada do dormitório e depois voltou para o carro para conversar.

— É verdade. Ela queria ficar sozinha comigo. Quem pode culpá-la? A megerinha.

— Vocês dois brigaram?

— Brigar? Foi exatamente o contrário. A menos que você ache que umas mordidinhas carinhosas sejam violentas.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Não - eu argumento. - Vocês dois estavam, brigados. Você ficou louco com ela. Por causa do Donovan. Porque ela estava toda pendurada nele. E ignorando você.

— Estamos falando línguas diferentes aqui. Eu não sei do que você está falando. Amber pode se pendurar e se agarrar com quem ela quiser, incluindo eu. Noite passada foi assim.

Minha cabeça começou a girar. Coloco as mãos sobre o rosto para tentar fazê-la parar.

— Preciso me sentar.

Pj apontou para a cama, cheia de roupas sujas e caixas velhas de pizza. Eu procuro um lugar limpo e me jogo ali.

— Você quer um pouco de água? - ele foi até o frigobar e me passou uma garrafa de água com o gargalo sujo de chocolate. Eu bebi mesmo assim.

— O que está acontecendo com você? - ele perguntou. - É por causa de Verônica?

Confirmei com a cabeça.

— E como se isso já não fosse ruim o suficiente, Drea sumiu. Ela não foi para o quarto depois que vocês a deixaram lá noite passada.

— Isso é impossível. Talvez ela apenas tenha saído antes de você levantar hoje de manhã.

Eu não conseguia mais ouvir explicações “plausíveis” para o sumiço de Drea. Eu me levanto da cama.

— Você pode me responder mais uma pergunta?

— O quê?

— Por quanto tempo Amber ficou no hall com Drea antes de ela voltar para o carro?

— Eu não sei, uns cinco minutos. Não foi tempo o suficiente para matar ninguém.

— Porque você disse isso? - eu falo na hora. - Como você pode imaginar que...

— Olha Stacey - diz ele. - está tudo ficando um pouco esquisito aqui, até mesmo para mim. Você parece insegura. Tenho certeza de que Drea está bem. Provavelmente está pintando a unha em algum salão de beleza. Por que você não vai até a polícia e enche o saco deles por causa disso? Tem uma porção deles rodando por aí.

Ele abriu uma fresta na persiana para olhar para fora.

— Eu tenho meus próprios problemas para resolver hoje.

— Como quais?

— Como não ter um álibi para a noite passada.

— E por que você iria precisar de um? Onde você estava?

— Aqui pintando meu cabelo. Apesar de Amber estar toda caidinha por Donovan, eu achei que ela ia gostar do meu novo visual provocante; alto, escuro e perigosamente elegante.

— Achei que você não se importava com as paqueras dela.

— Não me importo - diz ele.

— Então por que você precisa de um álibi?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Porque eu odiava Verônica Leemon e talvez parte de mim quisesse acabar com ela. Você sabe disso. Todo mundo sabe disso. E as pessoas estão começando a falar disso.

— Que pessoas?

— Não importa. O que importa é que ninguém me viu perto do dormitório noite passada e não havia ninguém na recepção para me ver entrando.

— Agora é você quem parece inseguro.

— Talvez - diz ele, abrindo a porta para eu sair. - Ou talvez eu seja inseguro



31

Sem saber para onde ir e o que pensar, volto direto para meu quarto. Mas antes que possa sequer colocar um dedo para dentro, sou impedida pela mulher barbada em pessoa: Madame Descarga.

— Você perdeu a reunião - ela diz.

— Eu sei. Eu tive que ir até o campus - enfio minha chave na fechadura e evito contato visual, esperando que ela se toque.

— Foi uma reunião obrigatória. Você foi marcada como ausente. E você precisa de permissão especial de seus pais ou responsáveis para faltar.

Eu viro a chave. Click. Está aberto. Agora, por que ela não vai embora? Olho para ela, esperando matar sua curiosidade o suficiente para que ela vá embora.

— Desculpe-me. Eu garanto que vou me desculpar com o diretor Pressman na primeira oportunidade que eu tiver.

Ela deu um passo adiante e pude sentir o cheiro de salgadinho em seu hálito - Doritos misturado com Coca Diet. Ela estuda meu rosto, o jeito que meus olhos se mexem o inchar involuntário de minhas bochechas.

— Quando disseram que você estava ausente, algumas garotas disseram que te viram em uma viatura de polícia. É verdade?

Eu nego com a cabeça, deslizo para o quarto e fecho a porta. Não tenho tempo para me preocupar com madame Descarga ou com qualquer outra pessoa espalhando besteiras a meu respeito. Já são quase cinco. Faltam apenas sete horas para a meia noite, quando o dia terminará definitivamente. Jogo-me na cama e noto, quando o celular de Amber está encostado em meu pé. Eu o desplugo do carregador e enfio no bolso, pensando em como Amber havia mentido para mim sobre conversa com a oficial Tate, e como eu não tive mais notícias dela desde manhã.

Isso não faz sentido e eu não consigo mais pensar. Pego o cartão da oficial Tate no bolso e telefone. Talvez ela tivesse descoberto alguma coisa sobre Drea.

— Alô? Preciso falar com a oficial Tate. Diga que é Stacey Brown.

Mas a oficial Tate não está e eu não me dou o trabalho de deixar mensagem. Tento ligar de volta para a minha mãe, como prometi, pensando em quanto uma pequena inspiração maternal possa talvez ser boa neste momento, mas o telefone apenas toca e toca. Grande.

Alcanço o álbum de recorte da família. Se eu não posso me comunicar com os espíritos enquanto estou dormindo, terei que me comunicar enquanto estou acordada. Viro as páginas até o capítulo rotulado “Comunicando-se com os espíritos” e decido fazer o feitiço escrito por minha bisavó.

As instruções indicam que eu preciso escrever cada letra do alfabeto em um papel. Mas eu não tenho tanto tempo. Vou até o armário e retiro um velho jogo



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

de formação de palavras todo empoeirado da última prateleira. Eu o tenho desde que eu participei do campeonato de soletrar na quarta série e sei que estão faltando algumas letras, mas não faz mal. Estou segura que vai dar tudo certo.

Empurro minha cama para o lado para dar espaço para um círculo sagrado, coloco oito velas brancas grossas no chão, marcando as oito direções de norte a oeste e acendo todas com um palito de fósforo longo. Minha avó sempre falou da importância de um círculo sólido, que não possa ser penetrado por espíritos inquietos que espreitam à procura de uma abertura.

Salpico sal grosso e açúcar por todo perímetro do círculo e coloco pedras e cristais ao redor das bordas. No meio, eu coloco uma tigela de cerâmica recém-lavada. E nela coloco alguns pedaços da barra de chocolate que Drea estava comendo na noite passada (os pedaços com as marcas de dente) um pouco de cabelo de sua escola e dois fragmentos de unhas postiças (ainda grudadas no plástico), que eu consegui encontrar no lixo.

Espalho as letras do jogo bem na minha frente, colocando o S para a esquerda, significando o “Sim”, o N para a direita, significando o “Não”, e o I para cima, significando “Interrogação”. Está tudo pronto. Eu me sento em silêncio por alguns momentos, tentando me equilibrar com as energias que fluem por meu corpo e pelo quarto.

— Ao mal não é permitido entrar neste círculo sagrado - eu sussurro. - Este círculo é sagrado é seguro. Este círculo sagrado é poderoso. E este círculo sagrado sabe de tudo. Eu imagino um círculo de luz sobre este círculo sagrado. Ele me envolve e me mantém a salvo enquanto eu invoco os poderes que me permitem falar com aqueles que já se foram.

A temperatura do quarto cai e um arrepio percorre meus ombros.

— Mãe sagrada, eu vos invoco para que me deixe falar com Anne Blake, minha avó. Posiciono minhas mãos sobre as letras e espero muitos segundos para que a janela bata ou o chão balance - todas as histórias que ouvi sobre o jogo do copo feito no meio da noite e invocação de espíritos feita em festa de pijamas. Mas nada assim acontece. Para falar a verdade, o quarto está mais quieto do que nunca.

Fecho os olhos de novo e tento me concentrar ainda mais forte.

— Vovó? - eu sussurro. - Você está aí?

Viro as palmas das mãos para baixo e as giro no sentido anti-horário sobre as letras. E então sinto a energia do quarto guiando meus dedos em direção da letra S.

— Você pode me ajudar a entender meus pesadelos? - sinto minhas mãos seguindo a letra I. Repito fundo para que as perguntas em minha mente se organizem, mas acabo perguntando a coisa mais óbvia de todas.

— Você sabe quem é o perseguidor de Drea? - minhas mãos se movem para a letra S.

Dou outra respirada funda, me preparando para a resposta. Eu quase nem quero saber.

— Qual é o nome dele? - eu pergunto.

Eu espero alguns segundos, pela energia que guiará meus dedos na direção da resposta. Rotaciono minhas mãos sobre as letras e dobro meus pulsos para



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

cima e para baixo, como se isso fosse fazer diferença. Mas é quase como se minha avó não pudesse me ajudar, e eu tivesse que descobrir sozinha.

— O perseguidor é alguém que eu conheço? - minhas mãos param no meio da rotação e seguem para a letra S.

Eu fecho meus olhos, concentrando-me no que eu devo perguntar em seguida, e a pergunta parece óbvia.

— Por que estou tendo esses pesadelos? - eu sinto minha mão ser puxada pelas letras, meus dedos movendo-se por entre elas, pegando as letras que sinto serem as corretas. Eu as desloco pelo chão até a energia em minhas mãos parar, até que as letras solem DZR FUTR. Eu não tenho tempo para adivinhar quais são as letras que faltam. Preciso continuar.

Empurro as letras de volta para o meio das outras e reposiciono minhas mãos sobre elas.

— O perseguidor disse que viria atrás dela. Agora que ele veio, para onde ele a levou? - sinto a energia guiar meus dedos de volta para as letras, escolhendo uma série e deslizando-as para o lugar. Desta vez elas soletram SUS SONHS.

Penso nisso por alguns momentos. Se meus sonhos supostamente deveriam me ajudar a dizer o futuro, então a resposta para onde eu encontrarei Drea é algo dentro deles. Fazia o mais perfeito sentido, como se eu soubesse de tudo por todo este tempo.

Vejo as chamas das velas ondulando para frente e para trás como pequenas cobrinhas brilhantes, imaginando se devo fazer outra pergunta, se isso iria me ajudar, se haveria tempo.

— Vovó - eu sussurro. - Porque eu tenho molhado a cama? O que isso significa?

O quarto fica mais frio nos segundos que eu espero. Mantenho meus olhos fechados, concentrando-me na pergunta, confiante em meus pensamentos. Depois de algum tempo, sinto como se a energia houvesse sido tirada de minhas mãos. Meus dedos seguraram as letras, um punhado delas e as arruma no lugar. Elas soletram EL ST SCNDODA.

EL ST SCNDODA. O que isso quer dizer?

Eu não tenho tempo para descobrir o que é. Tenho que confiar no que eu já sei.

— Obrigada, vovó - eu sussurro. - Sinto a sua falta.

Apago as velas com um assoprão para finalizar a sessão e saio do círculo sagrado. Eu tenho que ir onde Drea está.

Na floresta.



32

Entro na floresta pela abertura de árvores enfileiradas atrás de nosso dormitório. Antes de eu sair, acabo ligando para a oficial Tate para dizer a ela onde estou indo. Se ela me levaria a sério ou não, isso é outra história.

Mesmo assim, ela disse que viria. Eu rezo para que ela venha mesmo.

Esta escuro, o emaranhado de galhos sobre mim bloqueia o resto de luz que vem do pôr do sol. Estou, provavelmente, a menos de uma hora de não conseguir enxergar mais nada. Por que não pensei em trazer uma lanterna?

O cheiro de terra me envolve e se intensifica a cada passo cuidadoso que dou. Eu ando por vários minutos, fazendo o Maximo para manter-me em algum tipo de caminho, para continuar na direção reta. Eu me concentro nos ruídos ao meu redor - grilos cantando, folhas estalando e galhos partindo-se embaixo de meus pés. Mas estão eu escuto mais - passos talvez, o som do corpo de alguém movendo-se através das moitas, abrindo caminho entre os galhos.

Eu tento decifrar de qual direção o som vem, mas a campainha em meu bolso me impede, enviando uma gota de pânico para todos os ossos de minha espinha. O celular de Amber. Eu esqueci que estou com ele. Escondo-me atrás de uma árvore e atendo.

— Alô?

— Stacey, graças a Deus você está com meu telefone.

— Amber - eu sussurro - Não posso falar agora.

— Encontre-me em meu quarto. Decidi que quero conversar com a polícia.

— Você já falou com eles. Eu já sei.

— Eu falei com uma moça, uma policial, por uns, sei lá, cinco minutos.

Mas eu pirei completamente e falei umas besteiras, só por falar, e dei o fora de lá. E eu realmente não falei muito. O que eu podia dizer? Eu fui da negação para a repreensão em menos de vinte e quatro horas. Assassinatos me fazem sentir assim, eu acho. Tudo isso é tão “*Atração Mortal*” ou “*Jovens Bruxas*”. Tão real.

— Eu estou meio ocupada.

— Bom, então se desocupe porque estou pronta para falar com a polícia agora, Stacey, e quero que você esteja lá comigo quando eu for.

— Não posso!

— Você pode e você vai. É pela Drea. Vejo você em alguns minutos - ela desliga.

Desligo também, sem nenhuma intenção de ir encontrá-la. Eu não tenho mais nenhum minuto a perder.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Continuo em meu caminho, concentrando-me na essência da floresta, esperando que ela me leva até Drea. Esta tudo quieto de novo, como se quem quer que esteja me seguindo tivesse parado ou seguido em outra direção.

Ando mais uns minutos e chego a uma pequena clareira. Olho para o céu, buscando algum tipo de direção, imaginando que as nuvens negras podem em apontar o caminho, abrindo algum tipo de mapa. Mas elas foram se juntando, formando um aglomerado de lírios azuis enfumaçados, lembrando-me que eu tinha de me apressar.

Sigo a passos gigantes e com os braços esticados, tirando os galhos da frente do rosto. Paro por um momento e viro-me, com a certeza de que alguém se movia trás de mim novamente. Dou alguns passos rápidos para abrir distancia. A pessoa que esta me seguindo faz o mesmo.

Eu acelero ainda mais - Estou correndo agora -, fazendo o Maximo para avançar entre os arbustos e encontrar um lugar para me esconder. O chão vai se tornando barro sob meus pés. Cada passo me faz afundar mais, ir mais divagar, me puxando para baixo pelos pés.

Dou um passo grande e meu pé, além do tornozelo, afunda na lama. Puxo-o pela perna. O peso da lama literalmente engoliu meu tênis. Agora tinha que continuar descalça, lutando para abrir caminho entre o barro ensopado, para chegar até um solo firme. Mas então tive que parar. Havia uma dor corroendo a sola de meu pé descalço. A sensação subiu por meu tornozelo e minha perna. Abaixo-me para sentir o ponto da dor. Havia um galho enfiado em minha pele. Sinto que começo a ofegar; sinto as luzes atrás de mim começarem a diminuir. Eu queria vomitar. Na escuridão, tento alcançar algum galho que me ajude a ficar de pé, mas cabo escorregando e caindo sentada no chão frio e molhado.

— Stacey - sussurrou uma voz masculina.

Uma voz diferente daquele que eu esperava ouvir - mais macia, gentil. Sincera. Mesmo assim eu agarro uma pedra no chão com firmeza e me preparo para atacar.

— Stacey - a voz repetiu - É você?

Um faixo de luz encontra o caminho entre meu pé descalço e meu rosto, o que me faz cerrar os olhos. E então move-se para iluminar quem a esta segurando.

É Donovan. E ele esta se escondendo. Ele se agacha entre dois arbustos grossos, seu rosto parcialmente coberto pelo emaranhado de galhos.

— Eles já se foram? - ele pergunta - Você viu alguém?

Seu rosto pálido, mascarado por uma mistura de medo e suor.

Mas o que ele esta fazendo aqui?

Balanço minha cabeça e seguro meu pé descalço, tentando descobrir se o galho tinha entrado muito fundo - uns dois centímetros, talvez.

— O que aconteceu? - ele pergunta.

Mas eu estou tão ofegante, com a transpiração pingando de minhas tempôras, que não consigo responder.

Donovan puxa um celular do bolso. Ele disca e coloca o fone em seu ouvido.

— Merda - diz ele.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— O que? - eu murmuro.

— Policia. Estou tentando ligar, mas meu celular esta sem serviço - ele olha por sobre os dois ombros, quebra alguns galhos e se move em minha direção. Ele aponta para meu pé descalço.

— Aqui, deixe-me ajudá-la - ele coloca a lanterna no chão para que a luz continue apontada para meu pé. A ponta do galho saindo pelo tecido da meia, bem no meio do curativo que eu fiz para tapar o corte que ganhei do vidro quebrado em nosso quarto. Donovan inspeciona a ferida e então segura a ponta do galho.

— Devagar - digo, dando-lhe permissão.

Ele concorda e torce o galho com cuidado, tirando-o de meu pé, imaginando o quanto ele deve ter entrado no músculo.

Donovan tira minha meia. Surpreendentemente, o galho não esta muito ensangüentado nem a ferida. Eu o oriento a puxar algumas folhas de uma arvore. Esfrego-as na ferida, com a intenção de limpá-la um pouco.

— Como você está? - Donovan pergunta.

— Como você acha? Mas vou ficar bem - eu enfaixo o corte com minha meia e a amarro o mais forte que eu consigo para impedir o sangramento.

— Você tem certeza?

Afirmo com a cabeça.

— Mas o que você esta fazendo aqui? - ele olha por sobre os ombros - Esqueça isso, não temos tempo. Não podemos ficar aqui. Fique perto de mim. Consegue andar? Você quer que eu te carregue?

— Não, estou bem.

— Vamos - diz ele - Eu não sei quem esta tentando me pegar, mas eles vão nos encontrar aqui com certeza.

— Quem?

Donovan pega minha mão e me ajuda a levantar, ignorando minha pergunta. Ele coloca seu braço ao redor de meus ombros e coloca a lanterna entre nós dois, para que eu também possa ver. Nós continuamos correndo pelos arbustos, sobre as rochas e entre as árvores. Ele, olhando o tempo todo sobre os ombros para ver se estávamos sendo seguidos; eu, mancando o mais rápido que podia, tentando manter a velocidade apesar do rombo no pé. Chegamos a outra clareira e paramos para recuperar o fôlego.

— Espere Donovan - eu sussurro, finalmente. Coloco minha mão ao redor da garrafa de proteção, ainda no bolso de meu casaco. Com fé, ela iria me proteger.

— Vá em frente sem mim, se você quiser - eu não conseguiria continuar correndo. Se eu quisesse salvar Drea, teria que parar e encarar o futuro que havíamos criado.

Ele olhou para mim, um pouco confuso.

— Não vou te abandonar no meio da floresta. Você nem deveria estar aqui. Por que você esta?

— E por que você está aqui? - eu pergunto.

— Eu tinha que verificar uma coisa.

— O que?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Somente algo de que ouvi falar, ta bom? Então, eu vim nessa direção, vi algo que não devia e estive correndo desde então. Fim da historia. E eu só quero dar o fora daqui inteiro.

— Espere! O que você viu?

— Nada que você queira saber agora - diz ele - Confie em mim.

— Bom, eu também preciso verificar algo. E eu não quero mais fugir.

— Vamos fazer o seguinte - ele iluminou com a lanterna ao redor até ver uma rocha - Abaix-se e vá andando até atrás daquela pedra, eu vou me certificar de que eles foram embora. Se tudo estiver limpo, nós podemos voltar para o campus.

Ele enfiou a mão no bolso e retirou do chaveiro uma lanterna do tamanho de uma caneta.

— Segure isso. Eu já volto. Apenas tente não fazer nenhum barulho.

Pego a lanterna, mas não me sento. Olho para o céu negro, onde os topos das arvores haviam se separado levemente, permitindo-me localizar a estrela do norte. Eu respiro fundo, deixando que as luzes das estrelas e a lua encharquem meu rosto e me dêem energia.

E é quando me lembro: o caderninho de Donovan esta no bolso interno de minha jaqueta. Eu o puxo de lá, lembrando-me de como ele disse que estava desenhando a noite passada. Eu viro a pagina, há um único desenho de noite no caderno. Uma figura de lua minguante.

Mas a lua esta noite esta crescente. E a lua crescente e minguante são separadas por meio mês. É impossível que isso tenha mudado esta noite.

Aponto a pequena lanterna na direção para onde ele foi. A luz fraca permite que eu ilumine apenas alguns metros adiante. Dou passos cuidadosos sobre moitas e folhas caídas, tentando fazer o Maximo de silencio. Há o que parece ser um tipo de trilha marcada entre um grupo de arvores. Eu sigo por ela, usando meus instintos mais básicos como guias.

Penso em fazer algum feitiço de ultimo minuto, conjurando algum espírito capaz de responder minhas perguntas. Mas, de algum modo, no fundo de meu ser, eu já sei do que preciso. É da mesma maneira que quando vovó falava sobre como os feitiços de repente fazem sentido - como somos nós quem damos significado a eles, como em algum lugar no fundo de nós repousa a mais poderosa verdade e vontade de todas.

Levanto um delicado galho em forma de garfo na frente de meus olhos. E foi quando eu a vi: a construção que eu havia visitado em sonho. A estrutura de uma casa, iluminada a distancia por refletores. Lembro-me de repente do e-mail que Drea recebeu - aquele que Chad mandou para ela - “A Casa que Jack Construiu”.

Aqui eu vou encontrar Drea. Estou certa disso.

A estrutura da casa é bem do jeito que eu sonhei. Alta, tabuas grossas erguidas para formar paredes. E uma arcada retangular na frente, onde fica a entrada.

Andando na ponta dos pés agora, me movo em direção á frente da casa, temendo saber exatamente o que ia encontrar. E lá esta. Recentemente riscado. O nome de Drea escrito no chão.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Eu quero vomitar. Coloco a mão na frente da boca e seguro firme. Isso não pode ser real. Não pode estar acontecendo.

Mas esta.

Sinto que me afasto para longe das letras, minha testa se choca contra um refletor pendurado no teto parcial. Uma explosão de pontos coloridos se dá em frente aos meus olhos, quase me cegando. Mas quando as cores somem, eu consigo ver. É exatamente como no sonho, como se eu já tivesse vindo aqui antes. Eu paro na grande área aberta, emoldurada por grandes placas de madeira. À minha frente há um longo corredor com quartos adjacentes para a esquerda e para a direita.

Dou passos pequenos e atravesso as placas, procurando por algum sinal de Drea. Passo por uma grade de madeira e consigo ver um cobertor caído no chão de um quarto, com outro refletor balançando sobre ele. Eu me aproximo. Parece que alguém organizou um piquenique. Uma cesta de vime, com um pedaço de pão francês e uma garrafa de vinho. E uma variedade de lírios recém-colhidos enfiados em um vaso de cristal.

O vento desliza por entre o esqueleto da casa e me distrai, soprando meu cabelo para trás. Meu olhar atento flutua para o canto do quarto. Uma mochila azul-marinho está pendurada na parede. Eu me aproximo dela lentamente, achando que algo vivo poderia estar adormecido dentro dela. Eu a pego, abro o zíper e olho dentro. Mas está muito escuro para ver qualquer coisa direito.

Eu me sento com a mochila e aponto a lanterna para dentro dela. Só há uma lata de *Coca Diet*. Eu a puxo para fora, notando que há uma marca de batom cor-de-rosa na abertura. A cor favorita de Drea. O próximo item dentro dela é uma barra de chocolate comida até a metade - do tipo que Drea sempre compra na máquina no salão do dormitório - com a embalagem de plástico envolvendo as marcas dos dentes, por proteção. E seu caderno de anotações de física, aquele que Chad havia pegado emprestado.

Consigno ver mais um item, lá no fundo. Sua sombra faz um formato redondo no *nylon* do tecido. Enfio a mão e tiro para fora. É o sutiã rosa de Drea, aquele que havia sido roubado da lavanderia.

Meu corpo começa a tremer. Mordo a língua para não gritar.

O celular de Amber toca em meu bolso. Eu atendo o mais rápido que consigo.

— Alô? - eu surro, ainda tremendo, mal conseguindo manter o telefone nas mãos.

— Onde diabos está você?

— Amber - eu me engasgo, tropeçando na respiração.

— Você deveria me encontrar em meu quarto. A polícia está aqui também. Eu liguei para a oficial Tate. Estamos aqui, esperando por você...

— Não, eles estão vindo para cá. Ela está vindo para me encontrar. Eu falei com ela.

— Sim, bom, mas eu disse que você estava vindo para me encontrar. Espere, qual é o problema com você? Tem algo errado?

Um estalo no assoalho. Eu olho na direção do salão principal, notando que um dos refletores havia sido desligado. Ouço passos caminhando sobre a



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

madeira em um dos quartos. Eu desligo o telefone, enfio tudo de volta na mochila e a lanterna no bolso. Levanto-me no centro do quarto, sem conseguir me mover, esperando que a escuridão me esconda.

Estou sozinha. Ninguém mais vai vir.



Os passos vindos em minha direção é tudo que consigo ouvir. Estico os braços e abro os dedos para tentar encontrar uma porta que me leve até o salão principal, por onde eu entrei. Apesar da dor crescente, eu coloco todo meu peso no pé descalço cada passo, para evitar barulho, mas então meu tornozelo faz um estalo escandaloso.

Fecho meus olhos, cerro os punhos e continuo parada, tentando não respirar. Espero vários segundos, mas só há silêncio.

Lentamente, eu me arrasto até a parede e toco as placas com os dedos, tentando encontrar a porta de entrada. E quando encontro, paro onde imagino ser o meio da sala, tento me lembrar se a porta da frente é para a direita ou para a esquerda. A escuridão se intensifica, fazendo com que eu encolha meus ombros, fazendo minha cabeça girar. Eu quero gritar.

Os passos continuam vindos em minha direção no escuro, mas então param; sinto que está a apenas alguns centímetros agora. Eu aperto meu corpo contra a placa de madeira, tentando me espremer para fora pelas frestas. Mas não adianta. Eu não passo. O único jeito de sair daqui é pela porta da frente.

— Stacey?

Meu queixo treme. Devo falar? Devo responder? Seguro a garrafa de proteção tão apertada que penso que o vidro pode se estilhaçar.

— Stacey - ele repete. - É você?

— Sim.

Ele liga o refletor que está sobre nossas cabeças e leva alguns segundos até que sua imagem deixe de ser um borrão de luz misturado com escuridão. E então eu percebo o jeito que ele está olhando para mim - a cabeça meio jogada para um lado, as sobrancelhas arqueadas, os lábios apertados. Era ele. O rosto em meu pesadelo. Aquele que eu vi, mas não conseguia lembrar.

Donovan.

O desenho. A fase da lua. O rosto em meu sonho. Sua constante obsessão por Drea e todas as outras coisas em sua mochila. Donovan.

Ele está parado no meio da sala, bem abaixo do refletor.

— Você quase me matou de medo - diz ele. - Eu voltei para te procurar, mas você não estava lá e eu... você está bem?

Os dentes batendo, o maxilar duro, eu tento fazer que sim com a cabeça.

— Acho que a barra está limpa se você quiser ir embora - diz ele.

Concordo novamente, mas não me mexo.

— Bem - diz ele. - o que há de errado?

Volto meus ombros para o lugar e aperto a garrafa de proteção, lembrando a mim mesma sobre a força e o fortalecimento.

— Onde está Drea?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Drea? - a pele entre seus olhos se junta, enrugando, como se ele estivesse realmente confuso.

— Não vou sair daqui sem ela.

— Você não quer ficar aqui, Stacey. Confie em mim. Eu sei que nós temos sido os melhores amigos ou mesmo amigos. Mas você precisa confiar em mim nisso. É melhor se nós dois sairmos juntos. Eu explico tudo quando voltarmos. Mas como disse antes, não vou te deixar aqui sozinha.

Procuo em seu rosto algum sinal de falsidade. Mas seus olhos não recuam nem por um segundo. Eles estão travados em mim, fazendo com que eu quase acredite nele. Quase.

Uma bolha de energia explode em meu peito.

— Diga-me onde está Drea. Agora!

— Eu já te disse, eu não sei do que você está falando, mas acho que é melhor você ir embora antes que seja tarde.

— Fale ou não vou para lugar nenhum.

— Não! - ele grita. Ele se precipita em minha direção, suas mão na altura de meus ombros, e me empurra contra a parede.

Seguro a garrafa de proteção em meu bolso, envolvo as mãos na base e atinjo nas partes baixas - com força. Donovan cambaleia para trás e deixa escapar um grunido curto. Mas não é o bastante. Ele segura meu pescoço e empurra minha cabeça contra uma placa de madeira.

— Donovan - eu engasgo, tentando engolir, sentindo cada músculo de meu pescoço trabalhar.

A garrafa de proteção escapa de meus dedos.

Suas mãos se fecham mais. Até eu não conseguir mais respirar, até meu mundo cair em silêncio.

Sinto meus lábios abrindo, minha língua saindo, minhas pálpebras piscando.

— É hora de ir para casa, agora! - ele salta as mãos de meu pescoço e sinto meus joelhos cedendo. Caio no chão. Minhas mãos envolvem meu pescoço. Começo a tossir. A engasgar. Tentando encher meus pulmões de ar novo.

A garrafa de proteção está caída no chão a apenas alguns centímetros de mim. Ainda tossindo, eu a alcanço e a seguro, e então me levanto para ficar cara a cara com Donovan. Posso sentir o ringindo de meus dentes. Aperto a garrafa de proteção e, com toda a força acerto a lateral de sua cabeça.

A cabeça de Donovan se inclina para trás. Ele grita e se dobra até o chão, a lanterna cai de sua mão. Eu a pego e corro.

Eu sei que era apenas uma questão de tempo antes que ele se recuperasse e viesse atrás de mim. Enfio a mão no bolso para pegar o celular de Amber, mas não está mais lá, apenas a pequena lanterna. Eu paro, sinto o que há nos ombros da jaqueta, aperto seu forro, mas não há nada. Não está em nenhum lugar. Será que eu o deixei cair? Enfiei na mochila por acidente?

Continuo correndo, esfregando os cantos dos olhos - lágrimas misturadas com ar frio. Minha respiração parece ainda mais alta do que o barulho dos galhos quebrando embaixo sob meus pés enquanto eu corro. Parece que há vidro



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

quebrado embaixo de meu pé descalço, como se eu não fosse conseguir continuar. E então, abaixo de meu estômago uma ferroada, um puxão.

Eu tenho que fazer xixi.

Aponto a lanterna para meu caminho incerto, seu faixo de luz iluminado pedaços de floresta em trechos longos e finos. A ansiedade crescendo mais dolorosa a cada passo. Eu preciso encontrar um lugar para ir. Eu paro por um segundo, atrás de uma árvore e cruzo as pernas.

Tenho que confiar em meu corpo, o que ele está tentando me dizer, aonde ele irá me levar. Eu coloco as mãos entre minhas pernas e luto contra a vontade de desistir. O que isso quer dizer? O que isso tudo pode me dizer? E então eu finalmente percebo - o lugar para onde o meu corpo quer que eu vá o mesmo onde vou encontrar Drea. EL ST SCNDDA. Ela está escondida. Drea está escondida lá dentro.

Eu volto correndo na direção da construção. Eu preciso chegar lá, achar Drea e sumir desta floresta antes que Donovan mate nós duas.



34



Encontro o banheiro portátil - uma caixa de fibra de vidro de dois metros e meio de altura verde-grama. Está caído de lado.

Apoio a lanterna em uma pedra no chão, apontando a luz para mim. E então me abaixo e sinto as laterais da caixa. A porta virada para o lado. Eu a puxo, notando um longo bastão de ferro enfiado em uma fenda do tamanho de um dedo ao lado do trinco e passando até o outro lado da caixa. O bastão está na frente da porta, mantendo-a trancada.

— Drea - eu sussurro na fenda da porta.

Não há resposta.

Eu puxo o bastão, tentando soltá-lo da fenda, a vontade de fazer xixi acalmou.

— Drea - eu sussurro de novo. - Você consegue me ouvir?

Seguro o bastão com força, mas meus dedos escorregam pelo metal cada vez que eu o puxo.

Eu quero gritar. Quero vomitar. Mas não posso fazer nenhuma das duas coisas. Não há tempo. Drea depende de mim. E eu dependo de mim mesma.

Procuro no chão. Deve haver algo que eu possa usar. Uma pedra. Eu preciso de uma pedra. Lá, iluminada pela luz da lanterna, eu noto uma, do tamanho de uma bola de softball. Eu a seguro com as duas mãos. Olho para ela. Sinto seu peso e o lado mais macio.

Volto para o banheiro, levanto a pedra acima da minha cabeça e atinjo a ponta do bastão. Ele se move uns 5 cm pela fenda. Falta mais meio metro.

Eu repito a ação, de novo e de novo, vendo o bastão se mover lentamente para soltar a porta. Perguntando-me onde Donovan estaria e se conseguiria me ouvir. Os músculos de meus braços fraquejam. Mais uns 3 golpes. Talvez quatro. Mas nas próximas batidas o bastão pareceu não se mover. Fecho os meus olhos, tento controlar minha respiração e direcionar meu fôlego para meus braços, para fortalecê-los. Levanto a pedra uma ultima vez, e acerto a ponta do bastão. Ele passa pela fenda. Finalmente a porta está solta.

Abro a porta. Lá está ela. Em posição fetal. Os olhos escancarados, como um gato. Seus cabelos espalhados e sujos sobre o rosto. Pedacos grossos de fita adesiva sobre a sua boca e ao redor dos pulsos e tornozelos.

O mau cheiro terrível do banheiro me atinge no rosto, fazendo meu estomago revirar. Eu a seguro pelos pulsos e a deslizo pela porta. Posso ouvi-la soluçando embaixo da fita. Sua cabeça está tremendo, como se ela estivesse com frio e com medo ao mesmo tempo. Eu pego um pedaço da fita, perto de sua orelha, e puxo até que sua boca fique livre, até libertar seus soluços.

— Drea - eu suplico -, você precisa ficar em silêncio - olho ao redor. Nada de Donovan ainda.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Eu tento desajeitadamente encontrar o final da fita que envolve seus tornozelos, por onde eu possa puxar, mas não consigo fazer meus dedos serem suficientemente rápidos. Drea continua soluçando - soluços grossos, famintos, como se ela não conseguisse respirar o suficiente. Ela arranha os joelhos para baixo e para cima, como se isso fosse soltar a fita.

— Drea - repito-, você precisa ficar quieta.

Encontro a posta da fita ao redor dos tornozelos. Olho por seus ombros de novo. Ainda nada, acho que sinto sua aproximação. Drea mexe os pés para frente e para trás enquanto eu me aproximo do fim.

— Pare - eu sussurro-, você está dificultando as coisas.

Ela geme ainda mais alto. Ele provavelmente já nos ouviu.

Eu solto seus tornozelos, me levanto, agarro seus braços e coloco de pé, Ela não se mexe. Peso morto.

— Drea, vamos lá - eu suplico.

Ela olha para baixo, balança a cabeça e continua chorando.

— Drea, por favor. Eu preciso que você me ajude. Ele está voltando, você não entende? Ele matou Verônica. Nós podemos ser as próximas.

Ela dobra os joelhos até o peito e aperta as pálpebras para não me ver. Eu respiro fundo, me agacho, coloco um braço sob seus joelhos, o outro sob suas costas e tento carregá-la.

Eu luto para ficar em pé, colocando todo o peso em minhas pernas, mas a planta do meu pé parece que vai se rasgar inteira; sinto uma queimação, uma vontade de coças. Dou um passo e acabo caindo de costas, Drea em cima de mim, chorando mais alto.

Procuro a garrafa de proteção em meu bolso. Coloco-a em suas mãos e vejo seus dedos sujos de terra e de sangue, segurando a base.

— Lembre-se da força - eu sussurro. - E da segurança.

Isso parece acalmá-la um pouco. As lágrimas descem por seu rosto com menos energia e seus olhos se acalmam em um olhar vazio.

Bem em nossa frente noto que um dos arbustos balança. Eu tiro Drea de cima de mim e seguro a lanterna. Ilumino a área, mas não consigo ver nada. Só resta uma coisa a fazer.

Coloco minhas mãos por baixo dos braços de Drea e começo a arrastá-la pelo caminho, os calcanhares de suas botas cavando a terra, como se ela quisesse se ancorar no lugar.

Eu a arrasto de costas o mais rápido que consigo, tentando olhar por cima do ombro a direção. Procuro no céu a estrela do norte para ter certeza que estamos indo na direção do campus, mas as copas das árvores bloqueiam a visão, deixando tudo mais escuro. Sigo na direção de uma área repleta de arbustos grandes.

Drea olha para mim e sua boca abre em um grito. Alto. Enlouquecido.

Uma lamina toca meu pescoço, forçando-me a largá-la.

— Você não desejaria ter voltado para o campus agora? - Donovan respira pesadamente. Ele me segura por trás, a ponta da faca espetando minha pele.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Não! - Drea Grita. Ela levanta os braços até a cabeça, como se quisesse tapar os ouvidos, bloquear tudo, mas seus pulsos presos não permitem que ela fizesse isso.

— Donovan - minha laringe subia e descia sob a força da sua mão. - Drea... ela precisa de ajuda, um medico.

— Foi você quem fez isso. É a sua culpa - Donovan me solta e me empurra para o chão; eu caio sentada.

— Mão para trás! - ele grita;

Eu faço o que ele manda. Ele se agacha ao lado de Drea, mas mantém os olhos em mim. Toca a lateral do rosto dela, esfrega a faca em sua bochecha e levanta seu queixo para que ele possa olhar para ele.

— Está tudo bem agora. Tudo vai ficar bem.

Drea nega com a cabeça.

— Eu tenho que fazer isso - ele segura os punhos dela presos. - Você entende? - ele abaixa ainda mais para observá-la, olha para seus olhos vermelhos lacrimejantes, os caminhos formados por lágrimas e sujeira seca que descem por seu rosto, a terra que envolve sua boca pálida, o jeito que ela se sacode para frente e para trás, chorando e se engasgando com o ar.

— Eu tive que amarrá-la assim; você disse que queria ir embora. Eu tinha que fazer você me ouvir; tinha que fazer você entender.

Vejo um galho grande, em forma de garfo, próximo de mim. Olhando para Donovan, eu me sento reta, estico minha coluna, tentando pega-lo

— Eu te amo Drea - Donovan continuou. - É por isso que eu planejei tudo isso. A casa, o piquenique, os lírios - ele sorri, enquanto a explicação lhe causa certo prazer.

— Eu só te escondi porque não queria ninguém te achasse. Você não entende como isso teria destruído tudo? Se você voltar para casa comigo, vou te mostrar tudo que eu planejei. Vou te mostrar o lugar onde escrevi seu nome, onde plantei mudas de lírios que formam as letras.

A respiração de Drea fica ainda pior e mais difícil enquanto ele fala com ela.

— Donovan. Eu sei que você quer o melhor para ela. Mas ela esta congelando. Ela não está conseguindo respirar. Ela precisa de um medico.

— Não! - Donovan grita. Ele aponta a faca para o meu rosto e suas mão balançam com raiva. - Não até ela entender.

Ele se vira para ela, mas matem a faca apontada para mim, no meio do ar.

- Eu vou cuidar dela. Eu sou o único que sabe como.

Estico minhas pernas e tento alcançar o galho com o meu pé.

— Eu te amo Drea - ele toca a lateral de seu rosto. - E eu sei que você me ama também. Eu sei que você amava falar comigo... no telefone... nossas longas conversas...

Seus olhos estão cheios de lágrimas e desesperado, esperando uma resposta, uma afirmação.

O choro de Drea fica ainda mais alto mais difícil a cada respiração. Ela se aperta mais ainda e continua se balançando para frente e para trás.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— Qual é o seu problema? - Donovan grita. - Porque você não diz nada? Por que ela não fala nada? - ele me olha por sobre a faca.

— Você matou Verônica. Você ligou para ela e enviou lírios e bilhetes e esta fazendo a mesma coisa com Drea.

Donovan balançou a cabeça.

— Foi um acidente. Ela roubou minha idéia de surpresa e a distorceu, para seu próprio benefício - Donovan enfia a faca na terra varias vezes.

— Ela queria te assustar Drea. Ela queria fingir que estava sendo perseguida e depois ia desaparecer, para que você pesasse que algo de muito ruim havia acontecido com ela. Ela achou que se você ficasse assustada o bastante, iria abandonar o campus e ela poderia ficar com Chad.

Eu olho para a faca sendo enfiada na terra uma vez, e outra e outra. Olho para seus ombros e fico perguntando-me se seria capaz de derrubá-lo, de segurar seu braço abaixado. Desloco-me para a esquerda, para mais perto do galho.

Seus olhos continuam fixos em Drea, na tentativa de convencê-la.

— Eu tive que impedi-la, Drea - ele continuou. - Eu não queria fazer o que eu fiz. Você tem que acreditar em mim. Eu não sou assim. Ela queria assustar você para que você abandonasse a escola. Você não entende? Eu não podia deixá-la fazer isso.

Ele continua apunhalado o chão, a lâmina cada vez mais se aproxima de seu joelho. É quase como se ele realmente a amasse. Ou achasse que ama. Talvez fosse isso que meu pesadelo estivesse tentando me dizer. Talvez o amor realmente fosse engraçado - de um modo estranho. Talvez até bizarro. Eu olhei para Drea, ainda balançando, seus olhos ainda vazio.

Donovan toma fôlego e enfia a faca em seu joelho, penetrando na pele, formando uma poça de sangue. Ele remove a faca com um puxão leve, mas continua apunhalado o chão, como se não importasse, como se tivesse sentido nada. Ele que Drea responda, diga para ele que tudo vai ter um final feliz, mas acho que ela nem está ouvindo.

Usando meu calcanhar, eu lentamente viro o galho em minha direção, dobrando o joelho lentamente viro o galho em minha direção, dobrando o joelho lentamente para trazê-lo para perto, sangue ensopando minha meia.

— Ela não era boa, Drea - Donovan suplica. - Ela disse que você era uma sem-vergonha.

Tiro minhas mãos do chão, atrás de mim. O galho agora está ao alcance. Eu o pego e Donovan nota.

— O que você está fazendo? - ele grita.

Eu me levanto e bato com o galho na sua mão que está segurando a faca. Mas em vez de derrubá-la, ele segura o galho e o arranca de minha mão.

Ele se levanta, quebra o galho em dois, em seu joelho, e joga os pedaços para longe.

Olho ao redor procurando algo que possa me proteger. Tem uma pedra à minha altura. Movo-me na direção dela, mas Donovan me agarra e me joga contra a arvore. Ele prende meus pulsos com uma de suas mãos e os levanta até perto da minha cabeça, pressionando a faca contra meu rosto.

— Você acha que é mais esperta que eu, não acha?



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Eu nego com a cabeça.

Ele desenha uma linha com a faca em meu rosto, sobre meu queixo, e a aponta para minha garganta.

— Não - Drea grita.

Eu olho sobre o ombro de Donovan. Drea está de pé, em seus dedos apertados com força, segurando a garrafa de proteção.

— Drea?

— Não! - ela grita, balançando a cabeça.

A mão de Donovan em meu pulso perde a força.

— Drea? - seus lábios se angulam na direção dela. Ele solta minha mão, mas mantém a faca apontada para mim.

Deixo meus braços caírem gradualmente, agarro a mão que está segurando a faca e mordo - com força, abrindo a pele. Ele solta um grito do fundo da garganta e deixa cair a faca.

— Drea - eu grito.

Ela se joga para pegar a faca e a segura bem firme nas mãos, junto à garrafa de proteção.

— Entregue para mim, Drea.

Mas, em vez disso, ela aponta a faca para ele.

Donovan estende o braço na direção dela, como se quisesse acalmá-la, pegar a faca de volta.

— Drea - diz ele. - Cuidado com isso. Você não sabe o que está fazendo.

— Não - Drea respira, a faca balançando em sua mão. - Sente! Sente!

Donovan se move para se sentar, mas então se joga em cima de Drea, agarra seus pulsos e retira a faca da mão dela.

Aproveito que ele está de costas para mim, dou um passo em sua direção, me posiciono de lado para chutá-lo com meu pé calçado, mas decido jogar meu joelho com toda a força na parte de trás de sua perna. A faca pula de sua mão. Ele cai de joelhos. Eu me movo e pego a faca, um pouco antes de seus dedos alcançarem.

— Parado - esta é a ultima palavra que eu repentinamente vem em minha mente, mas não sou eu quem a pronuncia. Olho para frente.

É a oficial Tate. Ela surge de trás de uma árvore do outro lado liderando alguns outros policiais, em nossa direção. Ela vem direto para mim.

— Largue a faca e se afaste. - ela diz.

Eu faço o que ela diz, sabendo que finalmente estamos a salvo.

A oficial Tate coloca um par de algemas prateadas em volta dos pulsos de Donovan e lê seus direitos. Outro policial tira a própria jaqueta e coloca sobre os ombros de Drea. Ele tenta tirar a garrafa de proteção de sua mão, mas ela puxa de volta. Então ele apenas solta a fita de seus pulsos.

Eu só fico parada no lugar, tentando absorver tudo, aliviada por não ter mais que lutar.

Donovan olha uma ultima vez para Drea antes de a oficial Tate levá-lo embora.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Com o mesmo olhar que sempre lançava para ela, intenso e cheio de desejo, como se realmente acreditasse que a ama. Como se ele fosse voltar um dia para provar o quanto.

Eu ando até Drea e a abraço.

— Desculpe-me - ela diz.

— Desculpe-me também.

Fecho os olhos e a aperto junto a mim, sinto seus dedos tocando minhas costas e apertando-me também, para retribuir o abraço. Por um momento, imagino que estou abraçando Maura.

— Obrigada - sussurro em seu ouvido

— Obrigada eu - ela sussurra em de volta.

Balanço a cabeça, agradecida por Drea estar a salvo, mas também agradecida por meu pesadelo real ter chegado ao fim.



35

Três meses depois, logo depois das férias de fevereiro e do julgamento, Drea voltou para o campus. Ela acabou voltando para casa imediatamente depois da prisão de Donovan e passou este tempo tentando se recuperar e entender coisas que pareciam impossíveis.

Agora que ela voltou e as coisas parecem acertadas, na medida do possível, Amber, Chad, Pj e eu planejamos uma espécie de reunião no café enforcado.

Ninguém parecia surpreso quando se descobriu que Donovan era o perseguidor de Drea. Todo mundo sabia que ele era louco por ela, literalmente. A única parte surpreendente para a maioria foi Verônica realmente estar envolvida, e um planinho ridículo para conseguir um garoto em sua própria morte.

E acabou que eu estava certa ao suspeitar da história de perseguição de Verônica. Como Donovan disse, Verônica não estava sendo perseguida mesmo. Mas ela ouviu que Drea estava e quis assustá-la. Basicamente, ela ia mesmo sair do campus por duas semanas para um safári com seus pais, uma viagem que ela, convenientemente, esqueceu de contar para Drea ou para qualquer outra pessoa. E não tão coincidentemente, ela deveria viajar na manhã seguinte ao dia em que ela disse que o perseguidor viria atrás dela. Em um plano absurdamente maluco, ela queria que Drea ficasse totalmente pirada ou sumisse do campus quando pensasse que Verônica havia sido pega: um presságio, basicamente, do que iria acontecer com ela.

Total e completamente triste.

Mas como eu acabei de dizer, Donovan ficou totalmente irritado quando ficou sabendo por meio de fofocas que Verônica e Drea estavam sendo perseguidas pela mesma pessoa. Foi ele quem escreveu e deixou o bilhete “Cuide da sua vida”, com o lencinho de Drea, na caixa de correio de Verônica. E ele deixou o lencinho de Drea como uma espécie de assinatura, para que Verônica soubesse que o recado tinha vindo do perseguidor de Drea, levasse a sério e parasse com a história de que também estava sendo perseguida. Além do que, dar para Verônica o lencinho faria com que um objeto de Drea ficasse em posse de Verônica. Assim, como sugeriu o advogado de acusação, se algo acontecesse com Drea, Donovan teria alguém para culpar.

Bizarramente esperto.

Acabou que o bilhete e o lencinho deixaram Verônica morrendo de medo mesmo, e é por isso que nos disse que não queria mais falar desse negocio de perseguidor. Mas, infelizmente, as fofocas não pararam. O que só deixou Donovan mais furioso ainda. E usando a conta de email do Chad, do mesmo jeito que ele usou para mandar para Drea o email “A casa que Jack Construiu”, ele atraiu Verônica até a escola para confrontá-la a respeito da tal perseguição, mas acabou matando-a por acidente, ele jurou.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

E o júri acreditou nele.

Eles também acreditaram nele quando disse que nunca teve a intenção de machucar fisicamente Drea. A perseguição, como ele e o advogado afirmaram, foi um jeito de se aproximar de Drea. E, quando Drea pareceu não se importar em fazer confissões com seu misterioso amigo telefônico, Donovan começou a confundir seu relacionamento e ficar possessivo, o que incluía ficar irritado e com ciúmes quando ela fazia planos com Chad. Foi ele quem roubou o blusão de hockey de nossa janela naquela noite, que o enfiou na caixa de correio com um bilhete “Fique longe dela, Estou de olho em você”. Foi ele também que roubou nossa roupa suja da lavanderia. Quando ele viu o sutiã e o lencinho de Drea em uma da pilha, ele simplesmente pegou tudo, esperando encontrar mais relíquias de Drea para completar sua coleção.

Na noite em que Drea foi levada, depois do hospital, quando Amber e Pj a deixaram na frente do dormitório, Donovan estava esperando por ela. Basicamente, ele a levou até a construção, que era seu ideal de lugar romântico, e confessou a ela seu amor imortal. Ela ficou toda esquisita e acabou dizendo que queria voltar para o dormitório.

Donovan disse não e a segurou, então pirou e ficou sem saber o que fazer quando ela não pareceu muito animada com seus planos de final feliz - daí veio a defesa de que suas ações não foram premeditadas.

Os lírios, ironicamente, foram escolhidos simplesmente porque Donovan gostava deles e achava que seu charme e elegância representavam Drea. E o email “A casa que Jack construiu” foi apenas uma charada, um prenúncio do encontro romântico que ele havia planejado para os dois.

Quando ele me viu na floresta na noite seguinte, procurando Drea entrou em pânico e inventou aquela historia idiota de que alguém estava nos perseguindo e de que não conseguia fazer seu celular funcionar. Com medo de que eu visse Drea na construção, mandou eu me esconder, inventou aquela desculpa de verificar as coisas, e então voltou e prendeu Drea no banheiro portátil.

No final, ele foi acusado por homicídio culposo, considerado com insanidade temporário e mandado para uma detenção juvenil para garotos com distúrbios mentais. E, mesmo assim, liberdade só daqui a cinco anos, em seu aniversário de vinte um. Não parecia justo. Verônica está morta para sempre.

Depois da prisão, a oficial Tate me deu uma gigante e longa bronca sobre me envolver em problemas que não eram meus, como poderia ter sido perigoso entrar na floresta sozinha, e como eu poderia ter colocado tudo a perder. Mas ela também me agradeceu, disse o quanto eu era corajosa e prometeu nunca mais subestimar o instinto humano natural.

Nem eu subestimaria.

E agora, depois do julgamento, a escola concordou em nos fornecer uma noite no Enforcado, fechado só para nossa despedida, e nos dando um vale-café ilimitado.

Decoramos o lugar do jeito mais animado possível. Chad e Pj penduraram fitas rosa e amarelas por todos os lugares, enquanto Amber e eu dobramos, amassamos e encapamos pedaços de papel crepom para fazer rosas e peças de



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

decoração. A escola até deixou a gente pegar emprestado o cilindro de gás Helio para encher os balões que amarramos em todas as cadeiras.

Não era uma festa surpresa, era apenas uma oportunidade para todos ficarmos juntos depois da partida de Drea. Ela vai passar o resto do ano letivo em casa, com professores particulares e um aconselhamento familiar, e depois volta para o ultimo ano.

Eu sei que vou sentir falta mais do que tudo, mas ao menos eu não terei o quarto todo para mim. Madame Descarga eu levasse Amber para morar comigo. Mas Amber só iria, segundo ela, se eu parasse com meu habito nojento de molhar a cama. Mas eu não tive mais nenhum acidente, ou pesadelo, desde o dia anterior à morte de Verônica.

— Nós compramos para ela um presente em conjunto? - Pj pergunta, sua voz modificada pelo gás Helio.

— Ainda bem que não contamos com você para isso - diz Amber, enchendo sua blusa com dois balões e admirando o perfil de seu busto no reflexo do espelho.

— O que você acha? - ela aponta os balões na direção dele e arqueia as costas para mostrar.

— Os reais são bem melhores, baby - ele cantarola e lhe manda um beijo.

Amber sorri e tira os balões da blusa. Esses dois têm passado muito tempo juntos nas ultimas semanas, como se a tensão do julgamento tivesse feito com que eles se conectassem de algum jeito, feito com que eles viessem o que é realmente importante. Acho que ele fez isso com todos nós.

Como presente de despedida para Drea, nós juntamos grana para comprar um diário novinho em folha, como se ela estivesse começando uma vida novinha em folha, e uma caixa de dois quilos de chocolate Godiva, para o caso de emergência. E eu também fiz um embrulho com a garrafa de proteção, ainda intacta.

— Ela chegou! - Chad grita.

Chad realmente tem sido ótimo durante todo este período. Ele foi ao julgamento todos os dias, ligava para Drea todas as noites em seu hotel, até fez anotações extras e ficou em dia com as lições das aulas enquanto ela esteve em casa, aulas que ele nem precisava assistir. O mais surpreendente até mesmo para mim, é que isso não me deixou com ciúmes. Apenas me fez perceber que pessoa maravilhosa ele é.

— Ah, meu Deus! - Drea gritou quando entrou. - Vocês não precisavam ter feito isso tudo.

— Stacey nos obrigou - Pj diz, passando os dedos por seus cabelos pintados de vermelho-cereja.

Passamos as horas seguintes rindo e fazendo piada de todos nossos momentos de diversão, antes de toda essa coisa com Donovan começar. Chad se lembrou do tempo em que eu, Drea e Amber saímos de fininho do dormitório tarde da noite e íamos ver filmes, vestido de pijamas. Ai então Pj fez uma imitação de cada uma de nós - Amber, Princesinha Pega; Chad, Mestre da preguiça; Tainha do Drama, Drea, e eu, Psicompanheira, mas conhecida por manter aberta uma linha direta vinte e quatro horas por dia. Claro que



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

retribuímos a atenção, tirando sarro de seu cabelo e dos lanches nojentos que ele inventa.

Depois que Drea abriu seus presentes e o ultimo biscoito de gergelim foi comido, Pj e Amber se despediram de Drea com um beijo e foram embora juntos, de mãos dadas.

Chad se virou para Drea.

— Eu posso te acompanhar.

— Você poderia me dar um segundo com Stacey? - Drea pergunta.

Ele concordou, pegando uma pilha de pratos sujos da mesa, levando-os pra a cozinha.

Drea fixou o olhar na garrafa de proteção que estava em suas mãos.

— Então você estará sempre segura - digo.

Nos abraçamos - um longo e apertado abraço - e fizemos o possível para não chorar.

— Irei visitá-la este verão.

Drea concordou e olhou para o outro lado da cozinha, onde Chad estava empilhando a louça.

— Ele é um grande cara, você sabe.

— Eu sei.

— Ele acha que você também é - ela diz. - Ele me contou. Ele sempre está me contando isso. Passamos muito tempo juntos nestas ultimas semanas, ele e eu. É bom sermos apenas amigos. É mais fácil. Melhor. E como sou amiga dos dois, acho que vocês deveriam tentar pelo menos uma vez.

— Drea?! - um sorrisinho nervoso, quase uma engasgada pulou de minha garganta. - Eu amo vocês dois - ela se inclinou e me deu um beijo na bochecha.

Chad ajudou a carregar as ultimas malas de Drea até o carro de seus pais, estacionado e esperando do lado de fora. Ficamos parados, nos despedindo, prometendo ligar, mandar email, visitar. E então seus pais a levaram embora.

E ficamos somente Chad e eu.

— Então - diz ele. - Acho que agora somos só nos dois.

— Eu acho que sim.

Ele levantou sua mão e eu a segurei, e senti como se fosse natal em minha pala- quentinho e confortável.

Passamos na frente do Enforcado, ignorando a bagunça lá dentro, como se limpar o lugar fosse colocar um ponto final definitivo no dia, e isso era a ultima coisa que queríamos. Quando nos demos conta, estávamos pegando o caminho até a árvore onde nos beijamos pela primeira vez, e então nos sentamos embaixo dela.

Encostou-me no tronco e sinto o frescor do inverno - frio suave e animador. O vento sopra meus cabelos para trás, fazendo com que eu me sinta linda. O cheiro da terra misturada com a friagem do ar. Isso me faz feliz por ir para casa nas férias de fevereiro. Feliz por poder descansar. Por ver minha mãe novamente. Por começar de novo.

— No que você está pensando? - Chad pergunta.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

— No quanto estou feliz. E em um déjà vu.
— Déjà vu?
— Você sabe. Já vi isso antes. Eu e você, aqui de novo.
— Então, acho que para isso ser um déjà vu verdadeiro eu teria que te beijar de novo.

Concordo, mas desta vez sou eu quem o beija. Um beijo quente picante e deliciosamente sexy.

E nos beijamos mais, e falamos, e rimos, até que finalmente ficou escuro, quando a lua cheia fez sua grande aparição e a brilhante estrela do norte se escondeu atrás das nuvens.

Senti-me mais forte do que nunca. Não por causa de Chad e por estarmos debaixo da nossa árvore de novo. Não porque eu sabia que não importava quantos pesadelos eu tivesse no futuro, eu sempre poderia confiar em mim mesma.

Fim

O segundo livro da série “Azul é para pesadelos” (Branco é para Magia), tem previsão de lançamento para o segundo semestre de 2010 (a editora responsável ainda não informou em qual mês será a publicação). Assim que for lançado, o mesmo será digitalizado pela comunidade Traduições e Digitalizações, assim como os demais livros da série.